

AS TERRAS DE ELYON

AS MONTANHAS MISTÉRIOSAS

PATRICK CARMAN

LIVRO I



 EDITORIAL PRESENÇA





PATRICK CARMAN

**As Montanhas
Misteriosas**

**As Terras de Elyon
Livro I**

Tradução de Isabel Gomes

FICHA TÉCNICA

Título original: *The Dark Hills Divide - The Land of Elyon Book I*

Autor: *Patrick Carman*

Tradução: *Isabel Gomes*

Capa: *Ilustração de Brad Weirman*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1ª edição, Lisboa, Agosto, 2007

Para a Karen

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer às seguintes pessoas e organizações pela sua contribuição para este trabalho:

À Jeremy Gonzalez, Jeffrey Townsend e Squire Broel. Sem eles este livro ainda estaria dentro de uma caixa, no meu armário.

Ao fantástico grupo da *Book and Game Company*, em Walla Walla, Washington; à *Third Place Books* em Seattle, Washington; e à Barnes & Noble em Kennewick, Washington. A sua paixão pelo trabalho foi a centelha que fez as coisas andarem.

À Brad Weinman pela excelente ilustração da capa da edição original, que captou a atenção de tantas pessoas.

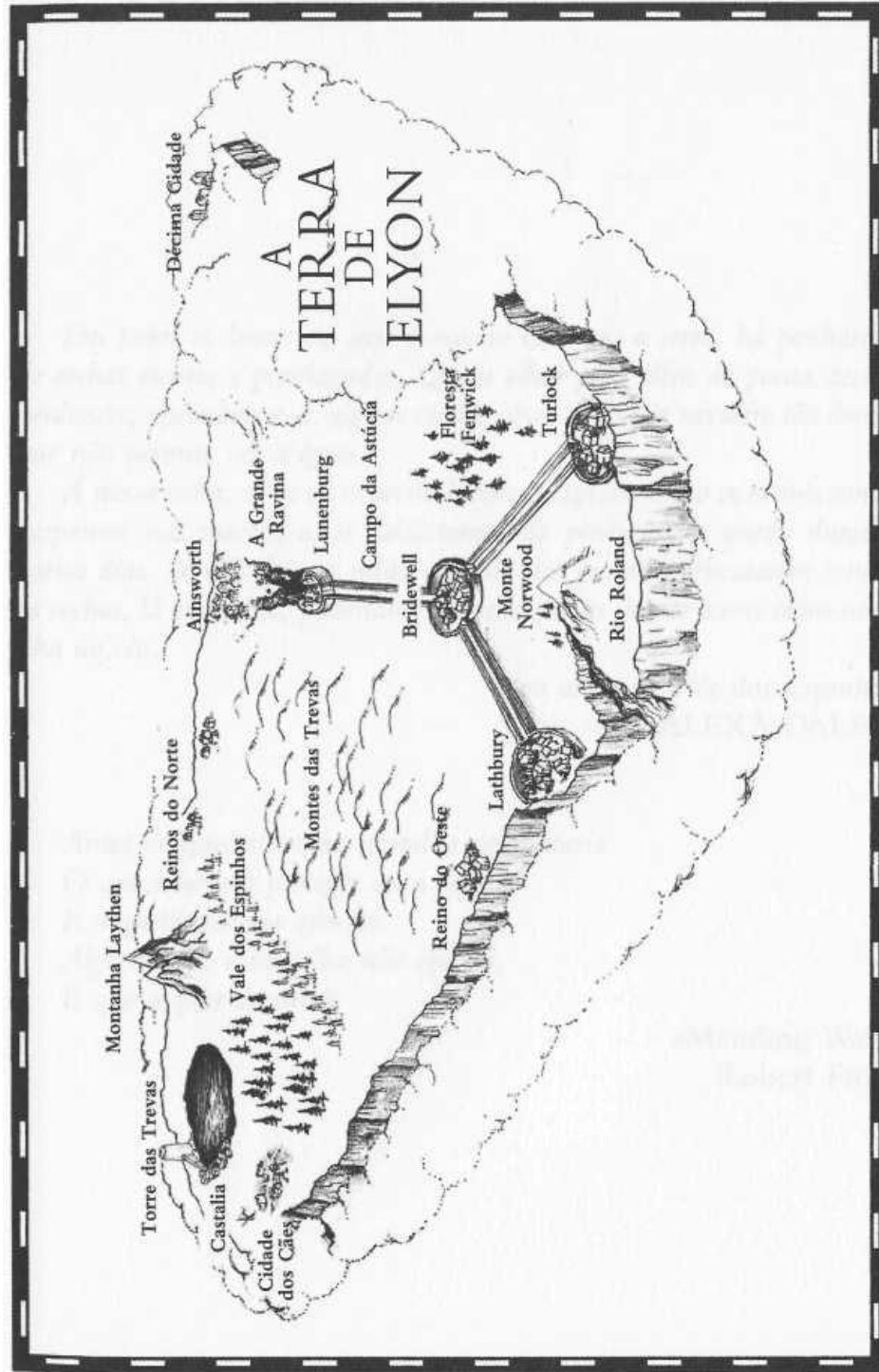
À Kathy Gonzalez e Matt McKern, duas pessoas trabalhadoras e talentosas, sem as quais este livro não teria visto a luz do dia.

À Peter Rubie, um grande agente. Obrigado pelo incansável trabalho que teve para colocar este livro no mercado.

À David Levithan. Não é fácil encontrar um editor com tanto empenho e talento como o David.

À Gene Smith, por ter encontrado, lido e promovido o livro.

À Graig Walker, por quem tenho o mais profundo respeito e admiração.



Em todos os locais em que o oceano encontra a terra, há penhascos de rochas escuras e pontiagudas. Quem olhar além da ponta desses penhascos, perceberá, alguns metros abaixo, um nevoeiro tão denso que não permite ver a água.

A nossa volta, só se vê nevoeiro branco e espesso, como se estivéssemos suspensos nas nuvens e, se saltássemos do penhasco, a queda duraria vários dias. Se não fosse o ruído violento das ondas a rebentarem contra as rochas, lá embaixo, poderíamos pensar que as nossas terras eram uma ilha no céu.

Além do Vale dos Espinhos
ALEXA DALEY

*Antes de construir uma muralha perguntaria
O que estaria a proteger ou a repelir,
E a quem poderia ofender.
Há algo que a muralha não aprova,
E que quer derrubá-la.*

«Mending Wall»
Robert Frost

PARTE I

CAPÍTULO 1

WARVOLD

— Pare de bater os dentes, ou teremos que regressar e nos sentar à lareira — disse o meu companheiro, despindo a sua enorme capa e colocando-a sobre meus ombros. Tinha que segurá-la no ar para evitar que arrastasse na estrada, mas caía-me bem, e não tardei a deixar de tremer.

O Sol tinha se posto e os candeeiros brilhavam sobre as ruas como lanças amarelas e afiadas, um a cada seis metros, dos dois lados da estrada. Iluminados pela luz suave, os calçamentos de pedrinhas arredondadas faziam com que aquela caminhada parecesse um sonho. Cada vez que contornávamos uma nova esquina, deparávamo-nos com nova fileira ziguezagueante de candeeiros, casas e vitrines de lojas. Algumas portas estavam pintadas de azul ou roxo-vivo; mas as casas em si, apertadinhas umas contra as outras, eram todas de pedra caiada de branco.

Caminhávamos juntos, sem dizer palavra. A cidade estava em silêncio, a não ser pelo piar ocasional e distante de uma ou outra coruja, empoleirada em cima da muralha em busca de ratos e outras criaturas do gênero.

Ao fundo de um calçamento escuro, deparamos com um portão de ferro, fechado à chave. Retirando uma chave dourada do bolso, o meu companheiro enfiou-a num pequeno medalhão oval que trazia pendurado ao pescoço. Era um medalhão que eu já tinha visto várias vezes. Observei-o enquanto ele o abria e tirava de lá outra chave. Ele era o nosso líder, o homem que se tinha aventurado mais do que qualquer de nós nos mistérios do mundo exterior. Fazia todo o sentido que fosse o guardião de uma chave secreta. Vendo bem, era ele o guardião de tão grande parte da nossa história e de tantos dos nossos segredos mais profundos! Observei-o enquanto ele metia a chave numa fechadura no portão e o empurrava, fazendo-o girar nas suas dobradiças enferrujadas.

O meu companheiro desapareceu na escuridão, dizendo-me que o seguisse sem fazer barulho. Às apalpadelas, procurei a sua mão e, de mãos dadas, avançamos, a sua capa arrastando-se agora pelo chão atrás de mim. Depois parou, tirou a minha mão da sua e, abrindo-a completamente, puxou-a para frente até eu sentir a superfície lisa da rocha, ainda quente do sol daquele dia. Esticando o braço tanto quanto podia, senti uma fenda e depois mais rocha.

— É a muralha — explicou ele. — Achei que gostaria de tocá-la. — Não conseguia ouvir nada além da sua respiração. Passado algum tempo, continuou. — Passei a minha juventude a construir esta muralha para manter afastadas as coisas perigosas. Agora, às vezes, interrogo-me se não as terei encerrado aqui dentro.

— Porque diz isso? — À medida que os meus olhos se acostumavam à escuridão, comecei a distinguir as suas feições. Estava pensativo, olhando fixamente para a muralha enquanto passava os delicados dedos pela fenda. O seu rosto marcado pelo tempo estava cheio de rugas, e o cabelo e barba emaranhavam-se um no outro formando uma massa branca e fofa.

— Vamos fazer o seguinte, Alexa... porque não nos sentamos um pouco e eu te conto uma história? Não podemos dar na vista, caso contrário o velho Kotcher pega seus cães e vem à procura de um petisco.

Ele tinha fama de inventar histórias assustadoras de aranhas gigantes que transpunham a muralha para comer crianças, portanto fiquei preocupada.

— Que tipo de história é que vai contar? — perguntei.

— Na realidade, é mais uma fábula que uma história. Ouvi-a há muito tempo, durante as minhas viagens e antes disto tudo — disse, movendo a mão à sua frente, com o olhar distante. — A maioria das pessoas não faz idéia do quanto viajei enquanto era jovem. Caminhei quilômetros e quilômetros em todas as direções e durante meses a fio, sempre sozinho.

«Mais tarde apareceram a Renny e depois o Nicholas, e tornei-me cada vez mais protetor. Tinha um medo terrível de me afastar deles, por isso comecei a ficar mais perto de casa. Não tardou nada, estava a construir estas muralhas para proteger a minha família e todas as outras pessoas.

Estávamos os dois sentados e ele olhou-me nos olhos, enquanto continuava.

— Lembre-se de uma coisa, Alexa. Se fizer de algo o trabalho da sua vida, certifique-se de que é uma coisa da qual possa se orgulhar quando for uma velha relíquia como eu. — Fez uma pausa, e eu fiquei sem saber se era para que as suas palavras causassem efeito ou porque tinha se esquecido do que ia dizer. Depois disso, retomou a conversa.

— Estava eu numa das minhas viagens distantes, quando ouvi esta lenda.

Gostei tanto dela que a memorizei:

*Haviam seis homens da Indostânia,
Que, muito dados ao estudo,
O Elefante foram visitar.
Embora todos fossem cegos,
Cada um queria, pela observação,
Satisfazer a sua mente
O Primeiro aproximou-se do elefante e,
Caindo sem querer
Contra o seu flanco largo e forte,
De imediato começou a gritar:
— Valha-me Deus!
O elefante é muito parecido com uma parede!
O Segundo, apalpando uma presa, gritou
— Ahá! Que temos aqui?
Tão redondo, liso e afiado?
Para mim é evidente: este prodígio de elefante
É muito parecido com uma lança!
O Terceiro aproximou-se do animal e,
Segurando a tromba com as duas mãos, disse:
— Agora entendo.
O Elefante é muito parecido com uma serpente!
O Quarto estendeu uma mão curiosa e,
Apalpando a zona do joelho, disse:
— É muito fácil de ver que o elefante
A uma árvore se assemelha.
O Quinto, que tocou na orelha, disse:
— Até um cego vê que, o que isto mais parece,
Ninguém pode negar,
Esta maravilha de Elefante
E muito parecido com um leque!
O Sexto mal tinha começado
A apalpar a criatura quando,
Agarrando na cauda oscilante,
Que passou à sua frente, disse:
— Agora entendo.
O Elefante é muito parecido com uma corda!
E assim, estes homens da Indostânia*

*Muito tempo discutiram,
Cada qual com sua opinião,
Teimando, embora todos estivessem certos
E todos estivessem errados.*

— Nada mau para um velhote esquecido — brincou Warvold.

— Pare de ser tão deprimente. Acho que tem uma ótima memória.

— Há muitos segredos encerrados nestas muralhas e muitos mais rondam fora delas — disse o meu companheiro em tom profético. — Acho que estão todos prestes a se encontrar.

Murmurou qualquer outra coisa sobre «eles terem razão desde o início», mas estava agora mais calado, falando consigo mesmo e baixinho.

Continuamos ali sentados, escutando o suave vento noturno. Algo nas suas palavras — algo naquela noite — penetrou na minha pele, fazendo-me tremer ainda mais do que momentos antes. Tinha a sensação de que alguma coisa estava errada. Alguma coisa muito maior que eu.

— Estou ficando com frio. Podemos ir embora? — perguntei. Ele não me respondeu e, quando olhei para cima, para o seu rosto, naquela noite límpida e fria, percebi imediatamente de que Warvold estava morto.

CAPÍTULO 2

A ESTRADA PARA BRIDEWELL

Tinha doze anos, era pequena para a minha idade e tinha braços magros e joelhos nodosos. O meu pai costumava brincar, dizendo que conseguia enfiar o meu antebraço na sua aliança de casamento (infelizmente, o exagero não era grande). O cabelo, que eu usava quase sempre numa trança, era cor de areia.

Poucas horas antes da morte de Warvold, viajava com o meu pai da nossa cidade natal, Lathbury, para Bridewell. Como menina de doze anos, com uma vida sem aventura, esta nossa viagem anual a Bridewell era o acontecimento pelo qual eu mais ansiava.

O nosso dia na estrada tinha sido calmo, embora mais quente do que seria de esperar num começo de Verão.

Em Bridewell havia um edifício que em tempos tinha sido uma prisão. Na verdade, havia sido um campo de trabalho para onde eram enviados os vagabundos e os condenados das nossas cidades. Durante o dia, os prisioneiros saíam para o outro lado da muralha para executarem os trabalhos pesados que as suas sentenças determinavam.

Quando falo em muralha, não me refiro à da prisão, embora essa também existisse. Refiro-me à muralha que delimitava Bridewell inteira e que rodeava não só a aldeia e a prisão, mas se estendia ao longo dos dois lados das estradas que conduziam às três cidades de Lathbury, Turlock e Lunenburg.

O nosso reino era uma roda de carroça feita de pedra. Bridewell ficava no eixo da roda, com as outras três cidades em cada ponta dos três raios. Na tarde anterior à morte de Warvold, viajávamos pelo raio de Lathbury, em direção a Bridewell.

As muralhas erguiam-se por cima de nós de cada lado da estrada, retendo o calor, como um forno longo e estreito. Eu estava aborrecida e cheia de calor.

— Pai?

— Sim, Alexa?

— Conte-me a história da construção das muralhas.

— Ainda não se fartou de ouvir essa velha lenda?

Eu sabia perfeitamente que ele gostava de contá-la. O meu pai adorava contar histórias, e esta era uma das suas preferidas. Não tive de esperar muito

para que ele começasse a sua narração.

— Thomas Warvold era órfão. No dia do seu décimo terceiro aniversário, afastou-se da terra natal, com todos os seus pertences guardados numa única mochila. Durante anos ninguém soube nem quis saber por onde ele andava. Não passava de uma criança aparentemente sem valor, sem pais nem futuro; duvido que alguém tivesse sequer percebido sua partida. Mas ele era um rapaz cheio de gênio, esperto e aventureiro. Muito mais tarde, depois de ter se tornado famoso, houve quem afirmasse que tinha vagueado sem rumo durante vinte anos ou mais, colecionando tesouros de lugares longínquos na Terra de Elyon. Outros defendiam que ele vivera nas selvagens e encantadas florestas e montanhas que ficavam além destas mesmas muralhas.

«Seja como for, parecia ter-se transformado num poderoso líder, pois acabara por convencer outras pessoas a se juntarem a ele num local que quase todos acreditavam estar assombrado e ser maléfico e perigoso.

O bater dos cascos dos cavalos ressoava nas paredes altas, à medida que nos aproximávamos de Bridewell, e o meu pai parou para coçar os pêlos curtos e loiros do queixo. Era um homem grande com cabelo ruivo, comprido, enrolado e emaranhado. Durante o Inverno usava barba, mas no Verão sentia muito calor, optando por gozar o alívio refrescante de um rosto barbeado.

— A medida que o sucesso e prosperidade de Warvold aumentavam, cada vez mais pessoas se convenceram de que era realmente seguro viver naquela área, e assim mudaram-se para lá.

«O vale onde o Warvold se instalou inicialmente, que agora se chama Lunenburg, acabou por ficar superlotado e não oferecia possibilidades de expansão. De cada lado erguiam-se grandes montanhas. Numa das extremidades do apertado vale ficava a já estabelecida cidade de Ainsworth. Na outra, estendiam-se os perigos não cartografados e as assustadoras lendas das regiões selvagens. Quando ainda mais famílias se mudaram para a cidade, Warvold decidiu que era hora desta se expandir.

«Ao norte haviam montanhas gigantescas, a leste estendia-se uma densa floresta; o lado oeste estava ocupado pelo que veio a ser conhecido como os Montes das Trevas.

«Os habitantes de Lunenburg tinham medo de se aventurar além do vale, em território selvagem e desconhecido.

«Foi então que Thomas Warvold teve uma idéia fantástica.

O meu pai parou de falar quando uma carroça passou pela nossa com os seus dois cavalos levantando uma nuvem de poeira.

— Meu Deus, desculpe, Sr. Daley. Não me apercebi... — gaguejou o condutor enquanto passava. O homem estava perturbado com o fato de ter

ultrapassado tão descuidadamente o prefeito de Lathbury e a sua filha.

A carroça já tinha quase nos ultrapassado quando o meu pai chicoteou os nossos dois cavalos e gritou:

— Iá! Iá! — Não tardamos a ficar lado a lado com a outra carroça, com menos de um metro entre as duas e a outro tanto das muralhas, de cada lado. O meu pai lançou ao condutor um olhar de desafio e declarou: — Há cinco anos que não perco uma corrida na estrada para Bridewell!

A corrida começou e o arranque dos poderosos cavalos quase me fez cair do assento. O nosso adversário, todo babado de excitação por estar competindo com alguém tão importante como o meu pai, acompanhou o nosso andamento durante bastante tempo. O ar estava cheio de poeira e o som furioso de cascos e rodas ecoava na estrada.

As paredes passavam voando ao nosso lado, erguendo-se em direção ao céu durante o que pareceram quilômetros e quilômetros. Na verdade, tinham uns doze metros de altura e eram feitas de blocos de pedra quadrados de pouco menos de um metro.

Pensei na muralha que se estendia até Lathbury e Turlock, cidades que estavam protegidas do Mar da Solidão, onde envoltas em nevoeiro as ondas rebentavam contra escarpas enormes. O rio Roland, que recebeu o nome do único homem que, tanto quanto se sabe, o atravessou (um homem que nunca mais foi visto; de quem nunca mais ninguém ouviu falar), também corria pela nossa terra. O rio era uma massa poderosa e larga de águas rápidas, alimentado pelos cursos das montanhas, em terras ainda não exploradas.

Perdida nos meus pensamentos, tinha-me distraído da corrida. Quando o meu pai puxou as rédeas com força, o meu corpo franzino quase foi cuspidado da carroça.

— Que agradável quebra na monotonia desta viagem! — exclamou ele, enquanto o provocador se colocava ao nosso lado, coberto da cabeça aos pés por uma grossa camada de poeira. — Pena é haver esta poeirada toda.

— Não tem importância, Sr. Prefeito, não tem importância. Os meus cavalos já não são o que eram, mas deram o seu melhor — disse o homem, fazendo o possível para sacudir o pó da roupa enquanto prosseguíamos estrada abaixo.

— O que o traz a Bridewell neste dia abrasador? — perguntou o meu pai.

— Na verdade, vou a caminho de Turlock para entregar o correio semanal de Lathbury.

— E pode se saber como se chama?

— Silas Hardy, à sua disposição. — O homem acabou de sacudir a roupa e sorriu-nos, mostrando os dentes branquíssimos que contrastavam com o tom

fortemente bronzado do seu rosto.

— Bem, Silas, e se nos acompanhasse o resto do caminho até Bridewell? Não quero deixá-lo para trás com esses animais pouco confiáveis a arrastá-lo até à cidade. Além disso, estava contando à minha filha a história da muralha e da sua construção. É uma história agradável que vale a pena ouvir.

Silas olhou para as muralhas de cada lado e para o sol escaldante por cima delas. Gotas de suor escorriam-lhe pelas têmporas.

— Já a ouvi muitas vezes, senhor, mas estou com calor e aborrecido e os meus cavalos estão muito cansados para ultrapassá-lo, portanto estou pronto para ouvi-la mais uma vez. — Limpou o suor das têmporas e descansou os cotovelos em cima dos joelhos, segurando frouxamente as rédeas nas mãos grandes e carnudas.

O pai retomou a história:

— Como estava dizendo antes do nosso amigo Silas ter se juntado a nós, Warvold tinha um problema. Cada vez mais pessoas imigravam para Lunenburg: pioneiros, mineiros, comerciantes e suas famílias. Muitos tinham vindo para o vale em busca de uma vida melhor e depressa a pobre cidade ficou muito povoada.

«Um dia, Warvold teve uma idéia. Uma idéia fantástica! Ia construir uma estrada ladeada por muralhas, que se estenderia pelo território desconhecido e, no fim dessa estrada, fundaria uma nova cidade. Desde que a muralha se estendesse à frente das pessoas, os perigos mágicos que espreitavam por todo o lado seriam mantidos à distância.

Depois, com uma expressão comicamente carregada, o pai acrescentou:

— E quem iria construir a muralha? Com certeza que os habitantes de Lunenburg tinham medo de estar perto da muralha ou do outro lado dela, o que seria necessário caso optassem por construir semelhante estrada.

«Não, o Warvold precisava de outras pessoas para executar a obra. Foi assim que se reuniu com os líderes de Ainsworth, a grande cidade onde tinha nascido.

«Em Ainsworth havia uma prisão sobrelotada, cheia de ladrões e gente da pior espécie. Nessa cidade, quem fosse condenado era presidido por dois juízes, marcado com um C de Criminoso, com um ferro em brasa, e enviado para a prisão a fim de cumprir trabalhos forçados.

Um falcão de cauda vermelha executou um vôo baixo por cima de nós e avistava-se outro empoleirado no alto da velha muralha, do meu lado direito. Isto era comum, visto que os falcões estavam sempre a rondar as muralhas e, à medida que nos aproximávamos do portão da cidade, apareceram ainda mais aves.

— Warvold fez um acordo com os líderes de Ainsworth — continuou o meu pai. — Ele estava construindo uma prisão em Lunenburg havia já algum tempo, e estava disposto a aceitar trezentos dos mais vis criminosos de Ainsworth. Só punha uma condição: passados dez anos, Warvold podia devolver os condenados, sem ter que dar qualquer justificativa.

«Os líderes de Ainsworth acharam que era uma idéia maravilhosa. A prisão só tinha capacidade para quatrocentos homens e estava cheia. Se dessem os prisioneiros a Warvold, teriam tempo de projetar uma prisão nova, maior. Além disso, os trabalhos forçados faziam parte da sentença de todos os prisioneiros.

«O acordo foi celebrado e, um ano depois, a prisão de Lunenburg estava pronta e os condenados foram entregues conforme prometido. Não sendo homem para correr riscos, Warvold tratou de arquitetar um plano para garantir que os prisioneiros jamais conseguissem escapar sem serem descobertos. O C marcado a ferro em brasa era uma marca fácil de ver, permitindo a todos em Lunenburg identificar quem era criminoso e quem não era.

«O resto se passou como já te contei umas cem vezes, Alexa — disse o meu pai. — Warvold pôs os criminosos para trabalhar e, em menos de três anos, construíram a muralha até ao que é hoje Bridewell. Nessa ocasião, mais pessoas já tinham anuído ao vale.

«Depois de terminada a estrada amuralhada, Lunenburg expandiu-se como a rolha de uma garrafa de vinho estragado. Parecia que as pessoas jorravam da cidade para se instalarem em Bridewell, e muitas delas ajudaram a construir a muralha de três quilômetros e pouco que hoje envolve a cidade.

«Mal terminaram a muralha em volta de Bridewell, os condenados, sob o comando de Warvold, iniciaram a construção de mais duas estradas amuralhadas. Nos anos seguintes, as estradas amuralhadas para Turlock e Lathbury foram concluídas, completando assim o nosso reino.

«Warvold levou os prisioneiros a Ainsworth como tinha prometido. Há muitos anos atrás, devolveu todos, exceto os poucos que tinham morrido de doença ou acidente. — Assim terminou o meu pai a história e nós chegamos às portas de Bridewell.

CAPÍTULO 3

BRIDEWELL

Bridewell era o centro de tudo, no nosso pequeno universo. Tinha três portas, iguais à que transpusemos nessa tarde, uma para cada estrada amuralhada. Cada uma das portas era feita de madeira sólida de carvalho e ferro, e era içada e aberta por correntes com elos grossos, de metal, do tamanho da cabeça de um cavalo. De cada lado das portas havia uma torre, de modo a que os guardas pudessem observar qualquer pessoa que entrasse ou saísse da cidade fortificada.

— Icem o portão de Lathbury! — gritou o guarda do alto da vigia do nosso lado esquerdo. — Chegou o Sr. Daley.

A porta rangeu insidiosamente à nossa frente, parou e depois ganhou vida de novo, abrindo-se ruidosamente, as correntes raspando contra a parede de pedra.

No momento em que o sol tocou na terra à nossa frente, a cidade tornou-se visível. Abaixei-me para espreitar por baixo do portão que se elevava, e depois levantei-me, acompanhando a gigantesca e ruidosa porta, à medida que a cidade se tornava inteiramente visível.

Estava tal qual me lembrava: cheia de casas e edifícios apertados uns contra os outros e atravessada por ruas estreitas. Não havia nenhuma casa com mais de dois andares, o que significava que nenhuma delas tinha vista para o outro lado da muralha. Tanto as casas como as ruas eram simples, bem-conservadas e tinham sido construídas com um cuidado extraordinário. As casas tinham sido construídas de pedra e madeira: as paredes eram de pedra; as portas e os parapeitos das janelas, de madeira-de-lei envelhecida, e as telhas eram também de madeira. As ruas e calçamentos eram feitos de pedrinhas arredondadas, que o uso tornara acastanhadas, mas estavam muito limpos.

À distância, vislumbrei o único edifício de três andares, que espreitava por cima do lado oeste da barreira entre a cidade e os Montes das Trevas. Era o edifício da antiga prisão, o lugar onde eu tinha dormido, tomado as minhas refeições e procurado segredos escondidos nos seus inúmeros quartos e corredores.

Depois dos prisioneiros terem sido devolvidos a Ainsworth, deixara de haver necessidade de uma prisão em Bridewell, portanto, o edifício fora

transformado, rebatizado com o nome de Casa Renny, e abrigava agora uma biblioteca, dois tribunais e várias salas de aula para os mestres e aprendizes de várias áreas das artes. Uma parte do enorme edifício estava reservada à reunião anual a que tínhamos vindo assistir. Havia elegantes quartos de dormir, uma cozinha grande e uma sala de jantar, uma sala de reuniões onde eram tratados os assuntos oficiais e uma sala de fumo, com uma enorme lareira (embora os dias fossem quentes, as noites em Bridewell arrefeciam e era comum acender-se a lareira à noite, mesmo nos meses de Verão). No porão existia uma zona de detenção bolorenta que quase nunca era usada, a não ser para encarcerar os prisioneiros em trânsito de uma cidade para outra.

Éramos uma sociedade simples e passiva e normalmente nos mantínhamos um pouco isolados. No entanto, o Verão era uma época de comércio para os nossos artesãos. Além dos usuais médicos, ferreiros, lojistas, etc, cada uma das nossas cidades tinha lojas onde se faziam e restauravam livros. Em Ainsworth éramos conhecidos como os melhores e mais fidedignos criadores de capas decorativas e lombadas robustas; e dizia-se por todo o lado que éramos um povo especializado no restauro dos mais preciosos livros e manuscritos.

Com o calor do Verão, Bridewell ficava deserta. A maioria dos seus habitantes estava em Lunenburg recolhendo livros danificados para serem reparados, angariando novos projetos, entregando volumes terminados, ou tratando de outros negócios da nossa sociedade. Os visitantes de fora entravam em Lunenburg por um pequeno portão, fortemente guardado, para aí recolherem trabalhos acabados. Muitas vezes traziam com eles mais livros para serem restaurados e manuscritos para serem compostos em diversos tipos de letra e transformados em livros. Com tantos dos nossos habitantes viajando e trabalhando noutro lugar, o Verão em Bridewell era calmo: pouca gente, uma brisa ocasional, um local limpo, arrumado, ideal para se explorar.

Aproximamo-nos do edifício maciço e quadrado que era a Casa Renny e paramos com um solavanco. Desci imediatamente para a estrada dura, de pedra, contente por terem terminado as sacudidas e solavancos da viagem. Um criado apareceu e levou as malas do meu pai. Eu fiquei com a minha e subimos os poucos degraus que conduziam à entrada. Trepei pelos degraus aos pulinhos, contando — um, dois, três —, e depois entrei no edifício de pedra.

A Casa Renny estava dividida em vários setores. A entrada era um espaço grande e aberto, com um corredor que conduzia às salas de aula do térreo, às salas de tribunal e aos aposentos dos aprendizes. As cortinas vermelhas, de veludo, estavam abertas e um raio poeirento de sol banhava a escadaria que subia até o primeiro andar. Outra escadaria, escondida na penumbra, conduzia às celas que ficavam no porão.

— Valha-me Deus, está calor mesmo hoje. Calculo que o calor tenha tendência a aumentar à medida que subimos. Vamos a isto! — disse o meu pai, subindo à minha frente, galgando os degraus dois a dois. Eu corri atrás dele, usando o corrimão para me impulsionar. Consegui agarrar-lhe a fralda da camisa no momento em que atingimos o topo da escada.

Meu pai gostava de entradas espetaculares, e irrompeu na sala de fumo de braços abertos, pedindo um abraço a quem quisesse dá-lo a um viajante cansado.

— Olhem, é a minha senhorita preferida! — disse uma voz, ignorando completamente o meu pai e arrebatando-me do chão. Era Ganesh, prefeito de Turlock, um homem divertido e cheio de vida, com um sentido de humor algo seco e um amor de avô por quase todo mundo. Se Warvold era o cérebro de Bridewell, então Ganesh era o seu coração.

— Isto aqui tem estado tão seco que as árvores até subornam os cães — disse ele, a sua barba preta e farta fazendo-me cócegas no ombro descoberto.

A sala de fumo era, de longe, a mais confortável da Casa Renny. Tinha muitas janelas grandes, decoradas com cortinas de veludo roxo, que enchiam a divisão de luz, e os seus belos móveis pousavam em cima de finos tapetes ornamentais. Uma das paredes era ocupada por uma imponente lareira de rocha, rodeada por sofás e cadeiras confortáveis. Noutra parede, havia uma porta dupla que conduzia à sala oficial de reuniões.

Olhando por cima do ombro de Ganesh, vi Warvold, o seu corpo velho e cansado curvado, sentado numa suntuosa cadeira vermelha. Ele sorriu, piscou-me o olho e depois estendeu um braço na minha direção. Ganesh voltou a pôr-me no chão de madeira, fitou o meu pai de alto a baixo e disse:

— James Daley! Continua o mesmo doido de sempre!

Ganesh e o meu pai conversavam enquanto eu me dirigia a Warvold e pegava na sua mão ossuda. Ele puxou-me para junto do seu rosto marcado pelo tempo, embora os olhos verdes ainda brilhassem como os de um jovem, e sussurrou-me ao ouvido:

— Logo, depois que tudo acalmar, vá se encontrar comigo na sala de jantar para darmos uma volta pelas ruas de Bridewell.

Terminados os cumprimentos e havendo trabalho a fazer, era chegada a hora de eu sair e instalar-me no meu quarto. Enquanto subia as escadas de carvalho, que rangiam à minha passagem, segurando a minha única mala, olhei para trás, para a maciça sala de fumo, e observei as suas paredes de pedra, as partículas de pó a dançar no ar e o eco de homens importantes a se cumprimentar. Sentia-me muito jovem para me interessar pela arte de gerir as nossas cidades e tive uma sensação estranha quando o meu pai olhou na minha

direção. O seu olhar dizia-me que não via com bons olhos a minha participação naquelas conversas porque não era seguro eu saber o que nelas se dizia. Se me pusesse à escuta em lugares escuros, certamente teria problemas.

Desde que me lembrava, ficávamos sempre nos mesmos quartos e nunca ninguém nos acompanhava ou ficava hospedado lá durante a nossa estada. Warvold só tinha um filho, que geria os assuntos de Lunenburg na sua ausência. A minha mãe fazia o mesmo em Lathbury e era por isso que só eu e o meu pai fazíamos a viagem anual até Bridewell. A mulher de Warvold tinha falecido dois anos após a construção da muralha e ele não tinha casado novamente (ela se chamava Renny, daí o nome da casa). Ganesh continuava inquieto e gostava da liberdade que a vida solitária lhe oferecia, e assim, chegava sempre sozinho, parecendo perfeitamente satisfeito com a situação.

No corredor do segundo andar o ar era bolorento e seco, um cheiro que eu associava a aventura e liberdade.

A alguns passos da escadaria ficavam as portas do meu lugar preferido da Casa Renny: a biblioteca. A cidade de Bridewell tinha muitos livros maravilhosos e a maioria deles era guardada na Casa Renny, vigiados pelo meu melhor amigo naquela cidade, um velhote esquisito chamado Grayson. Aquela hora a biblioteca estava fechada, portanto virei na outra direção e dirigi-me ao meu quarto, que ficava quase no fim da ponta oposta do corredor. Conseguia ouvir vozes abafadas vindas do andar de baixo, fazendo com que as palavras chegassem deturpadas ao alto das escadas.

O meu quarto tinha vista para um mar de hera verde que subia pela muralha, passando para o lado de fora. Olhei para o topo da muralha, onde a rocha se fundia com uma amálgama de cores distantes. Ficaria em Bridewell mais trinta dias, praticamente sem supervisão. Enquanto o meu pai estivesse ocupado gerindo o reino, eu estaria entretida fazendo explorações e talvez neste Verão conseguisse encontrar aquilo que procurava todos os verões: uma passagem para o exterior da muralha.

CAPÍTULO 4

PERVIS KOTCHER

Do meu quarto e, tanto quanto sabia, *só a partir dele*, conseguia ver-se um pouco do mundo fora de Bridewell. Se me empoleirasse no parapeito da janela, que ficava a cerca de um metro do chão, podia espreitar pela parte de cima da muralha. Deste ponto de observação conseguia ver à distância, por cima dela. Mal cheguei ao meu quarto, subi para o parapeito e olhei em todas as direções.

Depois desci, dirigi-me à minha mala, soltei a fivela que a prendia e abri a tampa de couro. O meu pai tinha se zangado comigo por não ter levado mais roupa quente, mas a verdade é que eu precisava de espaço na mala para outras coisas.

Tendo arrumado a roupa toda, desfiz o laço que existia no meio do que parecia ser o fundo da mala. Tinha aí cosido duas abas de couro que se encontravam no meio da mala e estavam bem amarradas uma à outra. Isto criava a ilusão de um fundo e cobria o terço inferior da mala. Abri as abas, revelando uma curiosa coleção de objetos: guloseimas trazidas de casa, uma bolsa com moedas, um livro, um estojo com pequenas ferramentas de metal comprado de um comerciante ambulante em Lathbury; uma bússola, papel de carta, uma caneta e tinta, o meu sinete, velas e fósforos de madeira e um relógio antigo.

Remexendo nestes objetos, encontrei o que procurava: um pequeno e ornamentado telescópio, que eu tinha tirado, sem pedir, de uma das gavetas do quarto da minha mãe.

Abrindo os corpos cilíndricos extensíveis que compunham o telescópio, passei a mão pela sua superfície trabalhada. Os desenhos de cornucópias cor-de-laranja e roxos nele gravados, fluíam como água pela sua superfície, com elegantes aros de latão na ponta de cada corpo.

Trepei novamente no parapeito da janela e espiei pelo telescópio. Conseguia ver montanhas ondulantes à distância, praticamente despidas de árvores mas cobertas de mato denso, de vários tons de verde.

A direita, bem à vista, ficava a porta de Turlock e as suas torres gêmeas de vigia. Era aqui que a única pessoa de Bridewell que me odiava passava grande parte do seu tempo. Tratava-se de um homenzinho mesquinho que se tinha convencido de que tudo para lá da muralha era maléfico e perigoso.

Por motivos que eu nunca consegui entender, Warvold adorava-o e até o tinha nomeado capitão dos guardas. Tinha que reconhecer que a sua tenacidade a patrulhar as ruas e muralhas de Bridewell era lendária, mas o seu comportamento desconfiado pesava muito contra ele. Parecia pressentir o meu interesse pelo mundo exterior e em todas as minhas visitas tinha sido implacável, andando atrás de mim como uma sombra. Mau, cruel e sempre a observar-me... Do meu ponto de vista, é esta a descrição de Pervis Kotcher.

Os meus olhos captaram um ligeiro movimento e os pensamentos desviaram-se de Pervis.

Do outro lado na muralha nordeste, o leito do vale transformava-se rapidamente numa série de montanhas suaves que iam aumentando de altitude até desaparecerem no nevoeiro. O mato era denso e emaranhado, em tons de verde, castanho e vermelho. Quanto mais longínquas as montanhas, mais o mato que as cobria criava uma tapeçaria de cor, que ia escurecendo com a distância, ficando com um aspecto sombrio e pouco convidativo.

Vi novamente o tal movimento, a uns noventa metros da muralha, envolto numa mancha de vermelho. Seria um animal de grande porte errando pelos Montes das Trevas ou uma criatura maléfica se mexendo na densa vegetação? Levei o telescópio ao olho, semicerrando-o para espreitar pela lente, e varri a zona de um lado para o outro. O mato apenas se movia quando atingido por uma rajada de vento. Talvez fosse só isso que eu tinha visto: um arbusto abanado pela brisa.

Continuei a inspecionar a área até ficar com o pescoço ardendo e as costas doendo, a ponto de precisar descansar. Desmontei o meu telescópio, virei-me para saltar do parapeito e ali estava ele, de pé, na minha frente.

— Bem, bem, bem. Alexa Daley.

Emiti um som semelhante a um ganido, perdi o equilíbrio e caí do parapeito. Era Pervis Kotcher.

— Que hei de fazer contigo, Alexa? — perguntou ele com um esgar condescendente nos lábios finos. Esfreguei o joelho com uma mão e, com a outra, meti o telescópio no bolso.

Rezando para que ele não tivesse me visto a usá-lo, levantei-me e encarei-o, sentindo-me menor que o meu metro e trinta e sete.

Pervis era apenas uns trinta centímetros mais alto que eu. Usava o cabelo negro pelos ombros e tinha olhos escuros e encovados. Uma pessoa pode perder-se na profundidade de alguns olhos escuros, principalmente os que pertencem a um homem bem-apessoado ou a uma mulher bonita, mas os de Pervis faziam-me lembrar olhos de rato ou de outras criaturas da noite e, quando os encontrava olhando fixamente para mim, desviava sempre o olhar.

Pervis levou um dedo aos lábios finos e pôs-se a tamborilar enquanto o seu olhar se fixava em mim. Na minha ausência, tinha acrescentado um bigode ridículo à sua figura.

— Estou vendo que voltou tão descuidada como sempre — disse, passeando pelo quarto até chegar junto da minha mala aberta. — Tem sido um belo Verão em Bridewell até agora; quem usa farda quase não tem nada para fazer. Vive-se um dia de preguiça após outro. Porém, agora que voltou, vou ter muito com que me entreter, não vou? — inquiriu ele enquanto rondava a minha mala, pronto a revistar o seu conteúdo.

— Acho que esse bigode o faz parecer mais baixo — disse eu, consciente do risco que corria por estar num cômodo sozinha com ele. Pervis recolheu bruscamente a mão da minha mala e apontou-a para mim.

— Vamos deixar uma coisa bem clara. Se voltar a vê-la em cima do parapeito da janela outra vez, terei uma conversa com o seu pai — disse ele, olhando-me ferozmente e levando a mão ao bastão negro que trazia à cintura. — Estou de olho em você, Alexa Daley. Aproxime-se sequer da muralha e sentirá o meu bastão nos joelhos... Estamos entendidos?

Concordei com a cabeça.

— Ah, e mais uma coisa... Eu fico com esse telescópio que tem no bolso — acrescentou o Pervis. — Para o caso de ter alguma idéia maluca.

— Não sei do que está falando.

Pervis levantou a voz.

— Dê-me o telescópio *já*, ou levo-a lá embaixo e obrigo-a a entregar-me na frente do seu pai, de Ganesh e de Warvold.

Se o meu pai descobrisse que eu tinha andado a espiar para o outro lado da muralha, ainda mais com um telescópio que tinha roubado de minha mãe, restringiria consideravelmente a minha liberdade durante o resto da estadia. Assim, tirei-o do bolso, olhei para ele uma última vez e atirei-o para Pervis.

— Você não é ninguém, Alexa. É um verme. E, aqui entre nós, o seu pai também. — Com estas palavras, voltou para junto da minha mala exibindo um esgar mal-humorado nos lábios. Estava prestes a meter a mão lá dentro, quando ouvimos passos se aproximando do meu quarto. Pervis apressou-se a esconder o telescópio no casaco e passou as mãos pelo cabelo oleoso.

Warvold entrou pela porta do quarto, olhando curiosamente para Pervis.

— Kotcher, que faz aqui? — perguntou, bloqueando a saída para o corredor.

— Estava apenas a pôr a conversa em dia com a Alexa. Há muito tempo que não nos víamos, sabe? — respondeu ele.

Warvold olhou-o acusadoramente e depois desviou-se da frente da porta.

— Volte para o seu trabalho de proteger a cidade das hordas malévolas e essa coisa toda. Alexa e eu temos um encontro ao qual já nos fez atrasar.

Pervis lançou-me um olhar de advertência e vi que estava pensando em falar a Warvold sobre o telescópio, mas não o fez.

— Muito bem. Assim farei — disse, esboçando uma mesura e deslizando pela porta como uma serpente.

Warvold acompanhou-me para fora do quarto, descemos as escadas e mergulhamos na escuridão da noite. O passeio terminou com a sua morte, tal como já expliquei, e deixou-me sozinha, longe da casa, muito assustada para me mexer.

Depois da morte de Warvold, encolhi-me contra a muralha, à procura da réstia de calor que permanecia armazenado nas gigantescas pedras.

O meu olhar fixou-se no medalhão pendurado no seu pescoço sem vida e depois no punho cerrado que segurava a chave do medalhão, o que me pôs a pensar em coisas que não devia pensar numa hora daquelas. Se havia alguém que soubesse como passar para o exterior da muralha, essa pessoa teria sido Warvold. Não fazia idéia que outras coisas a chave abriria, mas suspeitava que, se a tivesse em meu poder, ficaria mais perto de poder me sentar de costas contra a parede, mas do outro lado da muralha.

O desejo de possuir a chave do portão deu-me um pouco de coragem, o suficiente para tocar no punho frio e ossudo de um morto, em plena escuridão.

Sem o sobretudo vestido, o punho do velho Warvold era magro e nu, frio e úmido, coberto de partículas de poeira. Segurando-lhe o punho com a mão, levantei-lhe o braço pesado e sem vida. Naquele momento, saí do estado de choque em que me encontrava, e, pela primeira vez, percebi que o meu velho amigo Warvold tinha realmente partido. Nunca mais poderia conversar com ele, segurar a sua mão na minha ou escutar uma das suas assustadoras histórias. Esperava sentir medo ao tocar na sua pele sem vida; em vez disso, senti-me triste e só. Fiquei sentada no escuro, segurando a mão reconfortante de Warvold, e chorei amargamente.

Levei bastante tempo a recompor-me, mas finalmente comecei a levantar a mão de Warvold de maneira a conseguir abri-la e tirar a chave. A meio caminho deixei-lhe cair o braço, que fez um som seco ao bater no solo. Cuidadosamente, virei-lhe o braço e o pousei no colo, abrindo-lhe depois os dedos até a chave dourada ficar à vista. Peguei nela e abri o medalhão, voltando depois a colocá-la na mão, fechando os seus dedos sem vida sobre ela. Dentro do medalhão encontrei mais duas chaves.

Segurando o medalhão numa mão, retirei dele as chaves. Uma era grande, de ouro, e a outra era pequena e de prata. Depois de pensar no assunto,

voltei a colocar lá dentro a chave maior, a que tinha aberto o portão, pensando que era melhor deixar ficar alguma coisa dentro do medalhão para evitar suspeitas quando o meu pai ou Ganesh o inspecionassem.

Pus-me de pé, surpreendentemente dolorida por ter estado tanto tempo sentada no frio. Depois de olhar uma última vez para Warvold, comecei a caminhar na direção da Casa Renny. Num único passeio tinha perdido tanto... mas tinha encontrado algo também.

CAPÍTULO 5

A BIBLIOTECA

Quando cheguei à Casa Renny com a notícia da morte de Warvold, encontrei Ganesh na sala de fumo, fumando o seu cachimbo junto da lareira. Ele me abraçou fortemente, aquecendo-me o corpo e a alma abatida, e ficamos sentados durante alguns minutos quase em silêncio. Quando o meu pai chegou foi mais prático em relação ao assunto.

— Onde está o cadáver? Você está bem, Alexa? Temos que pensar no que deve ser feito a seguir. — Mas até meu pai, com a sua abordagem pragmática das coisas, acabou por se deixar cair a meu lado no sofá, com a cabeça entre as mãos.

A responsabilidade de tratar das coisas, de serem os homens de Estado mais velhos e de tomarem conta de todos nós, era agora de Ganesh e do meu pai. Nessa noite, sentados à luz tremeluzente da lareira, o sentido de responsabilidade que ambos enfrentavam caiu-lhes em cima, selando para sempre um passado mais simples.

As pessoas começaram a regressar a Bridewell no dia seguinte. Em poucas horas, chegaram centenas de pessoas e, depois da notícia ter alcançado todas as cidades, começávamos a assistir a um fluxo constante de cidadãos oriundos de todas as direções. Na manhã do funeral, três dias após a morte de Warvold, Bridewell estava a rebentar pelas costuras. A cidade tinha apenas alguns quilômetros quadrados e os guardas haviam deixado entrar tantas pessoas quantas ela podia conter. As restantes formavam fila nas estradas, vindas de Lathbury, Turlock e Lunenburg. O meu pai estivera numa das torres de vigia, por cima da porta de Lunenburg, e contou-me que a fila de carroças e cavalos se estendia por muitos quilômetros.

Foi então que se decidiu que a única maneira de poder conter a enorme multidão seria a realização de uma procissão. Ao longo do dia do funeral, os guardas abriam uma das portas, deixando entrar uma dúzia de carroças de um lado, enquanto outras tantas saíam pelo outro lado. Depois fechavam a porta e, uns minutos mais tarde, abriam outra. Esta procissão circular continuou até a noite cair sobre Bridewell.

No funeral, tanto o meu pai como Ganesh falaram sobre Warvold e os

seus grandes feitos. Ao ouvi-los, fiquei novamente espantada com tudo o que ele tinha sido: aventureiro, gênio da arquitetura, líder dedicado.

Pervis andava tão empertigado como sempre, metendo o nariz em tudo, acusando tudo e todos de infringir a lei e fazendo perguntas mordazes. A multidão constituía também um problema e a pobre Bridewell foi bastante maltratada nos dias que se seguiram à morte de Warvold.

Depois, misericordiosamente, as coisas acalmaram. As emoções esfriaram e as pessoas começaram a ir embora. A cidade não tardaria a ficar novamente deserta.

O meu pai e Ganesh puseram mãos à obra, fazendo planos, e convidaram Nicholas, filho de Warvold, a juntar-se a eles. Nicholas tinha a mesma energia e ambição que eram característica de Warvold, mas pertencia a uma geração depois: era jovial e sempre pronto a escutar e aprender. Era fácil ver que os três iriam trabalhar bem juntos, e eu percebi que iria ver pouco o meu pai durante as semanas seguintes, enquanto eles se reuniam para discutir assuntos importantes.

Era tempo de voltar ao assunto em curso que, no meu caso, significava encontrar uma passagem para o exterior da muralha. Agora, mais que nunca, ansiava sentir a liberdade da floresta e das montanhas e tinha uma chave nova que, assim esperava, me ajudaria a consegui-lo.

Às três horas, no dia seguinte ao funeral, com Bridewell reduzida ao suave zumbido dos visitantes e residentes que nela permaneciam, escapuli até a biblioteca para visitar Grayson e fugir ao que restava da multidão. Com a confusão toda que tinha havido desde a minha chegada, ainda não soubera o que era o prazer de caminhar entre as filas ziguezagueantes de livros ou ouvir o ranger íntimo das tábuas do assoalho enquanto procurava calmamente novo material de leitura. Ao abrir a porta da biblioteca inalei o maravilhoso e familiar cheiro de livros antigos e senti a calma pacífica que o local sempre emanava.

A biblioteca erguia-se como um labirinto de estantes altas, cheias até o teto de velhos volumes. Warvold havia sido um viajante erudito e a biblioteca era constituída pelos livros que ele tinha recolhido nas suas inúmeras viagens. Mais tarde, quando as viagens de Warvold se tornaram menos freqüentes, ele insistira para que os dignitários de todas as cidades da Terra de Elyon que solicitassem uma reunião trouxessem um livro de que gostassem. Quanto mais fascinante e bem feito o livro, melhor a recepção que tinham. Assim, a biblioteca ficou conhecida como a maior e mais invejada de toda Elyon.

As paredes dos corredores estavam cobertas por milhares de livros, que versavam todo o tipo de assuntos. O labirinto de estantes estendia-se em várias direções, algumas terminando em paredes de pedra, outras junto de bancos de madeira, e outras ainda formando círculos, ou encontrando-se com outras filas.

No entanto, uma dessas filas de estantes conduzia ao que eu considerava ser o cantinho de leitura mais desejável do mundo. Contornando uma esquina e depois outra, no final de uma fila comprida de estantes, havia um recanto. Este recanto tinha uma janela pequena que dava para a muralha dos Montes das Trevas, coberta de hera. Encostada ao canto existia uma confortável, velha e puída cadeira com uma caixa de madeira servindo de apoio para os pés. Tranquilo, privativo e confortável... um autêntico paraíso.

Muitas vezes passava dias inteiros sentada naquela cadeira a ler, ora cochilando, ora folheando volume após volume. Muitos deles até se revelavam bastante aborrecidos — textos legais e tratados —, mas outros eram histórias de cidades e regiões da nossa terra. Os livros melhores continham histórias e lendas inventadas e alguns falavam de animais exóticos encontrados em selvas e pântanos. Procurava constantemente informações sobre o que poderia estar do outro lado da muralha, na floresta, nas montanhas e nos Montes das Trevas, mas, por mais que procurasse, não encontrava quase nada.

As poucas e superficiais referências à natureza misteriosa da magia que espreitava por todo o lado, em lugares longínquos, pareciam-me as lendas que tinha ouvido contar sobre a nossa área selvagem. Contudo, nunca havia muita informação e nunca aparecia nada sobre coisas próximas de nós ou sobre o tipo de criaturas que se moviam furtivamente no exterior das muralhas.

As minhas sestras eram encorajadas por *Sam* e *Pepper*, os dois gatos da biblioteca, que gostavam de se revezar deitando-se no meu colo, ao sol da tarde, ronronando e pedinchando festas no pescoço. Ambos usavam excêntricas coleiras de couro com jóias incrustadas, das quais pendiam pequenas medalhas feitas à mão. Os gatos haviam pertencido à falecida Renny Warvold, e viviam na biblioteca desde que me lembro. Já eram bem velhos — talvez tivessem uns quinze ou dezesseis anos — e dormiam a maior parte do tempo.

Grayson vinha cinco dias por semana para organizar as estantes. Era também perito na restauração de livros antigos e passava a maior parte do seu tempo num pequeno escritório na biblioteca, onde tratava das lombadas estragadas e folhas rasgadas. Eu amava Grayson ainda mais do que amava os velhos livros. Ele era bondoso, meigo e talvez o melhor ouvinte que eu já conhecera até então.

Percorri as filas de livros e meti a cabeça no escritório de Grayson, espreitando lá para dentro. Ele estava debruçado sobre um grande manuscrito que tinha trazido consigo, e estava ocupado criando uma capa nova, para substituir os restos esfarrapados do velho invólucro de couro. Quando me viu a espreitar, fez um sorriso de orelha a orelha e pôs-se de pé para me cumprimentar de braços abertos. A sua enorme barriga fez-me arquear as costas quando nos

abraçamos e chorei um pouco, ainda muito sensível devido a todos os acontecimentos recentes. Finalmente, consegui recompor-me e olhei para os seus olhos castanhos e profundos.

— Cada vez se isola mais — disse eu, usando a minha manga para limpar o rosto. — Como pôde faltar ao maior funeral que esta cidade já viu?

Grayson arrastou os pés nervosamente, para trás e para frente.

— Eu sei, eu sei, devia ter assistido. Mas odeio multidões, odeio. Fiquei aqui sentado e tirei os livros preferidos de Warvold, poli-os, endireitei os cantos dobrados e reparei algumas arestas amarrotadas. — Grayson voltou para o outro lado da sua escrivaninha, passando os dedos pelo bigode grisalho e farfalhudo. Depois de se sentar, pegou num pequeno livro esfarrapado.

— Vês este aqui? Era o preferido de Warvold, aquele que ele adorava. — Estendeu-me o livro e eu o peguei.

Era um livro preto, de tamanho médio, encadernado com ouro e muito estragado. A capa dizia *Mitos e Lendas da Terra de Elyon*.

— Warvold adorava essas coisas. Adorava histórias inventadas e fábulas de todos os cantos da terra — continuou Grayson. — Costumava entrar aqui depois de um dia de reuniões com o seu pai e Ganesh e sentava-se durante algum tempo a ler esse livro. Sentava-se aí mesmo, na minha frente. Eu restaurava os livros e ele lia. Era tão bom, tão calmo. Depois, voltava a colocar o livro na prateleira e saía, para ir se deitar ou fumar o cachimbo junto à lareira.

Folheei as páginas gastas: letra pequena, algumas notas nas margens, aqui e ali.

— Encontra-se um pouco maltratado — observei eu. — Está negligenciando os seus deveres?

Grayson sorriu.

— Não, minha senhora. O velhote nunca me deixou restaurar esse. Parecia gostar dele assim. Acho que, ao deixá-lo tal como está, estou a honrar Warvold. Acredite quando digo que adoraria torná-lo perfeito novamente, dar-lhe uma nova capa, compor as páginas e limpá-lo todo. Mas tenho a sensação de que, onde quer que ele esteja, prefere que eu deixe o livro esfarelado e rasgado.

— Emprresta-me para ler esta tarde? — perguntei passando os dedos sobre a capa.

— Claro que sim, mas leve estes também. — Virando-se para a escrivaninha, pegou numa pilha de livros. — São livros sobre os temas que andava pesquisando no ano passado: ursos, florestas, a história das regiões circundantes, esse tipo de coisa. Na verdade, não há muita coisa, mas já os tenho guardados aqui há muito tempo, portanto, arrume-os no lugar ou ponha-se a lê-los.

Era tão bom estar na companhia de um velho amigo, alguém que sabia que eu necessitava apenas sentar na minha cadeira preferida e adormecer a ler. Saber que Grayson estava na biblioteca comigo, dava uma paz especial aos sentimentos que eu tinha por aquele lugar. Não falávamos muito, mas compreendíamos a linguagem dos nossos movimentos e a necessidade de companheirismo silencioso. Com uma piscadela de olho, peguei nos meus livros e caminhei por entre uma fileira ziguezagueante de volumes.

Ao contornar a esquina para a minha cadeira, deparei-me com uma cena peculiar: *Sam* e *Pepper* estavam sentados no parapeito da pequena janela e, bem ao lado deles, encontrava-se um falcão. Quando apareci, o falcão agitou as asas furiosamente, batendo com elas contra a muralha de pedra antes de fugir pelo ar. Recuei com um pulo, atirando os livros em todas as direções, e guinchei. Os pontos que uniam o livro preferido de Warvold rebentaram e as folhas espalharam-se no chão à minha volta. Empilhei os outros livros no assoalho ao lado da minha cadeira, enquanto ralhava com os gatos, que já estavam ambos em cima da cadeira, deitados de lado, à espera que lhes fizesse festas.

Passei os dez minutos seguintes a apanhar folhas e a pô-las por ordem, tentando compor o livro. Quando terminei, ele estava mais ou menos arranjado mas precisaria de alguns reparos para se manter inteiro. O livro preferido de Warvold estava na minha posse há apenas uns minutos e já tinha conseguido destruí-lo.

Exasperada, empurrei os gatos para o lado e deixei-me cair na cadeira. Eles subiram para o meu colo e, pouco depois, adormeci profundamente.

CAPÍTULO 6

MAIS PROBLEMAS POR CAUSA DO MEU TELESCÓPIO

Acordei lentamente no calor do fim de tarde, transpirada e pegajosa depois do que devia ter sido uma soneca de uma hora. Tateei à minha volta à procura dos gatos mas eles tinham desaparecido, o que era estranho porque, quando eu dormia na biblioteca, eles ficavam sempre comigo. Depois de ter esfregado os olhos até me livrar do sono, abri-os e percebi por que motivo eles tinham se afastado.

— Estava vendo quando é que iria acordar. — Era Pervis Kotcher. Estava tão próximo que conseguia sentir o bafo da sua respiração, que tresandava a café forte recentemente ingerido. Pervis dirigiu-se à janela, levou o lindo telescópio da minha mãe ao olho e, gozando, observou a muralha através dele.

— O que quer? — perguntei. Mesmo meio dormindo, era espantoso como não deixara de estar irritada.

— Estava fazendo as minhas rondas e pensei que talvez conseguisse ver alguma coisa com o meu telescópio novo — respondeu ele. — O problema é que não é lá muito bom. Acho que vou jogá-lo fora. — Dobrando o telescópio, enfiou-o no bolso da farda e depois virou-se para mim, semicerrando os olhos e ficando com uma cara ainda mais repugnante. — Eu a vi, e a Warvold, quando saíram e foram para junto da muralha. Perdi-os de vista, lá da minha torre, mas reparei que vocês estiveram ali muito tempo. Depois, vi quando se esgueirou calmamente pelo portão, e voltou para a Casa Renny como se não fosse nada.

Pervis tinha apoiado uma mão em cada braço da minha cadeira, aprisionando-me contra ela, e chegara a cara muito perto da minha. Sentia-me inquieta, tinha medo e rezava ardentemente para que fosse embora.

— Então, Alexa — disse ele, ao mesmo tempo que um sopro do seu bafo fedorento me atingia em cheio no rosto —, que devo pensar? Desapareceu com Warvold durante mais de uma hora num local aonde não devia ir, depois saltitou descontraidamente de volta à Casa, e logo a seguir vamos encontrá-lo morto.

Pervis acrescentou então algo de estranho.

— Alguém te contatou do outro lado da muralha?

— Quem é que está do lado de lá?

— Não minta, Alexa! — berrou ele, visivelmente perturbado.

— Que confusão é essa aí atrás? — Era Grayson que subia o corredor, as tábuas do assoalho rangendo à medida que ele se aproximava.

— Nada. Não é nada — disse Pervis. — Volte lá para os seus livros.

Grayson ficou onde estava, mas eu sabia que a coragem não era uma das suas características mais fortes.

— Mande-o regressar aos seus livros — disse Pervis, com uma mão no bastão de guarda. Grayson recuou, arrastando os pés, virou-se e afastou-se. Pervis olhou para mim com um risinho triunfante. Deixou aquele desconfortável momento de silêncio, enquanto o som dos passos de Grayson se afastava cada vez mais, suspenso no ar. Depois voltou para junto da janela, debruçou-se para frente, no parapeito, com as mãos atrás das costas, olhando longamente para o verde e cinza da muralha. — Sabe, Alexa, agora que Warvold se foi, posso fazer o que me apetece. O seu pai e Ganesh não têm controle sobre mim. Ninguém tem — disse.

— Como pode falar assim? — perguntei, quase sem palavras.

— Abro a boca e as palavras saem... Não há nada mais fácil.

A desfaçatez da sua resposta enervou-me.

— Quem manda agora são o meu pai e Ganesh, *não* você...

— Não presto contas a *ninguém*, muito menos ao inútil do seu pai! — disparou Pervis, impulsivamente e em voz alta. Naquele momento, Grayson dobrou a esquina, seguido de Ganesh.

Pervis ficou com o rosto vermelho como um pimentão, gaguejou e recuou de encontro à janela.

Ganesh trazia um dos gatos nos braços e ia fazendo festas na sua cabeça.

— Adoro estes gatos, e você, Kotcher? São tão calmos e meigos. — A palavra confronto não fazia parte do vocabulário de Grayson e ele já ia a meio caminho de volta para o seu escritório quando Ganesh pousou o gato. — Agora vá. Vá apanhar uns ratos.

Ganesh olhou de frente para Pervis, muito acima da sua figura baixa e magra. Pervis tentou falar, mas Ganesh ergueu a mão e fez-lhe sinal para parar.

— Quero ter certeza de ter entendido os fatos como deve ser. Não quero minimizar a sua importância, agora que compreendo a magnitude do seu poder.

Pervis ficou ainda mais vermelho, os seus lábios ficaram ainda mais finos e uma expressão carrancuda passou-lhe rapidamente pelo rosto.

— Pensei ter ouvido: «Presto contas a Ganesh e a Nicholas, mas presto principalmente contas ao Sr. Daley.» Estou certo, ou esqueci-me de alguma coisa? — perguntou Ganesh. Não consegui evitar esboçar um sorriso e Pervis lançou-me um olhar furibundo. — Ou foi isso — continuou o Ganesh —, ou então foi aquela outra coisa que julgo ter ouvido e que lhe pode custar um

rebaixamento para soldado encarregado de limpar as cavaliças e descascar batatas. De qual das versões se lembra?

Pervis estava prestes a ceder, pronto a reconhecer a sua derrota. Era impetuoso, mas também era esperto. Olhou para mim, depois para Ganesh, e meteu a mão no bolso, retirando de lá o telescópio. A seguir sorriu.

— Peço desculpas — disse. — A Alexa deu-me alguns problemas no passado e anda tramando alguma agora, tenho certeza disso. Exaltei-me um pouco. É claro que vocês três é que mandam. Não voltará a acontecer.

Indicando o telescópio com um gesto, continuou:

— De qualquer maneira, este brinquedo pertence à Alexa. Encontrei-o na sala de fumo. — Dito isto, apontou-me o dedo, falando-me como um pai fala a uma filha pequena. — Devia ter mais cuidado com as tuas coisas, Alexa. A próxima vez que encontrá-lo, joga-o fora. — E com isto estendeu-me o telescópio. Fiquei tão excitada por tê-lo outra vez que estendi a mão para arrancá-lo das mãos dele. Pervis puxou-o para si, virou-o para o lado e atirou-o contra a parede com toda força, partindo o vidro que existia no cilindro.

— Não! — gritei.

— Ganesh, bem sabe que em Bridewell é estritamente proibido possuir um telescópio, a não ser, é claro, que se pertença à guarda, como é o meu caso. Tenho muita pena, mas a pobre Alexa vai ter que ficar sem ele. Lamento. Regras são regras e devem ser cumpridas. — Pervis olhou novamente para mim. — Aqui o tem, querida. Agora já pode ficar com ele.

Peguei no telescópio partido. Ganesh estava com ar de quem se preparava para atirar Pervis pela janela, mas que podia ele fazer? Para começar, eu não devia ter trazido o telescópio para Bridewell.

Ganesh mandou Pervis sair e este obedeceu prontamente, não sem antes me lançar o seu olhar «avisei-para-não-se-meter-comigo». Mais tarde descobri que ao sair ele tinha parado para falar com Grayson e lhe tinha dito que os delatores ficavam com a cama cheia de vermes à noite — exatamente o tipo de ameaça velada que gostava de fazer.

Meti o telescópio partido no bolso e tentei normalizar a respiração. Estava sendo uma semana realmente péssima.

Ganesh estendeu-me a mão e eu a segurei. Era quente, grande e segura. Ele me puxou da cadeira e envolveu-me num abraço, falando a seguir com a sua maravilhosa voz profunda.

— Vou fazer com que Kotcher te deixe em paz para que possa explorar Bridewell mais livremente. Sei como gosta de andar por aí bisbilhotando e até sou a favor disso, desde que ninguém se magoe. — Soltei-me do seu abraço e deixei-me cair na cadeira, sentindo-me muito melhor. Sorrímos um para o outro.

— O problema que temos com Kotcher é que ele já está aqui há muito tempo — disse Ganesh. — E é ótimo a proteger Bridewell. Os seus guardas estão sempre em excelente forma, trabalha incansavelmente e os seus relatórios são excelentes. É apenas um pouco paranóico no que toca ao mundo exterior e você parece fazê-lo mostrar o seu lado pior, o que é realmente mau. — Ganesh fez uma pausa e olhou-me com os seus penetrantes olhos azuis. — Para ser franco, Alexa, não sei se me sentiria muito seguro se ele não estivesse aqui. Às vezes é preciso aceitar-se o bom e o mau para se conseguir aquilo de que se necessita. Isto é algo que o seu pai e eu ainda estamos tentando equilibrar.

Mal sabia eu que, em breve, teria de fazer o mesmo.

CAPÍTULO 7

JOCASTAS

Sentia-me cheia de energia depois da minha sesta da tarde. Juntei-me ao meu pai, a Ganesh e a Nicholas para a refeição da noite, na sala de jantar que ficava ao lado da sala de fumo. Era bom passar algum tempo com eles, principalmente com o meu pai, que estava com um ar esgotado.

— Eu pediria para me passar o pão, mas está com um ar tão estafado que talvez não tenha força para fazê-lo chegar aqui — provoqueei.

— Devia se inscrever no curso de atores que está decorrendo no andar de baixo. Ouvi dizer que andam à procura de um bom professor — respondeu o meu pai. Estava mesmo com ar cansado e até o contra-ataque dele soou um pouco fraco, ao tentar trazer um pouco de vivacidade à conversa.

— Não faz mal, Daley, continue tentando. A determinação é uma das tuas melhores qualidades — disse Ganesh.

— Essa vem logo depois do meu charme e beleza — acrescentou o meu pai.

Conversamos e comemos durante mais de uma hora, apreciando a amenidade do nosso jantar. Era o convívio mais descontraído do dia, e todos nós o aguardávamos sempre ansiosamente.

Nicholas mostrava-se encantador e convivia perfeitamente conosco, partilhando histórias engraçadas sobre Warvold, com as quais todos nós ríamos. Nicholas também sabia quando era hora de se calar para dar a vez a outra pessoa. Warvold tinha sido pai tarde e Nicholas era um jovem de apenas vinte e cinco anos. Um rapaz bem-apessoado, alto e de cabelo curto e escuro, sem barba nem bigode.

— Já lhes contei que promovi o nosso novo amigo Silas Hardy? — perguntou o meu pai.

— Quem? — respondi eu.

— Aquele homem simpático com quem fizemos a corrida na estrada para Bridewell. Nomeei-o nosso mensageiro particular, o que quer dizer que transporta cartas minhas sempre que eu precise e queima todas as que Ganesh tenta enviar. O Hardy e eu estamos empenhados em evitar que o Ganesh envergonhe a si mesmo.

— Daley, você tem uma língua até às costas — retorquiu Ganesh.

— E você é tão feio que a sua mãe quase morreu de susto quando nasceu — disse o meu pai. Continuaram assim por mais algum tempo, mas não vale a pena entrar em pormenores.

Como queria devolver a palavra a Nicholas, um pouco depois aproveitei para interromper com uma pergunta.

— Nicholas, pode me falar um pouco da sua mãe, Renny? Não sei quase nada sobre ela e gostaria de saber.

Ganesh e o meu pai sossegaram e encheram novamente os pratos, enquanto Nicholas bebia o seu vinho e arrumava os pensamentos.

— Vejamos... A minha mãe era alta, esbelta e bonita, com cabelo negro e bons dentes. Não sei porquê, lembro-me sempre dos seus dentes perfeitos. É engraçado como as nossas memórias funcionam, não é? Agarramo-nos aos mais estranhos pormenores sobre uma pessoa. — Aqui fez uma pausa para beber um gole de vinho e, gentilmente, Ganesh encheu-lhe novamente o copo.

Nicholas agradeceu com um gesto e continuou.

— Ela tinha um interesse enorme por pedras preciosas e jóias. O meu pai tinha uma boa coleção de pedras preciosas que tinha trazido das suas viagens. Algumas conseguira na troca por outros objetos, outras ganhara no jogo. Disseram-me que ele era um ás nas cartas e nos dados, e desconfio que tenha corrido o globo aproveitando-se dos jovens e ricos governantes que encontrava.

«Renny começou a fabricar as suas próprias pulseiras e anéis. Na realidade, não passavam de jóias de pequeno valor, mas tinha muito jeito. Acho que a maioria das pessoas a considerava uma artesã de grande qualidade. Mais tarde ela começou a interessar-se por minúsculas e minuciosas gravações em safiras e rubis, chamadas jocastas, e essa arte foi a sua paixão até à hora da morte. — Nicholas puxou um colar com uma enorme pedra de baixo da camisa e ergueu-o no ar para que todos pudéssemos admirá-lo. — Não se consegue ver a verdadeira gravação porque está coberta por um desenho que esconde a real essência da peça. Na superfície vêem-se uns desenhos elaborados mas, com a ajuda de uma lupa, veriam também que a Jocasta que escondem é uma reprodução do nosso brasão de família: uma coroa de espinhos. — Nicholas aproximou a pedra de cada um de nós para podermos vê-la e depois virou-a para si, a fim de olhar também para ela, esforçando-se por distinguir as gravações existentes sob a superfície.

— Estava com tanta pressa para chegar aqui que deixei a minha lupa em Lunenburg. Caso contrário, mostraria. Não sei quantas ela fez, talvez umas trinta. O medalhão que o meu pai usava tinha um desenho semelhante, mas a Jocasta dele eram dois minúsculos corações atravessados por uma flecha,

simbolizando o laço existente entre a minha mãe e o meu pai.

Eu achava fascinante a idéia das jostas e perguntei-lhe se sabia da existência de mais jóias daquelas feitas pela mãe.

— Estas coisas levavam muito tempo para fazer, por vezes levava meses só para fazer uma peça, portanto havia poucas. Tanto quanto sei, fez muito poucas peças destas. Oferecia-as como prendas a familiares e amigos chegados. A minha tia tem uma, e há umas tantas nas jóias de família, mas não sei de mais nenhuma.

«De qualquer maneira, sem uma boa lupa, não saberiam que se tratava de uma Josta, nem que a tivessem na mão. — Nicholas bebeu um pouco mais de vinho. Eu me recordava que Warvold apreciava um bom vinho e era óbvio que o seu filho também. — Quando regressar para casa, trago a lupa para que possamos ver esta ou, se calhar, podíamos mandar o Silas buscá-la, uma vez que esta semana só há cartas de Ganesh para entregar.

Os três não tardaram a voltar a trocar alfinetadas. Perguntava a mim mesma quanto tempo levariam o meu pai e Ganesh a tratar Nicholas pelo último nome, ou se alguma vez o fariam. Para eles, uma pessoa era um Daley, um Ganesh, um Warvold ou um Kotcher. O fato de ser chamado pelo último nome significava que era considerado um adulto importante. Duvidava que algum dia me chamassem de outra coisa que não Alexa.

Quando a conversa começou a prolongar-se noite dentro, o vinho correndo tão livremente como os insultos proferidos no momento certo, eu saí de fininho e dirigi-me ao meu quarto. Tinha visto a minha mãe durante o funeral, mas ela viera para ficar apenas um dia. A minha mãe, tal como Grayson e eu, odiava multidões, e esta era a maior multidão, metida no menor espaço, que uma ou outra tínhamos visto. A existência das muralhas tinha-nos feito parecer milhões de formigas fechadas num frasco de vidro, passando por cima e rastejando por baixo umas das outras.

Tinha que lhe enviar uma carta, uma carta que não me apetecia nada escrever mas da qual me queria ver livre. Vesti a camisola e arrumei o quarto, andando de um lado para o outro numa tentativa de evitar a minha escrivãzinha. Até me recostei na cama para ler o livro de Warvold, que tinha trazido escondido da biblioteca, na esperança de ficar com sono e adormecer. Mas o sentimento de culpa dominava-me e sentei-me à escrivãzinha de caneta em punho, começando a escrever:

Querida Mãe,

Espero que a sua viagem de regresso para casa não tenha sido muito longa. Desconfio que tenha se deparado com mais poeira do que alguma vez

pensamos poder ser levantada por carroças daqui a Lathbury. Esperava-te por certo um longo dia na estrada, mas é bom saber que chegou sã e salva em casa.

As coisas aqui sossegaram e já voltou quase tudo ao normal. Gostei muito de jantar com o pai, com Ganesh e com Nicholas hoje. Parecem estar todos encantados com Nicholas e acho que ele irá se sair bem.

O pai está cansado e tem trabalhado demais outra vez, mas temos nos entendido bem e arranjamos sempre alguns momentos livres para darmos uns passeios juntos.

Tenho que lhe contar uma coisa pela qual, espero, não me dê um castigo muito grande quando regressar para casa, embora eu não mereça menos que uma boa surra. Nesta visita, eu queria muito ver mais longe, além da muralha, por isso tirei da sua gaveta o telescópio e trouxe-o comigo. Mas isso não foi o pior. Pervis Kotcher apanhou-me a utilizá-lo e confiscou-o. Mais tarde devolveu-me, mas não sem antes lhe partir as lentes.

Desculpe, mãe. Prometo trabalhar dia e noite até ganhar o suficiente para mandar consertar este precioso objeto que te pertence. Sei que errei ao pegá-lo sem pedir autorização. Você me perdoa? Vou para a cama agora, tenho muito que fazer amanhã. Grayson manda cumprimentos.

*Um beijinho,
Alexa.*

Dobrei a carta, enderecei-a à minha mãe e depois derramei nela um pouco de cera da minha vela e apliquei-lhe o meu sinete. Dá-la-ia a Silas ao café-da-manhã.

Voltei para a minha cama e folhee o velho livro de Warvold. Fiquei quase imediatamente com sono e meti o livro debaixo da almofada, com medo de que Pervis se pusesse a vaguear pelo meu quarto no meio da noite, a vasculhar as minhas coisas. A propósito, o que ele queria dizer ao perguntar se alguém tinha me contatado do outro lado da muralha? Era uma coisa estranha para se dizer e a verdade é que aquilo ficou remoendo na minha cabeça durante algum tempo, até adormecer.

CAPÍTULO 8

A PRIMEIRA JOCASTA

No dia seguinte Bridewell ficou novamente deserta, com os últimos visitantes a saírem pelas portas, a caminho de casa. Enquanto passeava, vi Pervis e os seus homens baixar e subir diferentes portas, inspecionar documentos, revistar carroças e, no geral, controlar o mar de pessoas que saía de Bridewell. Tive que admitir que ele tinha tudo sob controle e os seus homens pareciam acatar as ordens de boa vontade.

Durante o meu passeio matinal pela cidade, reparei em Silas, que esperava a sua vez junto à porta de Lathbury, e fui até à sua carroça para cumprimentá-lo. Tinha lhe dado a carta ao café-da-manhã, e ele parecera mais do que satisfeito por se pôr a caminho e ir entregá-la pessoalmente na casa da minha mãe.

— O seu pai também tem um embrulho para ela. Certamente vai ficar contente por ter notícias dos dois — dissera ele. Se ele soubesse como a minha mãe iria ficar triste quando lesse a minha carta!

Cheguei junto da carroça e olhei para cima.

— Parece que vai ter de esperar bastante para conseguir sair da cidade. Tem seis carroças à sua frente e o sol já está quente como uma fogueira!

— Sou um homem de estrada, Alexa... sempre fui. Já fico contente por estar na minha carroça com a *Maiden* e o *Jaz* a me puxarem, não importa que tempo faça — respondeu Silas.

— Tente não meter esses velhos pangarés em mais corridas no regresso para casa. Desta vez podem bater as botas e deixá-lo no meio do caminho — disse eu.

— Pare de fazer pouco dos meus cavalos! — berrou Silas. Tinha razão: fora uma tentativa infeliz de ser engraçada. Um mau hábito aprendido com o meu pai.

— Desculpe, Silas. — Caminhando para a frente da *Maiden* e de *Jaz*, fiz-lhes umas festas suaves nos focinhos. — E peço-lhes desculpas também. São uns corcéis maravilhosos, muito maiores do que qualquer outro cavalo dos estábulos de Bridewell. — Isto fez aparecer um sorriso no rosto de Silas, que me piscou o olho. Eu gostava de Silas; era dos meus.

A porta se abriu e algumas carroças arrancaram com um solavanco. Saltei da frente dos cavalos para poderem avançar e eles deram alguns passos adiante, ficando a cinco carroças para serem soltos na estrada para Lathbury. Silas ainda tinha muito que esperar, portanto decidi regressar à biblioteca antes do meu cantinho de leitura aquecer de tal maneira que se pudesse estrelar um ovo em cima da cadeira.

Quando cheguei, fui à procura de Grayson mas ele não estava, o que era estranho. O escritório dele encontrava-se no seu estado habitual: livros começados a restaurar empilhados por todo o lado, ferramentas espalhadas, uma camisa meio pendurada meio caindo de uma cadeira. Ele tinha estado lá, isso era certo, uma vez que era ele que abria a biblioteca todas as manhãs. Devia ter ido à cozinha buscar qualquer coisa para comer.

Encolhi os ombros e caminhei em direção à minha cadeira, parando pelo caminho para pegar num livro de histórias e no meu livro preferido de poesias. Tinha também o livro de Warvold comigo, que planejava passar a maior parte da manhã a ler.

Sentada em segurança na minha cadeira, tive um momento de ansiedade ao aperceber-me da possibilidade de outro confronto com Pervis. Desta vez Grayson não estava na biblioteca para me salvar. Enquanto pensava nisto, *Sam* pulou para o meu colo seguido, um segundo depois, por *Pepper*. Ronronando, enfiaram as cabeças no meu peito, ávidos de festas. Fiz festas na barriga de *Pepper*, mas ele virou-se e enfiou a cabeça debaixo da minha mão.

— Desde quando desdenha cócegas na barriga? — perguntei em voz alta. Ele limitou-se a empurrar a cabeça contra o meu peito e, pouco depois, *Sam* imitou-o. Agarrando os dois pelo cangote, ergui-os até ficarem ao nível da minha cara. Olhei-os fixamente, olhos nos olhos, e recebi um *miau* de cada um. Depois o meu olhar fixou-se nas coleiras de jóias e nas medalhas nelas penduradas.

Por instantes, fiquei gelada, paralisada, tal como ficara quando percebi que Warvold estava morto. *Miau! Miau!* protestaram os gatos. Tinha me esquecido de que ainda os tinha pendurados pela parte de trás do pescoço.

Pousei os dois e pedi desculpas, tentando recuperar a compostura. Os gatos sentaram-se, muito eretos, e eu peguei nas suas coleiras. Cada medalha era um quadrado de pouco mais de vinte e cinco milímetros de tamanho e estava enfeitada com desenhos maravilhosos. Como os gatos tinham pertencido a Renny, era possível que as medalhas contivessem jocalhas. Estava curiosíssima por saber o que poderiam revelar e sabia exatamente onde encontrar o que necessitava para desvendar o mistério das jóias.

Levantei-me de um salto, colocando rapidamente os gatos na cadeira.

— Não saiam daqui, vocês dois — disse, agitando um dedo no ar. — Eu

volto já. — E corri pelos corredores ziguezagueantes cheios de livros, em direção à parte da frente da biblioteca.

Quando cheguei à porta do escritório de Grayson, fiquei contentíssima por ver que ele ainda não tinha regressado do que pensava ser um ataque à cozinha. Entrei sorrateiramente no escritório e abri as gavetas da escrivaninha. Grayson era mais desarrumado do que eu pensara. As duas primeiras gavetas estavam repletas de bolas de papel amarfanhado, lombadas de livros velhos e ferramentas em mau estado de conservação. Gaveta após gaveta, a inspeção revelou ao mesmo tipo de lixo. A última gaveta para a qual espiei continha um sanduíche meio comido, já com uma semana. Cheirava pior do que BPK (Bafo de Pervis Kotcher)!

Encostei-me para trás na cadeira de Grayson e percorri as prateleiras com os olhos. Estas também estavam carregadas de livros velhos e lixo. Na ponta de uma das prateleiras vi uma caixa de madeira com um fecho que não era mexida há algum tempo, pois a tampa estava coberta de pó. Ao abri-la, encontrei uma série de ferramentas velhas e aquilo que procurava: uma lupa de tipógrafo. Era o ideal para ver uma Jocasta. Poderosa e precisa, uma lupa de tipógrafo era utilizada para ampliar letras datilografadas, danificadas, e facilitar o preenchimento meticuloso de letras antigas numa página impressa. Grayson há muito que tinha abandonado a prática desta técnica, a favor do embelezamento e restauro do exterior dos livros.

— Adeus, reparação de texto — dissera-me ele há alguns verões atrás. — Ninguém liga a mínima para isso e está me deixando velho.

Fechei a caixa e estava prestes a colocá-la de novo na prateleira quando ouvi a porta da biblioteca abrir. O som de passos aproximava-se enquanto eu manuseava desajeitadamente a caixa, e quase a deixei cair ruidosamente no chão antes de conseguir devolvê-la ao seu lugar, em segurança. Meti a lupa de tipógrafo no bolso no mesmo instante em que Grayson apareceu à porta. Ele sorriu, esfregando a barriga. Trazia uma substância vermelha e de aspecto pegajoso presa ao bigode grisalho.

— Vou te dizer, Alexa, na cozinha fazem a melhor compota de morangos frescos do mundo. Mmmm mmmm, não me importaria de passar os dias a comê-la com pão. — Pelo tamanho da barriga de Grayson, era consumidor habitual das delícias culinárias da Casa Renny.

— É melhor cortar um pouco esses ataques à cozinha, Grayson. Já quase não anda, rola — disse-lhe eu.

— Não goze dos velhos. Não é de bom-tom. — Sorrimos um ao outro, enquanto ele entrava no escritório.

— Que faz aqui dentro, afinal? — continuou o Grayson. — Se anda à

procura de alguma coisa para comer, abra a gaveta de baixo, à direita. São mimos fresquinhos do *chef*.

Em circunstâncias normais teria me enganado mas, como já sabia que a gaveta continha uma surpresa mais que rançosa, recusei a sua oferta e despedi-me.

«Por favor, estejam lá, gatos. Por favor, estejam lá, gatos», ia repetindo mentalmente enquanto caminhava de volta para a minha cadeira. Contornei a esquina e lá estavam os dois sentados, esperando o meu regresso, tal como os tinha deixado, lambendo distraidamente as patas.

As minhas mãos tremiam quando tirei a ferramenta do bolso e me pus de joelhos na frente dos bichanos. Segurando a medalha de *Sam* na mão, coloquei a lupa de tipógrafo sobre ela e semicerrei um olho para espreitar pelo aparelho. A princípio, apenas parecia uma confusão de pontos e linhas entrelaçadas. Depois foquei a lupa, rodando-a no seu mostrador com um *tic, tic, tic*. Os minúsculos pontos e linhas juntaram-se para formar uma teia de caminhos sem princípio ou fim definidos, e sem qualquer indício quanto ao seu objetivo. Era apenas um monte de trilhas sinuosas. Seriam as estradas de Bridewell ou os caminhos ao longo da muralha? Havia uma montanha em miniatura, cintilante, no final de uma das trilhas pontilhadas, mas essa era a única indicação clara de um local que eu conseguia encontrar. A Renny era realmente talentosa: este era um fantástico exemplar de arte escondida.

Corri de novo para o escritório de Grayson para pedir emprestada uma caneta e tinta, regressei e copiei meticulosamente o mapa numa folha. As costas me doíam muito por estar debruçada e tinha os olhos lacrimejantes por olhar tão intensamente para a Jocasta. Agora entendia por que Grayson tinha desistido de reparar letras datilografadas.

Finalmente satisfeita com o meu desenho da gravação da Jocasta, coloquei-o no parapeito da janela para que a tinta secasse. Levantei-me com um rangido e, quando estiquei os braços em direção ao teto para esticar o meu corpo maltratado, a minha coluna estalou de alto a baixo. Tinha acabado de investigar a medalha de *Sam*, por isso pus-me novamente de joelhos e dobrei o corpo para frente, diante de *Pepper*. Quando ia segurar a pedra preciosa na palma da mão, *Pepper* assanhou-se e atacou-me com as garras, fazendo-me um arranhão enorme nas costas da mão. Encolhendo-me de dor, recuei atabalhoadamente e, ao recolher instintivamente a mão, larguei a lupa, atirando-a pelo ar.

Ouvi-a bater em alguma coisa e a dor que sentia na mão em nada se comparou com o desapontamento de ouvir a lente estilhaçar-se contra a parede de pedra. Pior ainda, ouvi Grayson correndo por entre as filas de livros, na minha direção, gritando o meu nome repetidamente, num tom aflito. Apenas tive

tempo de agarrar na lupa e ver que a lente estava rachada. Pus-me de pé com dificuldade e guardei no bolso o segundo objeto que tinha roubado, no espaço de apenas alguns dias, e que tinha acabado em cacos.

— Que se passa aí atrás? — perguntou Grayson, contornando a esquina. — Há anos que não ouvia um destes gatos bufar desta maneira. — Nisto, viu a minha mão. — Valha-me Deus, esse é dos fundos! O que lhe fez? Tentou arrancar-lhe os bigodes?

Eu não sabia o que dizer, portanto, limitei-me a ficar ali, de pé, com o sangue a escorrer pelo braço. A certa altura, apercebi-me de que deixara o mapa que tinha desenhado no parapeito da janela, por isso meti-me entre ele e Grayson para escondê-lo.

— Deve estar de mau humor hoje — disse eu.

— Deixe-me dar uma olhada. Tenho que me certificar de que não corre o perigo de sangrar até à morte. — Grayson pegou-me na mão e puxou-a para a luz, junto à janela. Gaguejei um pouco mas não consegui encontrar as palavras certas para fazê-lo parar. — Acalme-se — disse Grayson, examinando-me a mão naquela luz quente, virando-a e limpando-a com o seu lenço.

— Acho que vai ficar bem — disse. — Não é assim tão ruim, apenas *parece* horrível. O melhor que pode fazer é deixá-lo no ar para criar crosta. Daqui a uns dias só se lembrará dele por causa do comichão.

Posto isto, largou a minha mão, lançou-me um olhar longo e sério e disse:

— Está me apetecendo um pouco mais daquela compota de morango... com bolachas. E se se juntasse a mim para um passeio até à cozinha?

Com um sorriso pálido, concordei com a cabeça e começamos a caminhar para a parte da frente da biblioteca. Pelo menos tínhamos nos afastado do meu desenho. Só esperava que ninguém o encontrasse na minha ausência.

Percorremos os corredores de livros, parando aqui e ali para arrumar uma prateleira, um hábito que tanto Grayson como eu tínhamos adquirido por passarmos tanto tempo a vaguear pela biblioteca.

— A propósito — disse o Grayson. — Desenhou um mapa muito bonito da biblioteca. Estou impressionado!

— Que disse? — perguntei, tentando manter a calma.

— O desenho que tinha no parapeito da janela. Deve ter demorado um pouco para perceber que este lugar forma um caracol. Acho que consegui desenhar isso, pelo menos, do pouco que vi, pareceu-me estar muito bom.

As minhas mãos tremiam.

— Você está bem, Alexa? Talvez devêssemos ir a um médico verdadeiro para termos certeza de que essa mão está bem. Está tremendo como vara verde.

Ergui o olhar para Grayson e dei-lhe um grande sorriso.

— Não é preciso, estou apenas ansiosa para provar aquelas bolachas com compota de morango. Mal posso esperar — disse, começando a puxá-lo ao longo da fila de livros, em direção à cozinha. Tinha que distraí-lo e levá-lo até onde houvesse comida, pois era, decididamente, a melhor maneira de consegui-lo.

CAPÍTULO 9

SOZINHA EM BRIDEWELL

Quando, mais tarde, regressei na companhia de Grayson, não estava preparada para iniciar a minha busca pela biblioteca, por isso peguei no mapa e corri para o meu quarto. Aí, fiquei sozinha durante algum tempo, a pensar no que iria fazer a seguir, e depois fui até à cozinha para ver se jantava. Quando regressei ao meu quarto, sentei-me no parapeito da janela com os braços em volta dos joelhos, a olhar para a luminosidade alaranjada e enevoadada do pôr do Sol. A brisa noturna que soprava era bem-vinda depois do calor sufocante do dia. Numa mão segurava a chave prateada de Warvold e na outra o meu desenho da gravação da Jocasta, agitado pela brisa. Uma hora mais tarde, o pôr do Sol cor-de-laranja tinha-se transformado em noite escura e eu saí do parapeito da janela, atravessei o quarto e sentei-me na minha cama.

Tive uma noite de sono agitado, cheia de sonhos em que a cabeça de Pervis Kotcher balançava grotescamente no corpo de um gato, perseguindo-me de cômodo em cômodo, por toda a casa. Na manhã seguinte, acordei, vesti-me e dirigi-me à cozinha. Já estava calor e a leve brisa da noite tinha desaparecido. O sol iria aquecer Bridewell como uma fomalha toda a manhã, até atingir temperaturas insuportáveis ao meio-dia. Perguntei a mim mesma qual seria a sensação de estar debaixo das grandes árvores, do lado de lá da muralha, no chão fresco da floresta.

O café-da-manhã estava mais concorrido do que de costume. Grayson apareceu em busca de mais compota de morango, desta vez com panquecas. Ganesh, o meu pai e Nicholas debatiam o uso de terra e expansão entre Lunenburg e Ainsworth. Silas tinha regressado de Lathbury cedo nessa manhã e estava acabando de dar os últimos retoques num prato cheio de torradas, biscoitos e panquecas, tudo coberto com compota vermelha e espessa, sem dúvida seguindo o conselho de Grayson.

Dei um toque nas costas de Silas e cumprimentei-o.

— Já de volta? Pensei que ficaria fora pelo menos mais um dia.

Tanto Silas como Grayson se viraram na minha direção.

— Sabe, é que os meus velhos cavalos preferem viajar de noite em vez de no calor do dia — respondeu Silas. Depois, olhando para mim e piscando-me

o olho, acrescentou: — Se lhes contar que eu disse isto, amarro seus sapatos um no outro.

— Vejo que descobriu a compota de morangos frescos. Grayson anda comendo isso aos litros. Acho que ele é um urso disfarçado de homem, se preparando para a hibernação — brinquei.

Grayson, com uma já familiar gota vermelha no bigode farfalhudo, levantou-me uma sobrancelha e enfiou uma panqueca inteira, afogada em compota, na boca. Que nojo!

— A minha mãe mandou notícias? — perguntei, rezando para que a resposta fosse não.

— Esperei o mais que pude, mas ela tinha saído quando eu cheguei lá. Contudo, deixei a sua carta e um bilhete dizendo que voltaria dentro de alguns dias, no caso de querer mandar alguma coisa para você ou para o seu pai. Tenho certeza de que vai enviar-lhe uma resposta.

Mais aliviada, dirigi-me para o *buffet* e enchi um prato de comida. Em seguida, sentei-me ao lado do meu pai. Nicholas estava falando, encontrando-se a meio da exposição de uma idéia.

— ...é o que lhes digo: se não prestarmos atenção a Ainsworth, eles um dia ainda tomam o controle de Bridewell. Temos que expandir Lunenburg para noroeste, na direção de Ainsworth, antes que eles se estendam muito. Eu sei que parecem amigáveis agora, mas a verdade é que não confio neles, e o meu pai também não confiava.

O meu pai, Ganesh e Nicholas deram-me bom-dia calorosamente, e continuaram a conversar, o pai pousando uma mão no meu ombro. Era bom sentir o seu braço à minha volta.

Este tipo de conversa era chamada «pescar». Sempre que o meu pai e Ganesh queriam saber a opinião do povo sobre os assuntos do dia, elevavam o tom de voz, como se falassem para o ar, tal como quem lança isca para peixe, a fim de verem qual dos pontos de vista fazia com que o anzol fosse engolido inteiro. Obviamente, também tinham ensinado esta tática a Nicholas, visto que tinha sido ele a lançar a primeira linha.

— Discordo totalmente — disse Ganesh. Disfarçadamente, o meu pai deu-me uma piscada de olho. — Se construirmos na direção deles, considerarão isto um ato hostil e seremos arrastados para um confronto. Concordo que necessitamos expandir — estes últimos dias em Bridewell provaram-no. Dentro de poucos anos Bridewell e as cidades que estão junto ao mar terão atingido a sua capacidade máxima, e depois, que faremos? Temos mais de dezesseis quilômetros entre nós e Ainsworth, o que considero uma distância saudável. Não podemos expandir para lá dos penhascos a partir de Lathbury ou Turlock,

portanto esses são becos sem saída. Bridewell está presa no meio, sem espaço para crescer. Acho que a nossa melhor opção será começarmos a construir edifícios com dois e três andares, crescer para cima em vez de para fora. Poderíamos crescer para o dobro do nosso tamanho se abolíssemos a regra dos andares únicos.

— Essa é uma péssima idéia. — Quem falava era Pervis, que tinha chegado à entrada da sala de jantar sem que déssemos por ele. Estava encostado à parede, de braços cruzados sobre o peito.

— Porque não está lá fora a nos proteger do papão? — perguntou o meu pai. Ficava arrepiada quando ele dizia isto, mas parece que todos os outros achavam graça.

— Podem rir à vontade, mas aviso-os que construir em altura é uma idéia perigosa. Expõe-nos ao exterior e nos torna vulneráveis — disse Pervis. — E quando as pessoas começarem a passar todo o seu tempo livre à procura de coisas estranhas do lado de fora da muralha, terão um problema ainda maior. Aticem a curiosidade da arraia-miúda e mais vale colocarem Bridewell sobre um barril de pólvora.

Pervis estava agora junto do *buffet*, enchendo o prato de ovos. Não me agradava o rumo que ele estava dando à conversa.

— A Alexa, por exemplo — continuou Pervis. — Damos-lhe o único quarto em Bridewell que tem uma janela com um pouco de vista para lá da muralha. Ela é apenas uma criança e nós partimos do princípio que uma criança é acanhada e medrosa. Que interesse poderia uma criança ter no mundo exterior? Mas mesmo a pequena e doce Alexa descobriu que, se subir no parapeito da janela, consegue ver uma amostra do que está lá fora. E *depois*, que faz ela?

Era agora — ia ficar de castigo para o resto da vida.

— Traz um telescópio para Bridewell e se empolera no parapeito à procura de sabe Deus o quê. Um telescópio para ver à distância! Essas coisas são proibidas em Bridewell, desde que me lembro. Ou será que mudaram de idéia a esse respeito e se esqueceram de avisar o velho Pervis?

Quem me dera ter pulado o café-da-manhã e ido diretamente para a biblioteca! Esperava que meu pai retirasse o braço do meu ombro. Estaria no seu direito. Em vez disso, agarrou o meu braço magricela com a sua mão grande e puxou-me para mais perto dele. Depois debruçou-se com o garfo e roubou uma garfada de ovos do meu prato, mastigando deliberadamente devagar. A sala ficou em silêncio.

— Sr. Kotcher — disse o meu pai —, quanto tempo mais acha que eu e Ganesh estaremos por aqui?

Já tinha visto o meu pai assim noutras ocasiões. O seu tom de voz mudou

quase imperceptivelmente, mas todo mundo naquela sala sabia que ele estava de garras de fora.

— Não faço a menor idéia — disse Pervis, sem desviar o olhar do meu pai.

Meu pai levantou-se e ficou de pé atrás de mim, com uma mão em cada um dos meus ombros, sem um tremor sequer.

— Olhe bem para esta menina. Está se transformando numa senhorinha e, daqui a poucos verões, se transformará numa jovem mulher. Está prestes a chegar o dia em que ela fará parte da assembléia administrativa. Apresentará as suas idéias e as suas idéias serão escutadas. A menos que Ganesh ponha mãos à obra e tenha filhos rapidamente, não tardará muito que Alexa governe a cidade juntamente com Nicholas. Nessa altura não precisará que eu a defenda, e será ela a decidir que posto você terá ou mesmo se permanecerá aqui. Aconselho-o a pensar nestas coisas antes de abrir outra vez a boca numa sala cheia de gente.

O meu pai voltou a se sentar e continuou a comer do seu próprio prato.

— Tem mais qualquer coisa a dizer, Sr. Kotcher? — perguntou.

Acho que tanto Pervis como eu percebemos, pela primeira vez nas nossas vidas, que um dia eu teria autoridade sobre ele. Ele não perdeu tempo e tentou defender-se.

— Pois, mas essa *moça* só arranja encrencas. Ouça o que lhe digo, Daley, ela vai nos pôr em perigo e será a causa da nossa ruína. Não sei como nem quando, mas ela *vai* nos pôr em perigo.

Pervis percorreu a sala com os olhos, em busca de apoio, mas as pessoas ou estavam olhando para baixo ou olhavam na direção dele, zangadas.

— Não voltarei a importuná-la — continuou Pervis. — Mas não é porque não me preocupe com um futuro sob a sua liderança. Se eu não estiver aqui para comandar os guardas, este lugar ficará *completamente* vulnerável. Fiz um juramento para proteger Bridewell e não me importo de meter o rabo entre as pernas para satisfazer o seu ego e da sua filha mimada, desde que Bridewell esteja em segurança. Só isso me importa. — Com isto, girou sobre os calcanhares e abandonou a sala.

Pervis ainda não tinha saído da sala de jantar, e Grayson já ia a caminho da biblioteca. O resto do grupo ficou para trás, começando novamente a falar.

— Importam-se que Alexa e eu os deixemos? — perguntou meu pai, guiando-me para fora da sala, pelas escadas abaixo e para o exterior. Caminhamos durante muito tempo sem que nenhum de nós falasse.

Por fim, o silêncio tornou-se muito pesado para mim e rompi-o com uma enxurrada de palavras.

— Já escrevi à mãe contando que mexi no telescópio, mas ela ainda não

respondeu. Eu sei que não devia ter ficado com ele. Desculpe! Desculpe! Eu só queria ver um bocadinho do que há lá fora!

— Acalme-se, Alexa — disse o pai. Ele pegou-me na mão e caminhamos até o centro da cidade, onde nos sentamos num banco. — Warvold morreu, Alexa. Acho que ninguém se apercebeu ainda da importância que isso tem. Ganesh, Nicholas e eu somos bons líderes, mas não somos Warvold. Foi ele que construiu esta cidade e tinha razões secretas para fazê-lo. Ele sabia muito mais do que nos contou, sobre muita coisa.

Os olhos do pai percorreram novamente a praça, antes de continuar.

— Já estamos sendo pressionados por Ainsworth para fazermos coisas que não queremos fazer. Estão testando o nosso poder de decisão, agora que Warvold morreu. E não é nenhum segredo que Pervis anda cada vez mais descontrolado, num momento em que precisamos da sua liderança. — O pai inclinou-se para frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos, e começou a limpar as unhas.

— Warvold estava sempre a falar de você, sobre o seu visível interesse pelo mundo exterior e de como é inteligente para a sua idade. Via em você muito do aventureiro que ele próprio foi, e manifestou várias vezes pena por estar fechada dentro das muralhas que ele construiu. Ele compreendia porque gostava tanto de vaguear furtivamente, sozinha, por aí.

Fez uma pausa e virou-se para olhar para mim.

— Ele lhe disse alguma coisa na noite em que morreu? — Era uma pergunta acusadora e fiquei surpreendida.

— Não. Não disse nada de importante — respondi. — Mas comportou-se de uma forma estranha. Recordou o passado e contou-me uma fábula tola sobre cegos, mas foi só isso.

O meu pai observava-me atentamente, enquanto eu falava, tentando ver se estava dizendo a verdade ou não. Não me perguntou sobre a chave e eu nada disse. Era muito preciosa para entregá-la sem que me interrogassem diretamente sobre ela. Ele suspirou profundamente, voltou a limpar as unhas e continuou.

— As pessoas estão preocupadas em Turlock, e querem que eu e Ganesh façamos uma visita. Vamos partir agora de manhã e estaremos fora durante dois dias. Sei que é uma decisão repentina, mas vivemos um período turbulento e estamos tentando manter as coisas sob controle. Vou dar a Pervis uns dias de licença em Lunenburg, enquanto estivermos fora, para evitar que se matem um ao outro. — O pai fez nova pausa e olhou para mim, os seus olhos avisando-me para me portar bem na sua ausência. — Já falei com Grayson e ele tomará conta de você. Posso contar contigo para não se meter em encrencas, pelo menos até eu voltar?

Escolhi cuidadosamente a minha resposta.

— Já tive encrenca suficiente até o final da minha visita a Bridewell.

A minha resposta pareceu satisfazê-lo. Pusmo-nos de pé, trocamos um abraço rápido e ele começou a se afastar, em direção à Casa Renny. Pouco depois partiu, e eu fiquei sozinha no centro da cidade, com as muralhas de Bridewell erguendo-se por cima da minha cabeça.

Por algum motivo, senti-me mais prisioneira do que até então.

CAPÍTULO 10

CABEZA DE VACA

Eram nove horas da manhã quando saí do meu quarto pela segunda vez nessa manhã. Levava uma bolsa de couro pendurada ao pescoço, na qual colocara o mapa, a chave e o meu canivete. Atei à cintura a blusa que minha mãe tinha me comprado no dia do funeral. Não levava mais nada comigo pensando que, mesmo que fosse bem-sucedida, estaria fora apenas algumas horas.

Quando cheguei à biblioteca, tirei o mapa da bolsa e comecei a procurar um ponto de partida. Identificar os lugares estava sendo mais difícil do que eu imaginara. O mapa apenas mostrava corredores sinuosos, não indicando quaisquer portas, paredes ou janelas. Do meu ponto rasteiro de observação, não conseguia distinguir o padrão completo. A única coisa que se conseguia ver claramente era que a montanha representada no mapa devia ficar num dos cantos da grande sala. Achava estranho Grayson ter sido capaz de entender o mapa à primeira vista, mas ele tinha estado na biblioteca todos os dias durante anos e anos, e tinha percorrido cada corredor milhões de vezes. Eu apenas visitava o local alguns dias por ano e estava completamente confusa.

Cada vez que começava a caminhar por um dos corredores sinuosos de livros que me parecia ser igual a um dos do mapa, acabava chegando à conclusão de que era um corredor completamente diferente. Até parecia que o mapa mudava diante dos meus olhos. Virei-o ao contrário e em todas as direções possíveis. Parti de paredes e entradas diferentes, mas todos os meus esforços acabavam comigo andando em círculos.

Passada uma hora, entrei no escritório de Grayson para ver se ele queria fazer uma visita à cozinha comigo. Fui dar com ele debruçado sobre um lindo livro verde e amarelo, a reparar a capa com folha de ouro. O meu estômago roncou e ele ergueu os olhos do trabalho.

— Estava mesmo pensando nisso — disse e, juntos, atravessamos o salão em conversa amena. Já na cozinha, falamos pouco, enquanto bebíamos leite frio e comíamos pãezinhos com compota. A certa altura, tirei o mapa da bolsa e coloquei-o em cima da mesa.

— Veja lá se consegue adivinhar onde a minha cadeira preferida se encontra no mapa — desafiei, na esperança de descobrir alguma coisa que me

ajudasse a encontrar o caminho.

Virei o mapa para Grayson, que o estudou pensativamente. A princípio, parecia estar com a mesma dificuldade que eu, mas depois as suas sobranças ergueram-se. Com a pressa, utilizou um dedo indicador sujo de compota para mostrar o lugar onde achava que ficava a minha cadeira, deixando uma mancha vermelha e pegajosa no meu mapa limpinho. Pedi desculpas mas eu não me importei muito, pois ele tinha acabado de deixar uma mancha vermelha, gigantesca, no lugar onde ficava a montanha. Agora que aquela zona era bem visível, todo o resto se tornava mais fácil de identificar. Apercebi-me da localização do escritório de Grayson e das portas que davam acesso à biblioteca, bem como das janelas e dos corredores de livros. Agora tudo fazia sentido.

Era óbvio que Grayson ainda se preparava para comer muito mais e não ia apressar-se a voltar ao trabalho, portanto, era uma boa hora para escapulir dali.

— Obrigada pela companhia, Grayson. Vemos-nos mais tarde. — Enquanto me punha de pé para sair, acrescentei: — Eu vou estar ocupada com uma coisa nos próximos dias, portanto não se preocupe se não me vir por aí.

Grayson fez que sim com a cabeça e eu saí da cozinha, não esperando outra coisa dele. Ao longo de todos os anos em que tinha vindo para Bridewell, meu pai nunca se lembrara de investigar que tipo de companhia era Grayson. No passado, sempre que se ausentava por um ou dois dias, pedia a Grayson que tomasse conta de mim e ele concordava sempre de bom grado, sem nunca ajustar o seu comportamento a essa tarefa. Víamo-nos diariamente na biblioteca... ou talvez não. Nem sequer se preocupava se ficasse um dia e uma noite inteiros sem me ver. Afinal, eu não poderia ir muito longe, não é?

Corri para a biblioteca e depois ziguezagueei pelo labirinto de corredores. Ao contornar uma esquina, bati com o ombro numa estante, quase atirando várias filas de livros ao chão. Depois de ter estabilizado a estante, segui caminho, desta vez caminhando rapidamente em vez de correr. Sem perceber, dei comigo em frente da minha velha cadeira. Do lado de fora da janela, um falcão estava no parapeito, e nem se mexeu quando eu apareci. Os dois gatos estavam sentados em cima da cadeira, observando-me atentamente. Era estranho ver como as três criaturas permaneciam imóveis e alerta, seguindo todos os meus movimentos.

Comecei a apalpar a parede junto do parapeito da janela e depois ao longo das prateleiras, que estavam cheias de livros, junto à cadeira. Apalpei cuidadosamente cada canto e depressão e tirei do lugar uma série de livros antigos que já tinha visto no passado. Comecei a pensar que talvez um deles abrisse uma passagem secreta ou revelasse um tesouro escondido. Não tardou, tinha retirado quase todos os livros da estante, formando pilhas oscilantes à

minha volta. Essa atividade produziu muito pó, mas nada de interessante, embora os gatos tivessem gostado de brincar pega-pega e esconde-esconde no meio das pilhas de livros.

Voltei a colocar os livros, um a um, na estante, e dez minutos mais tarde deixei-me cair na cadeira, cansada e frustrada. A certa altura, olhei para trás, por cima do ombro, e vi que a cadeira estava encostada à única parede que eu não tinha inspecionado, uma parede que era partilhada por uma escadaria, do outro lado. Pus-me de pé e puxei a cadeira, um monstro pesado que certamente não era movido há muito tempo. Precisei de toda minha força para, lentamente, conseguir arrastá-la para um espaço livre.

Com a cadeira fora do caminho, ficava à vista uma parte da parede de madeira, normalmente escondida, com os seus painéis castanho-escuros. Imediatamente abaixo do remate do meio, onde estiveram as costas da cadeira, havia um desenho, verde e pequeno, de uma montanha. Passei os dedos pela figura e senti uma depressão no seu centro, embora não conseguisse ver nada que alterasse o seu aspecto. Tirei a chave prateada do bolso e segurei-a com uma mão trêmula. Depois olhei por cima do ombro e vi os gatos empoleirados na beirinha da cadeira, observando-me.

— Vocês dois estão muito curiosos hoje — disse-lhes e, olhando por cima deles, vislumbrei o falcão no parapeito da janela. — E o seu amigo de penas, que está ali na janela também. Vocês três sabem alguma que eu não saiba? — Quase esperava que me respondessem, mas apenas recebi olhares inexpressivos e fixos dos três, assim como um *miau* medroso por parte de *Sam*.

Tateei novamente o desenho em busca da depressão, aproximei dela a chave e fiquei olhando, enquanto ela entrava na parede. Depois virei-a e ouvi um leve *clic*. Retirei a chave e voltei a guardá-la na minha bolsa de couro, olhando rapidamente em volta para me certificar de que ninguém estava olhando. Em seguida, empurrei a parede com a mão, e um painel, de sessenta por sessenta centímetros, abriu-se sobre dobradiças ruidosas. Um leve sopro de ar fresco e cheirando a terra escapou da abertura, acariciando-me o rosto como um suspiro ténue.

Com a luz da biblioteca que invadia a abertura, conseguia ver uma escada de mão que descia para a escuridão. No terceiro degrau da escada, pendurada num prego enferrujado, havia uma candeia a óleo junto de uma caixa de fósforos de madeira. Só conseguia ver os primeiros seis degraus da escada e os primeiros centímetros das tábuas que forravam as paredes. Depois disso, a escuridão, negra e silenciosa, engolia tudo.

O ar fresco continuou a escapar lentamente da pequena porta, como se um gigante congelado e adormecido respirasse regularmente pelo buraco.

Cheirava como a estrada poeirenta para Bridewell, após uma chuva forte a ter encharcado. Virei-me para a estante que havia à minha direita e li rapidamente os títulos que estavam ao nível dos meus olhos. Escolhi o menor dos livros, um volume fino de capa vermelha, com letras brancas na lombada, com o título *Aventuras às Portas da Décima Cidade*, escrito por alguém com um nome estranho, que nunca tinha ouvido antes. Abri o livro, li a primeira página e deixei-me imediatamente cativar pelo audacioso assunto.

Cabeza de Vaca foi um explorador que abandonou o seu lar no Reino do Norte durante o sétimo reinado de Grindall.

Após ter sobrevivido a um furacão perto da Montanha Laythen, voltou para trás e rumou em direção à Grande Ravina, onde uma alcatéia de lobos implacáveis o encurralou, durante semanas, numa caverna. Quando, finalmente, os lobos cederam, um Cabeza esfomeado e cansado continuou a sua viagem rumo ao interior do Campo da Astúcia.

O Cabeza vivia do que encontrava e viajou por entre as coisas estranhas existentes no Campo da Astúcia (que são muitas), em busca de uma forma de atravessar o nevoeiro e entrar na mítica Décima Cidade. Mas, cada vez que tentava penetrar no nevoeiro, este cobria tudo à sua volta e ele não conseguia sequer ver a sua própria mão diante do nariz. Sempre que se aventurava no nevoeiro, dava por si a vaguear durante dias e dias sob aquele manto espesso, saindo sempre perto do lugar por onde tinha entrado.

Finalmente, abandonou a busca da Décima Cidade e optou por se dirigir à Montanha Norwood, onde escreveu o relato das suas viagens. Este livro é uma narrativa das aventuras de Cabeza de Vaca na Grande Ravina, no Campo da Astúcia e nos nevoeiros que antecedem a Décima Cidade.

De acordo com os títulos dos capítulos do livro, este continuaria a falar do papel de Cabeza de Vaca no governo dos Reinos do Norte, das suas viagens posteriores e, finalmente, na sua morte.

Fechei o livro e segurei-o na mão.

— Não se saiu nada mal — comentei. Era um costume meu, falar assim com os autores; de alguma forma isso tornava-os mais reais. — As tuas viagens estão prestes a incluir um vôo até o fundo de um assustador poço negro. — Segurei o livro sobre a abertura e larguei-o, lançando o Cabeza de Vaca num vôo de queda livre na escuridão.

O livro levou muito mais tempo do que eu esperava para atingir o fundo. Não sendo cientista, faltava-me a capacidade de calcular o tempo, a velocidade e a profundidade, por isso só podia adivinhar que o fundo do buraco ficaria a cerca

de uns nove assustadores metros. Não fazia a mínima idéia do que iria descobrir lá no fundo. Talvez houvesse mesmo um gigante adormecido, à espera de uma jovem saborosa para lhe aconchegar o estômago.

Virando-me, percorri a biblioteca com os olhos. O falcão ainda estava lá, mas os gatos tinham desaparecido. Levantei-me e tentei assustar o pássaro, agitando os braços no ar e batendo com os pés no chão. Porém, a ave permaneceu imóvel e em silêncio, com os olhos fixos nos meus mais insignificantes movimentos.

A seguir pus-me de cócoras, enfiei a mão no meio do escuro e tirei a candeia do prego. O vidro que protegia o pavio estava colado e tive de fazer força para conseguir tirá-lo. Molhei o pavio com óleo do recipiente e parti dois fósforos antes de conseguir acender um terceiro. Tendo resolvido o problema da iluminação, voltei novamente a minha atenção para o túnel.

A brisa sinistra e escura continuava a sentir-se, fazendo tremelicar a minha candeia, que projetava sombras nas paredes. Balancei os pés para o outro lado e apoiei-os na escada. Depois entrei pela abertura e agarrei-me com a mão esquerda ao degrau de cima. Pegando na candeia com a outra mão, pendurei-a no velho prego enferrujado. Só me restava fazer uma coisa: fechar-me lá dentro para que ninguém descobrisse onde tinha me metido. Ainda pendurada na escada, meti novamente uma das mãos na biblioteca, agarrei na perna da cadeira e dei-lhe vários puxões. Tendo colocado a cadeira no seu lugar, puxei a porta secreta até ouvir um clique fechando-a do lado de dentro.

Do lado de dentro o fecho era simples de usar, mas acionei-o várias vezes para ter certeza de que funcionava. Depois peguei na candeia e desci-a o máximo que consegui, voltando a pendurá-la no quinto degrau. Fui repetindo este processo até pisar um chão de terra, vinte e nove degraus abaixo.

Olhando para cima, via o mesmo que vira ao olhar para baixo: apenas a alguns metros acima, a luz diluía-se num céu negro e sem estrelas. Havia paredes em três lados e um túnel que seguia para oeste, debaixo da biblioteca, em direção às montanhas. O livro que tinha atirado para a escuridão jazia no chão. O Cabeza de Vaca tinha caído de mau jeito e, ao que parecia, tinha agora em minha posse dois livros que precisariam dos cuidados de Grayson. Estava destruindo livros a um ritmo assustador.

Olhando para cima uma última vez, comecei a caminhar para oeste, debaixo da cidade. As paredes eram feitas de tábuas de madeira com terra a espreitar por entre os intervalos; o chão era terra batida. Passei por pegadas antigas, o que fez acelerar o meu coração e até pensar em voltar para casa. Disse várias vezes a mim mesma que estava sozinha no túnel e, finalmente, comecei de novo a caminhar em direção às montanhas. À medida que avançava, a largura e a

altura do túnel mantinham-se iguais, mas a inclinação do terreno aumentou para um grau inesperadamente elevado. Trinta minutos mais tarde (mais ou menos o tempo que leva para atravessar Bridewell de um lado ao outro, em passo normal), o túnel começou a virar levemente para a direita, para depois endireitar novamente. A partir daqui, caminhei ainda uma distância igual à que tinha percorrido até ali.

Algum tempo depois cheguei ao fim: à minha frente erguia-se uma parede com outra escada de mão e uma escuridão familiar e vazia, caindo de cima. Tive medo de subir e imaginei os dentes afiados do gigante a fecharem-se sobre mim, caso subisse para a sua bocarra escancarada. Estava suada e cansada, por isso sentei-me no chão de terra, aos pés da escada, para descansar um pouco antes de começar a subir.

— Então Cabeza, como vai isso? — perguntei ao livro que tinha na mão. Limpei a testa com a camisa e olhei para o túnel, na direção de casa. — Será que houve momentos em que teve medo e pensou não ser capaz? Aposto que sim. Aposto que tinha esse tipo de pensamentos a toda hora.

«Acho que vou ter que deixá-lo aqui, pois não tem nenhuma utilidade para o resto da minha viagem, que certamente terminará sobre a língua de um gigante, no alto desta escada. Espere aqui por mim e, se regressar com vida, prometo que lerei tudo sobre você. — Tinha que reconhecer que se tratava de um bom ouvinte; era um aventureiro galante, embora não fosse muito conversador.

Pus-me de pé, virei-me para a escada e iniciei a subida. Vinte e oito degraus acima, bati com a cabeça numas tábuas e empurrei com toda minha força para desviá-las do caminho. Sem qualquer aviso, a tampa voou pelos ares e uma luz intensa cegou-me, obrigando-me a fechar os olhos ofuscados. Pedacos de terra caíram sobre o meu rosto e cabeça e por pouco não caí para trás, para dentro do buraco. A candeia balançou precariamente no degrau mais alto, apagando-se.

Estava tudo em silêncio, com exceção dos ruídos que anteriormente ouvira à distância: uma brisa a dançar por entre as árvores, pássaros a cantar, arbustos a restolhar à minha volta. Tinha um medo terrível de me esticar e espreitar pelo buraco deixado aberto quando a tampa saltara. Mais uma vez, pensei em voltar para trás e desatar a correr pelo túnel. Decidi espreitar e, se me deparasse com algo assustador, desceria a escada o mais depressa que me fosse possível.

Devagar, estiquei-me toda e espiei pela abertura. Para minha grande surpresa, o falcão estava empoleirado numa pedra grande a alguns metros de distância, com o mesmo ar com que o tinha deixado quando saí da biblioteca.

— Bem, bem, é mesmo pequena, não é? — Virei-me rapidamente na

direção da voz, que vinha de trás de mim. Segurando o alçapão, de maneira a mantê-lo aberto, estava o homem mais pequenino que eu já vira. Não tinha muito mais que sessenta centímetros de altura. — Eles tinham razão numa coisa... é uma malandrinha. É realmente pequena o bastante — disse o homenzinho. O alçapão balançou para a frente e para trás ao sabor de uma leve brisa e da demasiada força que o homem fez para segurá-lo. Se caísse, me bateria na cabeça e me atiraria como uma pedra para o chão de terra, lá embaixo.

— Preciso que saia daí bem depressa — continuou o pequeno homem. — Não consigo segurar esta porta por muito mais tempo. — Depois fez um sinal, com a cabeça, ao falcão, que desapareceu num relâmpago de penas e guinchos. — *Darius* ficará contente por eu te ter encontrado. Com um pouco de sorte chegaremos à floresta amanhã, no meio da manhã, como ele esperava. — Por esta altura, eu já tinha saído do buraco e estava de pé, confusa e sem saber o que fazer a seguir.

O homenzinho empurrou a porta, que bateu no chão com um estrondo. Estava coberta de musgo e tinha uma corda comprida e fina, feita de casca de árvore entrançada, atada à quina de cima.

— Não podemos ficar aqui a céu aberto. Temos que ir. Temos uma grande distância a percorrer, e é uma subida — disse o homem, deixando-me para trás quando começou a caminhar num passo rápido, afastando-se em direção às montanhas. Um pouco depois, olhou para trás e, com uma expressão zangada, ralhou:

— Então, vamos lá, Alexa!

— Espere! Quem é você? Como é que sabe o meu nome? Volte aqui! — ainda perguntei, mas o homenzinho continuou a andar e eu o segui, correndo para apanhá-lo.

Sem parar de andar e sem olhar para trás, gritou-me:

— Chamo-me Yipes. Vivo nas montanhas e estou aqui para te conduzir ao destino que te foi atribuído.

Estávamos agora num triângulo fechado, com a muralha que ia de Bridewell a Lathbury de um lado, a muralha que ia de Bridewell a Turlock do outro, e o imenso Mar da Solidão no terceiro. O Monte Norwood erguia-se, proeminente, à minha frente, preenchendo grande parte do espaço entre as muralhas e o mar.

Olhando para trás, por cima do ombro, vi as muralhas ficarem cada vez menores na distância. Fiquei surpreendida ao ver como pareciam insignificantes, agachadas no sopé das montanhas.

Para lá das muralhas, os Montes das Trevas estendiam-se interminavelmente, com vales ameaçadores e sinistros, que não eram visíveis de

Bridewell. Virei-me para as montanhas e comecei outra vez a andar. Quanto mais eu trepava, mais elas pareciam subir, parecendo mais longínquas e resplandecentes à luz do Sol e expandindo-se para lugares que eu jamais conseguiria descobrir completamente. A certa altura parei e voltei-me para olhar novamente para Bridewell e vi a cidade como nunca a tinha visto. Estava exatamente no centro, entre a escuridão e a luz, as suas estradas parecendo uma serpente tricéfala, atada ao meio com uma cabeça hedionda, que dividia terras vastas. Possuía um certo equilíbrio, uma simetria, como se cada terra estivesse fazendo força contra as muralhas, tentando derrubá-las, esforçando-se por dominar e governar. Quando retomei a caminhada, seguindo o homenzinho, sentia-me dominada por uma forte sensação de excitação e de medo.

CAPÍTULO 11

ALAGOALUMINOSA

Yipes andava depressa para um homem tão pequeno, e era difícil acompanhar o seu passo. Os meus pés estavam ficando cheios de bolhas, tinha os ombros e as faces queimados do sol e sensíveis ao toque. O suor escorria-me pelo nariz e ardia-me nos olhos. Eu olhava constantemente para trás, à medida que subíamos cada vez mais na direção das montanhas, enquanto as muralhas iam diminuindo de tamanho, até parecerem lagartas magras e sem vida.

Yipes não era do tipo falador ou, pelo menos, manteve-se calado durante a nossa caminhada. No princípio, fiz-lhe algumas perguntas, mas a sua recusa em responder-me e o meu cansaço acabaram por derrotar-me e acabamos por caminhar montanha acima quase em silêncio, sob o calor do sol. De vez em quando passávamos debaixo de um grupo de árvores, onde a sombra era fresca e as folhas restolhavam lá no alto, nos ramos que ficavam fora de vista.

Ao observar Yipes correndo na minha frente como um coelho, tomei consciência de que estava seguindo um homem pequeno e estranho para um território selvagem. Podia nunca mais voltar para casa, nunca mais ver os meus pais e amigos, e nunca mais percorrer as filas de livros na biblioteca de Bridewell. Mesmo assim, a realidade de me encontrar fora da muralha e a excitação da aventura eram sensações que, de alguma forma, me confortavam. Tinha a impressão de estar fazendo o que devia fazer, e não me arrependia.

Não sei quanto tempo passei perdida nos meus pensamentos mas, de repente, quase caí em cima de Yipes, que tinha parado, voltando-se para mim. Se ele não tivesse gritado:

— Calma aí, jovem! — era bem capaz de ter esborrachado o narizinho gorducho com o joelho. Pus-me de cócoras para observá-lo melhor e para aproveitar a rara oportunidade de encarar o meu guia de frente. Tinha olhos escuros, um bigode delicado e uns lábios finos por cima dos dentes amarelados. A sua pele era escura e coriácea, de um castanho-dourado, como se tivesse passado muito tempo ao sol. Usava um chapéu castanho-amarelado por cima duma cabeleira comprida e castanha, vestia calções de couro, uma camisa simples e sandálias também de couro.

— Obrigada por ter parado. Pensei que ia continuar nisto o dia inteiro. É

um alpinista e tanto, não é? — perguntei.

De queixo erguido e peito para fora, Yipes respondeu-me com uma voz comicamente aguda.

— Desculpa, peço muitas desculpas mas não posso falar contigo por enquanto. Quem me dera que pudesse! São ordens de *Darius*. — Depois de olhar em volta, aproximou-se do meu rosto e acrescentou: — Obrigado pelo elogio.

Parecia totalmente inofensivo, ali de pé, no meio do caminho, com um ligeiro sorriso nos lábios.

— Pode me dizer para onde vamos e quem é *Darius*? Já estamos subindo há muito tempo e não faço idéia para onde está me levando — disse eu.

O meu guia estava agora novamente em sentido, tenso e sério.

— Lamento. São ordens expressas. Tenho que conduzi-la ao destino marcado o mais depressa possível. Há uma reunião muito importante amanhã, uma reun... — Yipes parou abruptamente de falar, virou a cabeça do tamanho de um melão para a esquerda, e pôs-se à escuta. Rápido como um raio, atravessou os arbustos e trepou numa árvore próxima, parecendo um esquilo assustado. Segundos depois, tinha subido tanto que o perdi de vista. Olhei lá para baixo e vi as finas e intermináveis cobras que eram as muralhas, imaginando que podia dar um piparote com o dedo e derrubar todas.

Quando me voltei novamente para o caminho, Yipes estava ali em sentido, nada ofegante e com a mesma calma de sempre.

— Mil desculpas. Pensei ter ouvido alguma coisa nos arbustos. Todo o cuidado é pouco agora, não concorda? Transporte mercadoria importante. Sim, mercadoria muito importante. — Conduziu-me até um ribeiro onde matamos a sede. Comecei a beber sofregamente e Yipes disse-me para não beber muito, caso contrário poderia ficar mal disposta ou fraca. Depois de bebermos, deu-me um pouco de carne seca que tirou da bolsa e mandou-me sentar e descansar. Bebi mais um gole da água gelada do ribeiro, descansei uns minutos e partimos novamente.

— Já falta pouco. Já falta muito pouco mesmo — disse Yipes enquanto avançávamos, montanha acima, a um passo muito mais rápido que anteriormente. As árvores tornaram-se mais densas, mas o calor permaneceu sufocante à medida que chegávamos ao meio da tarde. Os minutos transformaram-se noutra hora de caminhada, atrás do meu resolutio companheiro. Os meus pés doíam-me e estavam cheios de bolhas estouradas e as pernas ardiam-me a cada passo que dava, mas estava decidida a continuar sem me queixar.

O ribeiro junto ao qual tínhamos descansado anteriormente corria agora ao nosso lado, enquanto caminhávamos ao longo da sua margem. Com apenas

alguns metros de largura e um tapete de musgo verde, oferecia um som refrescante de água corrente sobre rochas. De quando em quando os meus olhos captavam lampejos das suas profundezas — peixes se movendo, os seus corpos lançando reflexos quando davam pela nossa presença na margem. Estava tão cansada que pensei que ia desmaiar e, embrenhada nos meus pensamentos delirantes, perdi mais uma vez Yipes de vista.

— Oh, por favor! Não pode parar agora — disse Yipes, sentado numa grande pedra, um pouco atrás de mim, apertando os cordões da sandália de couro. Tinha um aspecto irritantemente fresco, como se a caminhada violenta que tínhamos acabado de fazer não passasse de um curto passeio para ver a vista.

— Tenho pena, mas não posso ir mais longe. Terá que fazer o resto do caminho sozinha — anunciou Yipes, bebendo grandes goles de água do ribeiro, que tinha encolhido para pouco mais de sessenta centímetros de largura.

Coxeei até o ribeiro, cujas águas eram agora lentas e silenciosas, e bebi sofregamente até quase rebentar. Em seguida, sentei-me à beira da água e senti tudo a subir-me novamente à boca. Dobrando o corpo para a frente vomitei água espessa como sopa e lutei contra um arrepio de náusea. Depois de passar água na boca, virei-me para Yipes, mas estava tão exausta que cambaleei e caí para frente como um tronco.

Porque estou aqui fora no escuro? Há alguma coisa quente ao meu lado. É Warvold, com a boca aberta, dentes podres e uma substância amarela, viscosa, a escorrer-lhe pelo queixo. Está me agarrando pelos ombros, abanando-me com força. Corra, Alexa, corra! Fuja!

— Acorda, Alexa. Acorda imediatamente! Tem que seguir viagem. — Yipes dava-me pequenos empurrões no ombro com as suas mãozinhas minúsculas. Estávamos no final da tarde, talvez fossem umas quatro horas. Devia ter dormido pelo menos uma hora. Espreguicei-me, soltei um suspiro doloroso, puxei os joelhos até o peito e fiquei ali sentada, soluçando copiosamente, as lágrimas escorrendo-me pelas rótulas e deixando uma trilha molhada até o peito dos pés.

Doía-me o corpo todo e a minha mente continuava a esforçar-se para aceitar o que me rodeava. Sentia uma dor latejante e incômoda na cabeça; parecia que um homem, ainda menor que Yipes, estava de pé atrás dos meus olhos com um taco na mão, batendo com ele, com toda a força, para conseguir sair.

Pum, pum, pum! — Desculpe, Sr. Yipes, mas ela não se mexe!

— Com mais força, homem! Dá-lhe tudo o que tem! — Pum, pum, pum!

— Alexa, pare com isso imediatamente! Não vai se sentir melhor por bater com a cabeça nos joelhos. Confie em mim — insistiu Yipes. — Vamos,

ponha-se de pé. — E, com isto, meteu-se no ribeiro e começou a salpicar-me com água gelada. Acordei estremunhada e pus-me de pé com um salto, sentindo imediatamente a mesma dor aguda nas pernas e nos pés. As bolhas rebentadas gritavam-me para que me sentasse. *Sente-se, ou furo sua testa com o taco!* Caí de joelhos e Yipes continuou a disparar rajadas de salpicos gelados até que, finalmente, gritei.

— Já chega! Pronto, já me levantei! Dê-me só um segundo e ficarei pronta para caminhar novamente.

Parando de me salpicar, ficou a observar-me enquanto eu torcia o cabelo com as mãos. Depois, saiu do ribeiro e regressou ao seu poleiro em cima da rocha. Eu estava novamente de pé, ganhando mais confiança de que seria capaz de arrastar os meus pobres ossos a fim de prosseguir, montanha acima.

— Acho que estou pronta para mais uma hora ou duas — anunciei. — Mas vai ter que abrandar um pouco, tenho algumas bolhas enormes.

Yipes sorriu e sentou-se com os cotovelos apoiados nos joelhos e mãos cruzadas. Numa voz suave e lenta, disse:

— Cara jovem, tal como te disse anteriormente, já chegamos. Escala muito bem. Portou-se muito bem para uma criança, principalmente uma criança tão pequena.

«Bem — continuou —, é meu dever e um privilégio apontar a direção do seu destino. Por ora, a minha tarefa está cumprida. Trouxe-a até aqui mas o próximo esforço terá de ser todo seu, lamento. Quero que suba este ribeiro. Entre na água e caminhe até chegar a uma lagoa. Saberá que chegou lá quando ver, acredite em mim. É um lugar especial. Só se tem uma oportunidade na vida de ir lá. Não posso dizer-lhe o que deve fazer quando chegar lá. Isso terá que descobrir sozinha.

Olhei para o ribeiro e o seu leito verde-vivo. Uns trinta metros adiante desaparecia de vista numa curva, entre as árvores.

— Mas como é que eu sei que cheguei ao lugar cert... — Voltei-me para olhar para Yipes e deparei-me apenas com a rocha.

Tirei as sandálias e segurei-as na mão, penduradas nos dedos pelas correias. Ali, no chão arenoso e quente à beira do ribeiro, os pés doíam-me mais que nunca e, portanto, cambaleei imediatamente para dentro da água. O ribeiro tinha apenas alguns metros de largura e, no meio, chegava-me aos joelhos. Senti a água gelada nas pernas nuas e os meus pés sentiram o maravilhoso toque do fundo fofo e felpudo do ribeiro. Era como se estivesse caminhando sobre uma almofada de penas ou algo ainda melhor, porque o musgo verde metia-se entre os meus dedos e rodeava-me os pés como um invólucro delicado e molhado. Deixei escapar um *ahhhh* cheio de gratidão e um sorriso inesperado brotou-me

dos lábios. Debaixo daquele calor, mergulhei a cabeça e o resto do corpo, vindo novamente à superfície numa explosão de água. Sentindo-me mais fresca, comecei a caminhar, apreciando o sussurro aveludado de cada passo que os meus pés inchados davam.

O ribeiro estreitava ainda mais quando contornei a curva, mas continuava com alguma profundidade. A água corria devagar e sem ruído. A medida que avançava e descrevia outra curva, vi uma lagoa rodeada de paredes de rocha por todos os lados, menos pelo lado de que eu vinha. Era aquele o lugar.

Aproximei-me da beira da lagoa, que tinha cerca de três metros de diâmetro. Olhando para baixo, reparei que a água tinha ficado turva e acastanhada em volta das minhas pernas. Atrás de mim, no lugar por onde tinha caminhado, uma escuridão densa habitava o ribeiro, como uma praga de gafanhotos num céu de Verão. A lagoa propriamente dita reluzia com uma cor estranha que eu nunca tinha visto. Com três passadas largas e rápidas, caminhei até o centro e, por um breve instante, vi o fundo. A água dava-me agora pelo peito. Vi o contorno bruxuleante de uma pedra, que irradiava uma intensa luz verde. Um minuto depois, a agitação que eu causara na lagoa fez subir uma mancha de lama castanha e espessa em volta das minhas pernas, que se depositou em volta do meu peito, deixando-me com água suja quase até o queixo.

Mergulhando, agarrei numa mão cheia de pedras e trouxe-as para a superfície. Eram todas castanhas e leves, não irradiando qualquer cor. Teria sonhado? Mergulhei outra vez e mais outra, em várias zonas da lagoa, até ficar exausta e furiosa, de pé, numa lagoa de sujeira castanha.

Bati com os braços ruidosamente na água e deixei escapar um grunhido de frustração.

— Não entendo! O que se espera que eu faça aqui? — gritei, na esperança de ver Yipes descendo a parede de rocha e trazendo a resposta. Mas estava completamente sozinha. Enquanto permanecia ali, de pé, sem me mexer, a água escura tornou-se um pouco mais clara. Talvez, se ficasse completamente imóvel, a lama assentasse o suficiente para eu ver novamente a pedra incandescente, verde-esmeralda, e depois, se me abaixasse muito devagar, talvez conseguisse apanhar a pedra certa e ela irradiasse aquele brilho verde na minha mão. Embora pudesse não ser o fim do teste, pareceu-me uma boa maneira de começar, por isso fiquei quieta como uma estátua, numa lagoa de água lamacenta, esperando pacientemente.

A água levou muito mais tempo do que eu esperava para mudar, não sofrendo qualquer alteração durante um período excruciante de tempo. Será que o castanho estava mais claro agora? Será que conseguia ver os contornos de

formas lá embaixo? Não tinha certeza, portanto continuei à espera. Era uma sensação semelhante à que tinha quando me punha de pé no parapeito da minha janela durante horas a fio, olhando pela janela em busca de um sinal de vida nos Montes das Trevas. Perguntei a mim mesma como estariam meu pai e Ganesh, e senti uma saudade enorme deles.

Milhares de pensamentos dispersos enchiam-me a cabeça, enquanto me esforçava para ficar completamente imóvel. A água estava definitivamente ficando mais clara. Para mal dos meus pecados, o dia ia ficando mais escuro no mesmo ritmo. No começo, tinha sido divertido estar dentro da água, mas começava a tremer à medida que o calor do dia ia diminuindo. Já devia ter os pés mais encarquilhados que ameixas secas e, pior que isso, as solas dos meus pés arriscavam-se perigosamente a serem atacadas por cãibras, o que me obrigaria a mexer, turvando de novo as águas. A noite aproximava-se e, com ela, um frio cruel que me obrigaria a sair de dentro da água.

Fechei os olhos e concentrei-me. Imaginei-me sentada ao lado de meu pai, cujo cachimbo libertava espirais de fumo doce por toda a sala. O fogo ardia como um monstro furioso, alimentado por uma pilha de lenha crepitante e iluminando os rostos com uma luz bruxuleante e alaranjada — Ganesh, Grayson, Silas Hardy, Nicholas e meu pai, a provocarem-se uns aos outros como de costume — *esse tabaco rançoso é tão bem-vindo como uma doninha fedorenta num jantar ... acha que o Sol nasce só para te ouvir papaguear* — todos as bobagens que faziam com que os serões fluíssem como mel até altas horas da madrugada.

Abri os olhos e ergui-os. O céu estava escuro, as estrelas brilhavam em pequenos grupos na minha linha de visão. E, no entanto, não estava tão escuro como uma noite sem iluminação deveria ser, como as ruas de Bridewell ficavam depois dos candeeiros serem apagados e tudo ficar negro, com exceção da iluminação das torres de vigia. As três paredes de rocha tremeluziam de forma pouco natural, como as páginas de um livro à luz trêmula de uma vela. Percorri as paredes com a vista e depois olhei para a água, por baixo de mim. A lagoa brilhava com uma luz verde, radiosa, que pulsava de uma única pedra do tamanho de um polegar que jazia a alguns milímetros do meu dedo grande do pé. Os meus pés e pernas refletiam aquela chama verde, que lançava a sua magia, e que ia diminuindo até às margens da lagoa, onde se extinguia suavemente.

Tremia agora descontroladamente, o que era agravado pelo medo de meter a mão na água, de ter de mergulhar a cabeça, o pescoço e os ombros naquele brilho gélido. Quanto mais tremia, mais fraca se tornava a luminescência e sabia que, se esperasse muito mais, a lama subiria novamente e apagaria por completo a luz irradiada pela pedra. Lentamente, mergulhei até o

pescoço, soltando gritinhos entrecortados quando a água fria me picou o corpo e me tirou o ar. A seguir, respirei fundo, preendi a respiração e mergulhei até o fundo.

Desta vez, conseguia ver claramente a pedra, rodeada por outras que permaneciam castanhas, pretas e sem vida. Era só aquela, aquela pedra que estava junto do meu dedo grande, que brilhava como um minúsculo Sol verde num céu líquido. Estiquei a mão devagar, agarrei na sua superfície morna e depois emergi, irrompendo da água e ficando com o corpo gelado ao entrar em contato com o ar da noite.

— Muito bem, senhorita. — Era a inconfundível voz aguda de Yipes. — Agora, saia daí. Não quero que se constipe.

Batendo os dentes devido ao frio, sorri, radiante por ver o meu amiguinho, uns metros acima da minha cabeça, suspenso da parede de pedra como um macaco pendurado no tronco de uma árvore. Yipes desceu para a beira do ribeiro a alguns metros de mim, não parando de me fazer sinal com o braço para que me aproximasse.

— E-e-e-s-stou g-g-elada, Y-Y-Yipes! — Cambaleando, saí da lagoa para a margem coberta de musgo do ribeiro. Fui recebida com um cobertor quente que atirei energicamente sobre os ombros, sentando-me depois na margem fofa e seca. Fora dos limites da lagoa, éramos banhados pela luz bem-vinda da Lua.

— Onde estão os seus sapatos? — perguntou Yipes enquanto me colocava um fio de couro em torno do pescoço, com uma bolsa pendurada.

Praguejei, surpreendendo Yipes e a mim mesma com a explosão.

— Devo tê-los deixado cair na l-l-lagoa. Tinha-os na mão quando entrei na água, mas p-p-perdi-os — respondi.

— Não se preocupe. Não se preocupe. Coloque a jóia na bolsa que tem ao pescoço. Eu volto já. — Antes de eu ter tempo de protestar, mergulhou de cabeça na água, desaparecendo de vista e reaparecendo no meio da lagoa com um *whuush*, segurando as minhas sandálias por cima da cabeça. — São suas? — perguntou com um sorriso estampado no rosto, a água a pingar-lhe do bigode.

Yipes nadou para junto de mim e estendeu-me as sandálias. Contudo, eu estava ocupada a virar e revirar a pedra nas mãos.

Continuava com o seu brilho radioso. Era lisa, tinha mais ou menos metade do tamanho de um ovo de galinha e era mais pesada do que devia, dado o seu tamanho. A sua cor era espantosa: parecia um saboroso creme de lima que me dava vontade de cheirar, e quase esperava sentir o cheiro ácido do fruto.

— Ainda está com isso na mão? — perguntou Yipes. — Devia guardá-la na bolsa para não ficar sem ela. Essa é uma pedra que não vais quer perder. — Obedeci, puxando bem o fio da bolsa depois de colocar a pedra no seu novo lar:

um lar seco e áspero, muito diferente do seu anterior ambiente aquático. Dei por mim estranhamente preocupada com o seu bem-estar.

— Agora, temos que continuar. Sei que te doem os pés, mas o pior já passou. Só mais um bocadinho e depois já pode descansar — disse Yipes, molhado da cabeça aos pés mas ali de pé, em sentido, sem o mínimo sinal de desconforto.

Levantei-me sem me queixar, pronta a partir. Estava começando a gostar de Yipes e pronta a acatar as suas ordens de boa vontade, se ele não me deixasse para trás. Afastamo-nos do ribeiro, penetrando no silêncio da noite, com a lua a iluminar-nos o caminho e a Casa Renny em algum lugar à distância.

CAPÍTULO 12

DARIUS

Depois de Yipes e eu termos caminhado durante meia hora, ouvi o som de água corrente veloz. Aproximamo-nos de um ribeiro que tinha uns seis metros de largura. Ao longo das margens e no meio, viam-se grandes pedras arredondadas, que se assemelhavam a sardas no braço caído de uma gigantesca criatura da montanha. Do outro lado do ribeiro, a lua iluminava uma estranha casinha, construída precariamente sobre estacas, meio dentro da água, meio na terra. Era pequena e projetava três andares-miniatura na noite. Da chaminé saíam baforadas de fumaça.

Yipes atravessou o ribeiro por um caminho de pedras, saltitando de pedra em pedra, e eu o segui, obedientemente, até o outro lado, gostando do desafio mas também com medo de escorregar e sentir a mordida gelada da água. Ainda não tinha chegado à terceira das doze pedras, e Yipes já estava do outro lado, ficando à minha espera.

— Salta razoavelmente bem — disse ele, quando saltei da última pedra. — E seguiu exatamente o mesmo caminho que eu. Isso é bom, muito bom mesmo. Um talento como esse lhe será útil no futuro.

Virando-se, subiu o caminho que ia dar na estranha casa de três andares. Segui-o, curiosa por saber como seria a casa por dentro. O ribeiro continuava a fazer aquele ruído agradável e fresco. Quando chegamos à varanda da frente, Yipes parou. Empoleirado no corrimão da varanda estava o falcão. Yipes fez-lhe uma festa no pescoço.

— Esta é a minha casa, Alexa. Será minha hóspede até de manhãzinha. *Darius* vem buscá-la aqui amanhã, para te conduzir à reunião — disse, abrindo a porta, que tinha um pouco menos de um metro de altura e uns cinquenta centímetros de largura.

Tive de entrar de joelhos e com os ombros virados de lado mas, como eu mesma só tinha um metro e trinta e sete centímetros de altura, a porta não era tão pequena como me parecera. Imaginei o Grayson tentando entrar, encolhendo a barriga gorducha, e ficando entalado como uma rolha no gargalo de uma garrafa, com a pança apertada contra as ombreiras da porta; ou então Pervis Kotcher, agachado na sala de entrada, virando-se e metendo o traseiro na lareira, batendo

com a cabeça nas traves baixas, enquanto berrava e uivava de dor. Uma vez lá dentro, calculei as dimensões da divisão como sendo da ordem dos três metros e sessenta de lado a lado e de um metro e vinte do chão ao teto.

Era acolhedora e quentinha, embora tivesse de ficar sentada para não bater com a cabeça no teto. No centro da sala havia uma mesa com pão, nozes, fruta e água fresca. Tinha passado o dia todo sem pensar em comida mas, ao ver aquele banquete na minha frente, o meu estômago roncou de fome.

— Yipes, posso...

— Nem precisa perguntar. Tenho a honra de tê-la como hóspede. A comida é para você, claro — respondeu ele, passando a língua pelos lábios e alisando o bigode com a mão.

— Recuso-me a comer se não me fizer companhia neste banquete — protestei.

— Bem, se insiste — concordou Yipes, puxando um pequeno e maravilhoso quebra-nozes do bolso e aproximando-se da mesa. Um largo sorriso cobria-lhe o rosto, quase lhe escondendo a boca debaixo do delicado bigode.

Apoiei-me no cotovelo e ele sentou-se à mesa numa cadeira desengonçada. Comemos até ficarmos satisfeitos, enquanto o brilho morno da lareira dançava nas paredes. Uma escada em caracol conduzia até o primeiro andar, mas era óbvio que eu teria dificuldade em subi-la. Pelo aspecto da coisa, havia grandes probabilidades de ficar encalhada no corredor, portanto decidi não perguntar se podia ver o resto da sua linda casinha. Em vez disso, bombardeei-o com perguntas.

— Fez alguma jura de segredo, ou pode me contar algo sobre esse tal *Darius* e sobre a misteriosa reunião em que eu devo estar presente? — perguntei, já na metade de uma grande e succulenta maçã.

— Não tardará que saiba tudo, não tardará nada mesmo.

— Pode me dizer por que vive nas montanhas e de onde veio? — perguntei.

Ele ficou pensativo durante algum tempo, brincando com o quebra-nozes e depois esvaziando uma casca de noz. Mordiscando o seu conteúdo, disse:

— Não posso contar grande coisa... não me é permitido, lamento. Vivi em Bridewell durante uns tempos, há muitos anos. Quando os meus pais se aperceberam de que não iria crescer até um tamanho normal, abandonaram-me nas ruas da cidade. — Depois de uma pequena pausa, acrescentou: — Uma pessoa pode desaparecer facilmente quando, para começar, ninguém repara nela. — E *crack*, partiu outra noz.

— *Eu* sou pequena e consigo desaparecer facilmente — disse eu.

— Bem, isso é porque você é especial. É pequena, mas é mesmo muito

especial.

Acho que conversamos durante mais algum tempo mas o calor da sala e o meu estômago cheio fizeram-me sentir tão sonolenta que nem consigo me lembrar de quando me deitei no chão nem de ter adormecido. Apenas me lembro de acordar com a sala banhada pela luz da nova manhã, revigorante e fresca. Estava encolhida no chão, como um bebê, coberta com um cobertor, e com uma almofada acolchoada debaixo da cabeça. Estava meio dormindo, meio acordada.

É maior do que eu esperava que fosse.

Ah, ela está bem assim. Até eu consigo ver isso.

Está bem, está bem. Não é preciso se enervar. Ela vai conseguir, concordo. Fez um ótimo trabalho, trazendo-a até aqui.

Ela conseguiu sozinha. Não precisa da ajuda de alguém como eu. É ela que procura. É ela.

As vozes tornaram-se mais claras quando me sentei. Durante um momento, pensei estar no meu quarto na Casa Renny e pensei que tudo o que acontecera no dia anterior não passava de um sonho. Depois virei-me e vi um lobo adulto ao lado de Yipes, com a boca ofegante cheia de dentes grandes e afiados como lâminas.

Com um salto, encostei-me à parede, sentindo um medo familiar e frio penetrar-me os ossos. Esfreguei os olhos para me certificar de que estava acordada e, confirmei que, infelizmente, estava desperta e perfeitamente consciente. Comecei a ter uma percepção estranha de tudo o que me rodeava. Parecia que, de alguma forma, entendia o que as árvores estavam dizendo, quando o vento soprava por entre os ramos do lado de fora, e o que dizia a água que corria por cima das rochas, no ribeiro.

— Permita-me que me apresente — disse o lobo. — Sou *Darius*. — Os seus beijos não se moviam como os lábios dos humanos, quando falava, mas eu compreendia perfeitamente. A forma como ele se movimentava de um lado para o outro, como arrastava as patas no chão, como inclinava a cabeça e os leves ruídos que saíam da sua garganta, e uma centena de outras coisas que, em conjunto, formavam uma linguagem que eu compreendia na perfeição. O que estava me acontecendo?

— Desculpe, será que o ouvi se apresentando? — perguntei, espantada.

— Ouviu sim. E, segundo parece, você é Alexa Daley, de Bridewell. Muito prazer em conhecê-la.

— Igualmente — respondi baixinho, num tom inexpressivo.

Yipes não abriu a boca e permaneceu em sentido, encostado à parede oposta. O lobo avançou em passos leves e parou a poucos centímetros de mim.

— Sei que está confusa e precisando de respostas. Também sei que só

tem hoje e amanhã e que depois precisa regressar a Bridewell. Sei tudo sobre o seu pai, sobre Grayson, Ganesh e sobre Pervis Kotcher. Também sei coisas sobre a sua mãe, sobre Nicholas e Warvold, e sei também muitas outras coisas que você não sabe.

«Foi escolhida por um motivo muito especial, Alexa. O nascimento de Warvold desencadeou acontecimentos que a sua morte tem que pôr um fim. Ele a escolheu para cumprir esta tarefa e é o que deve fazer.

«Yipes foi muito gentil em tê-la trazido até aqui. Agora é meu dever conduzi-la a uma reunião com o rei da floresta e o seu Conselho. Posso levá-la até o túnel e a partir daí seguirá caminho com *Malcolm*. Ele a acompanhará durante o resto do percurso.

Rei da floresta, Conselho, mais túneis — o meu cérebro estava cheio de fatos que eu não conseguia compreender. Naturalmente, o meu primeiro instinto foi tentar livrar-me de qualquer falso sentimento de dever no qual pudesse ter tropeçado.

— Mas, sou apenas uma criança... uma criança *pequena* — protestei. — Posso ir chamar o meu pai, ele acreditará em mim; pode falar com ele sobre o que quer que precise.

— Alexa. — Era Yipes sussurrando do outro lado da divisão. Mal conseguia ouvi-lo dizer o meu nome. Ele continuou numa voz suave: — O seu tamanho é a sua força. Sem ele, não teria sido escolhida. Olhe para mim... tenho metade do seu tamanho e, no entanto, se não fosse eu, ainda estaria batendo com a cabeça contra a porta de um túnel, fechada à chave em Bridewell. O seu corpo tem o tamanho ideal, Alexa. A única questão que se coloca é se você será suficientemente grande por *dentro*.

Darius acrescentou então:

— Prometo que, ao anoitecer, estará tudo esclarecido e que, amanhã de manhã, já estará a caminho de casa.

Olhei para Yipes e tive uma vontade enorme de me sentar com ele e conversar o dia todo. Ele estava de pé, muito ereto, deixando que uma lágrima lhe corresse pela face, sem limpá-la.

— Está bem, eu vou — disse eu, e entendi o sorriso largo e doce do lobo selvagem. Era óbvio que *Darius* estava com pressa de pôr as coisas em andamento pois, mal concordei em ir à reunião, colocou-se a meu lado, empurrando-me em direção à porta com a sua poderosa cabeça.

— Nos veremos outra vez? — perguntei a Yipes enquanto saíamos pela porta e descíamos o alpendre. Ele estava me pendurando um saco com comida seca em volta do pescoço.

— Acho que sim — respondeu com os olhos se enchendo de lágrimas. —

Darius cuidará bem de você. Pode confiar nele. — Dito isto, voltou-me as costas, embaraçado, para tratar do seu falcão. Corri de novo para junto dele, peguei-o no colo como se fosse um grande boneco de trapos, e abracei-o. Depois, rodei com ele no ar, antes de pousá-lo novamente na varanda. Sem olhar para trás, comecei a caminhar com *Darius*. O som do ribeiro ficou cada vez mais longínquo até se perder no roçar das árvores, à nossa frente.

Enquanto caminhávamos, comecei a pensar: Warvold teria realmente me escolhido, como dizia *Darius*? Sim, ele tinha me pedido que o acompanhasse no seu último passeio. Mas não era só isso. Ele podia ter me dado a chave... mas, em vez disso, fez-me um último teste. Tinha que encontrá-la e, quando conseguisse, me tornaria digna da escolha.

CAPÍTULO 13

O TERRÍVEL SEGREDO

Tive a nítida sensação de que estávamos seguindo o caminho errado. Sabia mais ou menos a localização da muralha e das três estradas com portões e tinha certeza de que estávamos nos dirigindo à estrada de Lathbury, que ficava do lado oposto àquele para onde devíamos estar caminhando. A estrada para Lathbury separava as montanhas dos Montes das Trevas e não o Monte Norwood da Floresta Fenwick.

— *Darius*? — chamei.

— Sim, Alexa. O que foi?

— O meu sentido de orientação não deve ser tão bom como o seu, mas me parece que estamos na direção errada.

— Muito bem, Alexa. Tem razão. Vamos fazer um ligeiro desvio antes da reunião. Há algo que preciso que você veja e que não levará muito tempo.

Darius parecia bastante amigável, mas não tinha mencionado este desvio inesperado quando estávamos com Yipes. Isso tornava-me desconfiada e nervosa. Afinal, ele era um lobo, e eu estava perdida e indefesa como uma ovelha. Me manteria alerta e, se continuasse a sentir que as coisas não estavam bem, desistiria da caminhada e regressaria à procura de Yipes.

Ao contrário dos que tinha visto em livros, *Darius* era um lobo grande. Com as quatro patas no chão, chegava-me aos ombros, e a sua cabeça era do tamanho das melancias maduras do quintal da minha mãe. O seu pêlo era escuro, salpicado de pequenas manchas claras, e tinha um aspecto macio e abundante, embora ainda não tivesse tido oportunidade de tocá-lo. Se encostadas à minha mão, as suas patas ultrapassariam seguramente, em tamanho, todos os meus dedos, e as suas poderosas mandíbulas tinham aspecto de conseguir partir a roda de uma carroça.

— Pronto, já chegamos — anunciou *Darius*.

— Chegamos onde? — perguntei, aguardando, apreensiva, a resposta. Depois, olhei para trás de *Darius* e apercebi-me de que estávamos numa mata, com uns meros 18 metros entre a estrada de Lathbury e nós.

— A que distância, à nossa direita, fica a porta de Lathbury? — perguntei.

— Não fica muito longe. Apenas uns duzentos metros. Mas estamos em segurança. Os guardas não conseguem nos ver. Além disso, temos falcões fazendo turnos duplos agora de manhã. Eles avisarão, se houver algum perigo iminente.

— Porque me trouxe aqui, *Darius*? Para me testar? Para ver se eu corro para a torre e conto a todo mundo que os animais falam e que este lugar está assombrado?

— Meu Deus, não! Eles achariam que está louca. Além disso, eles não nos entendem. Só você entende o que dizemos — respondeu.

Darius deixou que essa informação fosse assimilada e depois continuou:

— Havia um túnel que foi escavado há muito tempo e que passa por baixo desta muralha. É estreito, quase estreito demais para mim e, de qualquer forma, odeio túneis. Recuso-me a entrar num, sejam quais forem as suas dimensões.

«Este túnel tem cerca de noventa metros de comprimento e vai descendo gradualmente ao longo do solo. No final há uma fila de tábuas de madeira e, do outro lado dessas tábuas, há terra batida, embora me tenham dito que há um lugar onde se pode ver o outro lado, se olhar como deve ser. O túnel foi construído por texugos e Yipes fez as tábuas e colocou a terra no final. Ele é menor que você e passou muito tempo trabalhando lá embaixo.

«Tem que rastejar até o fundo do túnel antes de eu te levar a *Malcolm*. Só terá que fazer mais isto.

Darius afastou-se para o lado e, realmente, à minha frente havia um buraco pequeno, com uns setenta centímetros de diâmetro.

— Não sei se caibo naquele buraco — observei, embora tivesse quase certeza de que cabia.

Darius deu alguns passos até ficar na sombra, debaixo de uma árvore enorme. Deitou-se e fechou os olhos, a sua enorme cabeça descansando em cima das fofas patas dianteiras.

— Você pode nos ajudar porque é pequena, Alexa. Acho que cabe. — Dito isto, ficou silencioso, respirando regularmente, como se tivesse adormecido.

Espiei para baixo, para o buraco, e fiquei triste por ver que ele ficava mergulhado na escuridão logo depois da entrada. Queria que eu entrasse num buraco escuro e andasse aos tropeções numa toca de texugos, que me atacariam à unhada e à dentada, até me fazerem em pedaços numa silenciosa caverna subterrânea? *Darius* podia, por vários motivos, estar conspirando para mandar me matar. Mal o conhecia, isto além de ser o *único* lobo que eu conhecia. Será que se podia confiar num lobo? Olhei para o lugar onde *Darius* estava, que

parecia perfeitamente disposto a dormir o resto da manhã à sombra das árvores.

Era verdade que eu podia correr em direção à torre, gritando, berrando e esbracejando, ou talvez conseguisse encontrar novamente o caminho para o túnel secreto que conduzia à biblioteca. Esta última hipótese era mais difícil de pôr em prática, já que não fazia a mínima idéia de onde ficava o túnel. Com *Darius* adormecido, conseguiria provavelmente fugir e convencer Yipes a me ajudar. Mas, no fundo, o que eu sabia realmente sobre Yipes? Não muito mais do que sabia sobre *Darius*.

Caminhei de um lado para o outro em frente do buraco, sem saber o que fazer.

— Tem razão, por outros motivos também. — Era *Darius*, de cabeça levantada e bem acordado, os seus olhos escuros e penetrantes olhando-me fixamente. — Temos estado observando-a com interesse já a algum tempo. Conspira e maquina em busca de uma forma de sair para o exterior da muralha. Sempre soube que a sua vida tinha um propósito superior, que tinha uma tarefa misteriosa a cumprir, talvez até um passado misterioso de que não conseguia se recordar. A sua busca não foi tão sem sentido como possa imaginar. Ela te trouxe até aqui, não trouxe? — *Darius* levantou-se e deu quatro passadas largas na minha direção. Imaginava que ele seria capaz de enfrentar sozinho qualquer homem ou animal que eu conhecia.

«Sabe de onde veio a pedra que estava na lagoa e porque te permite entender o que eu digo? Faz alguma idéia do que aconteceu a Renny Warvold, de quem é Elyon e de onde ele está? Acho que a resposta a estas perguntas, entre muitas outras, te surpreenderia. Mas, antes de mais nada, não entenderá porque está aqui enquanto não descer por esse buraco escuro para descobrir por si mesma. A sua aventura começa ou termina aqui, Alexa.

Hesitei durante mais algum tempo, enchendo o peito do ar fresco da montanha e olhando para o azul do céu matinal. Havia folhas dançando no ar e um falcão desenhava círculos, por cima das nossas cabeças. Yipes os teria enviado para me proteger?

Passado um pouco, pus-me de joelhos e enfiei a cabeça no buraco, sabendo de antemão que não tardaria a dar por mim debaixo da terra. Não conseguia resistir à tentação da descoberta que *Darius* tinha, tão habilmente, colocado diante de mim.

As minhas mãos entraram a seguir. Ao tocar no chão fresco, uma nuvem de poeira rolou para a escuridão. Depois que os meus ombros entraram no buraco, já não conseguia me virar para olhar para trás sem soltar terra seca das paredes. O túnel era claustrofóbico, muito menor do que parecera à primeira vista. O meu corpo impedia a passagem dos poucos raios de sol que entravam no

buraco, e apenas um ou outro iluminava fracamente o espaço à minha frente. Quando os meus joelhos entraram no túnel, fiquei ainda mais desconfortável. As minhas costas curvadas batiam no teto do túnel enquanto eu avançava, bamboleando de um lado para o outro. Conseguia baixar o tronco e a cabeça, dobrando os cotovelos, mas o meu traseiro era uma protuberância difícil de controlar naquele estreito espaço subterrâneo. Para manter essa parte do corpo baixa, tinha que me reclinar sobre os tornozelos e avançar com impulsos curtos e desajeitados. Depois de ter introduzido o corpo todo no túnel e de ter avançado apenas uns metros, me vi envolvida por uma escuridão fria e seca.

Qual era a distância que *Darius* tinha mencionado? Trinta ou noventa metros? Não conseguia me lembrar mas, qualquer que fosse a distância, tinha certeza de que me pareceria cem quilômetros. Quanto mais avançava, mais escuro ficava e, passado algum tempo, acabei por fechar os olhos para evitar que a terra os ferisse. Após vinte minutos naquele desconforto, começaram a me doer as costas e os joelhos e fui dominada por um medo terrível. Abri os olhos e tive a estranha sensação de estar num sonho do qual não conseguia acordar; quer abrisse, quer fechasse os olhos a escuridão era a mesma e um terror sinistro comprimia-me a garganta.

Naquele momento ocorreu-me que não podia voltar para trás. Na realidade, não seria sequer possível dar a volta quando chegasse a hora de sair do túnel. Já era suficientemente difícil arrastar-me para frente, arrastar-me para trás seria impossível. Morreria debaixo do solo, exausta e chorando que nem uma Madalena, provavelmente virada de lado, numa tentativa vã de me voltar. Comecei a respirar com dificuldade e a ver um arco-íris de estrelas coloridas na escuridão. Mais um pouco e perderia os sentidos com a cara enfiada na terra.

Reclinei-me sobre os tornozelos e tentei me acalmar. Tinha percorrido vinte minutos dentro do túnel. Porque não tinha contado cada um dos impulsos que dava para avançar? Se cada um dos meus avanços tivesse uns trinta centímetros de comprimento, então eu estava avançando a um ritmo de seis metros por minuto, portanto, teria percorrido uma distância aproximada de cem metros dentro do túnel. Isso significava que *Darius* tinha mentido, pois eu já tinha avançado pelo menos uns noventa metros. Ele provavelmente já tinha tapado a entrada do túnel com terra e partido, floresta adentro, em busca de uma vítima indefesa que lhe pudesse servir de almoço. Voltei a me deitar de barriga para baixo na terra negra e fria da minha sepultura, sem saber o que fazer a seguir.

Sabia que não podia me virar para trás nem recuar assim, de marcha ré, pelo que tinha de optar entre continuar em frente ou ficar ali deitada e morrer de fome. Decidi continuar em frente e, depois de três arrastadas, a minha mão

encontrou ar em vez de chão.

Deitei-me novamente sobre a barriga e tentei apalpar o fundo, com os dois braços pendurados no ar, mas ele estava muito longe para senti-lo. As paredes dos lados também tinham desaparecido e percebi uma luz fraca a penetrar no espaço. Peguei numa pedrinha e a deixei cair no precipício, ouvindo-a bater no chão, alguns metros abaixo. Deslizei para este novo espaço aberto como uma serpente seca e depois pus-me de pé.

Se calhar *Darius* não tinha era jeito para calcular distâncias, e talvez não fosse realmente mau.

Estiquei os braços à procura de paredes mas encontrei apenas ar durante algum tempo. Nisto, cheguei a uma parede que era claramente feita de tábuas de madeira e apalpei a sua superfície em direção ao teto, que ficava a uns trinta centímetros acima da minha cabeça. A leve luminescência que tinha detectado anteriormente não era suficiente para iluminar a escuridão, mas o raio de luz que gerava via-se bem contra a madeira. Uma pequena abertura com não mais de vinte e cinco milímetros deixava entrar um fraco feixe de luz poeirenta.

De costas encostadas a uma das paredes, fiquei olhando para o feixe de luz. Ao me aproximar da parede e ao encostar um olho no pequeno buraco, não podia imaginar o que iria ver do outro lado.

Era uma divisão. Havia uma candeia pendurada na parede mais afastada e outra à minha direita, a partir da qual só conseguia ver luz a brilhar de quando em quando. Havia uma mesa e duas cadeiras, bem como um mapa, pendurado na parede à frente da abertura por onde eu espreitava, assinalando locais que eu nunca tinha visto, que se emaranhavam num novelo de curvas e contracurvas de castanho e preto. Era uma divisão fracamente iluminada com paredes de terra e não conseguia ver nenhuma porta.

Ouvia vozes, a princípio ecos distantes, como os sons que vinham da sala de reuniões na Casa Renny, quando tentava escutar atrás das portas fechadas. Senti o mesmo medo, que me fazia acelerar o coração, quando as vozes se aproximaram. Eram dois homens que discutiam por algum motivo. À medida que se aproximavam, as suas palavras tornaram-se mais claras, pronunciadas numa linguagem sussurrada que eu conhecia bem.

— Não me interessa o que ele diz. Mesmo assim, já esperamos muito tempo — disse o primeiro homem impacientemente.

— Sei que quer ir; muitos de nós queremos ir. O que quer que eu faça? Ele irá quando estiver preparado para tal — disse o outro homem. Os dois homens estavam agora na sala, do meu lado esquerdo. Fora do meu campo de visão, mas perto.

— Porque é que não podemos lhe dizer que temos que nos apressar com

isso? — inquiriu o primeiro homem, irritado. — Chegou a nossa hora. Os homens estão prontos.

Os homens passaram à minha frente e eu me afastei do buraco de um salto e, soltando um gritinho abafado, caí para trás com um baque surdo. Tive medo de que tivessem me ouvido e me encolhi toda só de pensar em encontrar outro olho espreitando de volta pelo buraco, e de ver as tábuas voarem em estilhaços pelo ar, enquanto os homens irrompiam pela parede e descobriam o meu esconderijo.

A luz suave continuava a passar pela minúscula abertura e as vozes afastaram-se um pouco. Quando tive certeza de que não tinham me ouvido, voltei a aproximar silenciosamente o olho do buraco e vi que os homens tinham se instalado em volta da mesa para continuar a sua discussão, ao mesmo tempo que olhavam para o mapa que estava pendurado acima deles, na parede. Agora falavam mais baixo e, dada a maior distância entre nós, apenas conseguia ouvir uma palavra aqui e um fragmento de frase ali. *Muito tempo. Compreendo.* Um enfático *Não!*

A maior parte do que conseguia ouvir era uma confusão de palavras inúteis que não conseguia ligar umas às outras para fazerem sentido. Mas, pela forma como falavam e pela forma como conspiravam, percebi que alguma coisa sinistra estava para acontecer.

A certa altura, um dos homens se levantou e começou a caminhar na minha direção, aparentemente para ir buscar qualquer coisa que estava do lado do meu observatório. Era um homem grande e, quando se aproximou, vi que tinha o cabelo desgrenhado e a barba muito comprida. Prendi a respiração quando o homem se aproximou mais ainda, colocando-se quase na minha frente. Ele riscou um fósforo e acendeu outra candeia, que estava pendurada bem junto ao orifício por onde eu espreitava, do lado direito. Quando a luz ganhou vida, vi o que *Darius* quisera que eu visse.

Aquele homem de aspecto maltrapilho tinha um C marcado a ferro em brasa, bem visível, na testa.

Era um condenado!

CAPÍTULO 14

O CONSELHO DA FLORESTA

Levei metade do tempo rastejando para a saída do túnel do que levara para entrar. O percurso de regresso foi muito mais violento para o meu corpo, pois bati muitas vezes com os cotovelos, com os joelhos e com as costas, na ânsia de sair. Quando emergi do buraco, apanhei a luz e o calor em cheio e levei algum tempo até conseguir ver alguma coisa mais do que manchas ardentes de branco e amarelo. Estava exausta, por isso me deitei de costas com as mãos cobrindo os olhos, escutando o vento soprar entre as folhas das árvores.

— Deve estar com fome. E se abríssemos aquele seu saco e comêssemos qualquer coisa? — Era *Darius*, que estava a uns metros de distância. Rolei para me pôr de lado e olhei para ele com os olhos semicerrados.

— O que aqueles homens fazem ali embaixo? — perguntei. — Vi um deles de perto; tinha um C marcado na testa. Pensei que todos os condenados que construíram as muralhas não estivessem mais aqui. Como é que estes ainda estão?

— Ah, eu sei o que eles estão fazendo ali embaixo e, logo logo, também saberá. Mas primeiro vamos almoçar, está bem?

Tentei lhe fazer mais perguntas, mas ele se recusava a adiantar alguma coisa. Finalmente, dei-lhe um pouco de carne seca, que ele comeu, num lampejo de dentes e saliva. Eu mastigava, indiferente, um pedaço de pão, enquanto caminhávamos lentamente em direção à muralha de Turlock, que separava as montanhas da floresta. Continuei a interrogar *Darius* sobre os homens que tinha visto, mas ele parecia querer continuar o trajeto em silêncio, abrindo caminho por entre o mato e contornando uma ou outra árvore caída. Finalmente, completamente frustrada, gritei:

— Não é capaz de parar um pouco a fim de me contar *alguma coisa*?

Darius parou, voltando-se para mim.

— Hoje sou responsável por duas coisas: fazê-la descer por aquele buraco e colocá-la nas mãos competentes de *Malcolm* até meio-dia. Até agora, só cumpri uma dessas duas tarefas. Todas as tuas perguntas serão respondidas antes que o Sol se ponha hoje, mas por hora, não posso revelar mais nada. — Dito isto, virou-se e começou novamente a caminhar e, embora me sentisse

completamente exasperada, segui-o, um pouco mais atrás, pelo caminho abaixo.

Foi uma viagem longa e quente, mas ao meio-dia, chegamos a um pequeno bosque de choupos a uns cinquenta metros da muralha de Turlock. A porta de Bridewell estava agora à distância e, olhando para o céu, distingi vários falcões no ar patrulhando a zona, desviando-se de uma tempestade de algodão branco libertado pelas árvores. Enquanto eu e *Darius* regularizávamos a respiração, vi à distância um movimento na vegetação, um lampejo cinzento e depois novo movimento.

— Ah, lá vem ele. É um bom rapaz, apesar de não ter muito jeito para se fazer de detetive — disse *Darius*. Ficamos olhando, enquanto a bola de pêlo cinzento, sem forma, continuava a correr, entrando e saindo da vegetação. Passado algum tempo, ficou claro que se tratava de um coelho que corria na nossa direção, de esconderijo em esconderijo, no meio do matagal. Pelo visto, a criatura estava demorando muito tempo para chegar até nós.

— Importa-se de parar com esse número de espião secreto e se apressar?! — berrou *Darius*. — Vai atrasar a todos nós. — Não houve qualquer movimento durante alguns momentos

— É você, *Darius*? — perguntou uma vozinha fina e insegura, em algum lugar no meio do matagal.

— Sim, sou eu, o lobo enorme que veio comer o coelhinho indefeso. Quanto mais tempo demorar para chegar aqui, com mais fome eu fico — disse *Darius*.

Uma cabeça cinzenta com umas orelhas caídas espreitou da vegetação a uns dezoito metros de nós.

— Já vou! — exclamou o coelho com grande exuberância, aparecendo aos meus pés alguns segundos depois.

— Não é preciso ser hostil — ralhou o coelho, que eu calculei ser o tal *Malcolm*. — Ah, mas vejo que traz a menina... e na hora combinada. Bom trabalho!

— Não é nada do outro mundo, para quem está sozinho — respondeu *Darius*, ficando de repente mais calado e olhando para *Malcolm* com uma tristeza enorme. — Sabe alguma coisa de *Odessa* e *Sherwin*?

— Pare de choramingar. É patético numa criatura do seu tamanho. Isto logo chegará ao fim, *Darius*. Confie em mim — disse *Malcolm*. — E, agora, que tal nos apresentar como se deve?

Darius rosnou e depois apresentou-me. *Malcolm* esticou a pata, tentando me apertar a mão. Segundo ele, era costume os humanos apertarem as mãos e queria que eu me sentisse em casa. Inclinei-me e segurei na sua pata cinzenta e felpuda entre o meu polegar e o indicador e a sacudi desajeitadamente para cima

e para baixo algumas vezes. *Malcolm* deu um risinho nervoso e depois olhamos os dois para *Darius*, que revirou os olhos. Eu ri e, pela primeira vez, me senti menos como uma estranha no exterior da muralha e tive a sensação de que talvez estes animais pudessem realmente ser meus amigos.

Darius e *Malcolm* se aproximaram um do outro e puseram-se a conversar, enquanto eu me aliviava atrás de uma árvore, o que originou uma nova conversa sobre quando e onde se deve ir ao banheiro, e se se devia ou não cobrir os dejetos no final.

Após vários minutos de discussão, *Darius* disse:

— Sugiro que continuemos esta conversa quando tivermos mais tempo. No entanto, reconheço que a opinião de *Malcolm* sobre a marcação de árvores em vez de rochas constitui um argumento de peso.

Malcolm olhou para cima, para mim, e eu fiz um movimento afirmativo com a cabeça, indicando que estava pronta a seguir caminho.

— Vou diretamente encontrar Yipes para lhe contar do nosso progresso. Vai ficar contente por saber que conseguiu chegar até aqui — disse *Darius*. Depois, inclinando levemente a cabeça, acrescentou: — *Malcolm*, foi um prazer, como sempre. Tome conta da nossa pequena e diga a todos que estou bem. — Dito isto, afastou-se e eu fiquei ali, sem nada para me proteger além de uma bola de pêlo sorridente com poucas capacidades de batedor. De repente, me senti só e com saudades do meu pai e dos amigos que tinha deixado em Bridewell. Acho que até senti saudades de Pervis, ou, pelo menos, do conforto mórbido da sua má educação.

— Cresceu um pouco desde que me falaram do seu tamanho. Deve ter se espremido toda para conseguir caber naquele túnel em Lathbury — observou *Malcolm*. — O próximo não é tão mau.

— O próximo? — repeti.

— Claro, o próximo. *Darius* não te contou? Temos uma reunião importante na floresta hoje à noite. Há muita coisa para ser discutida.

Caminhamos, ou seja, *eu* caminhei e *Malcolm* saltitou em direção à muralha de Turlock. A certa altura chegamos junto de um buraco de aspecto estranho, rodeado de pedras por todos os lados. Tinha uma inclinação de determinado ângulo e parecia passar sob a muralha.

— Que túnel mais estranho, *Malcolm* — notei eu.

— É porque não foi escavado por animais. Foram os humanos que o fizeram e os humanos fazem sempre as coisas de uma forma muito estranha. Sem ofensas, é claro. — Depois de proferir estas palavras, ficou atrapalhado, como se desejasse poder retirar o que tinha dito.

— Não fiquei ofendida — sosseguei-o.

— Isto é um aqueduto — continuou *Malcolm*. — Aparecem de quando em quando ao longo das muralhas. Na Primavera, a água escorre das montanhas para estes túneis e depois ao longo deles até à Floresta Fenwick, e daí para os Montes das Trevas, onde, nos primeiros meses da Primavera, cria uma espécie de zona pantanosa.

Malcolm continuou a falar, explicando que os aquedutos estavam envoltos em pedra, passando cerca de um metro e meio abaixo dos enormes blocos de pedra das fundações da muralha, e subindo depois, gradualmente, até desembocarem na Floresta Fenwick e nos Montes das Trevas.

O meu companheiro de viagem cabia perfeitamente dentro do túnel. Eu o segui e descobri que era um pouco apertado. Conseguia me arrastar lentamente, deitada de barriga para baixo, mas as paredes de pedra do aqueduto rodeavam-me e era difícil avançar, pois estava constantemente raspando os ombros e os cotovelos nas paredes. Este túnel descia mais rapidamente que o outro, endireitava e depois começava novamente a subir lentamente, em teoria, do outro lado da muralha. Não tardei a ver luz a entrar pelo túnel e, pouco depois, estávamos novamente no exterior, em campo aberto. Encontrávamo-nos na Floresta Fenwick.

— Quem são *Odessa* e *Sherwin*? — perguntei, virando a cabeça para o lado e sacudindo terra e poeira do cabelo.

A princípio *Malcolm* não respondeu, mas depois parou de saltitar e olhou para mim.

— *Odessa* é a companheira de *Darius* e *Sherwin* é o filho.

Devia haver mais que ele pudesse dizer sobre aquela história e pouco depois *Malcolm* me contou.

— *Darius* estava caçando a várias semanas — explicou. — Eles ergueram a muralha tão depressa, e havia tantos humanos por aí, que foi apanhado do lado da montanha. Como muitos dos animais, ele é muito grande para caber num aqueduto e não há nenhuma forma de se conseguir cavar até uma profundidade suficiente para se passar por baixo das fundações da muralha. Ele não pode contornar a muralha, pois as duas pontas dão nos penhascos escarpados que mergulham no Mar da Solidão. A água e as muralhas nos mantêm separados. Já não vê a família a bastante tempo.

Pensei durante algum tempo, tentando analisar as conseqüências do que *Malcolm* tinha dito.

— Há mais histórias como esta? — perguntei.

Ele se virou e começou novamente a pular, as suas desajeitadas patas traseiras levantando pequenas nuvens de poeira à medida que avançava.

— Bastante — respondeu.

Continuamos a nos embrenhar cada vez mais na floresta. Estava escurecendo e esfriando. A Floresta Fenwick era bem diferente do lugar onde tinha acabado de passar dois dias. O terreno em torno do Monte Norwood era muito mais aberto e árido, com pequenos ribeiros se cruzando e se encontrando por todo o lado. Aqui, a vinte minutos da muralha, estávamos completamente embrenhados numa floresta de abetos, pinheiros, choupos e álamos. O luxuriante chão da floresta parecia dançar com as sombras projetadas pelas inúmeras árvores oscilantes. Como nos aproximávamos do começo da noite, o ambiente estava fresco e calmo. O som das árvores balançando ao sabor do vento, muito por cima das nossas cabeças, parecia um amigável companheiro de viagem, chamando-nos cada vez mais para o coração da floresta.

Enquanto caminhávamos, não parava de pensar no rosto daquele homem suspeito com o C na testa. A forma como esses homens teriam escapado para os Montes das Trevas era uma questão intrigante que não conseguia tirar do pensamento.

Comecei a ter uma sensação sinistra de que estávamos sendo observados e ouvindo o que pareciam ser sussurros à nossa volta. Tentei me livrar destes pensamentos e voltar a me concentrar, mas os estranhos sussurros persistiram, e os atribuí ao vento soprando nas árvores, que estaria me pregando peças.

— *Malcolm*, não ouve nada de estranho? — perguntei. *Malcolm* parou e farejou o ar, com as patas da frente levantadas.

— Ah, sim, já começou a procissão. É famosa, Alexa. Todos os animais, num raio de trinta quilômetros, devem estar escondidos atrás de um arbusto ou tronco de árvore, tentando te ver.

As coisas estavam ficando cada vez mais estranhas.

Seguimos o caminho pela floresta durante mais cinco minutos, e depois paramos quando o caminho bifurcou. Uma das bifurcações seguia em frente e a outra virava para a esquerda, descendo até à muralha de Lunenburg; ambas se estendiam sob um dossel de ramos de árvores.

— Parece que chegamos, Alexa. Vá lá, segue em frente por esse caminho e não pare até ver *Ander*.

— O que é um *Ander*? — perguntei.

— Quem é *Ander*, você quer dizer — riu *Malcolm* baixinho. — Vá lá, então, as tuas perguntas serão respondidas quando chegar ao fim desse caminho.

Obedeci, muito cansada para me queixar ou discutir com um coelho. Alguns minutos mais tarde, o caminho alargou até formar uma zona circular, com uns dez metros de largura, rodeada por pedras grandes e troncos de árvores mortas que estavam cheios de animais, mais animais do que eu já vira até então: esquilos, coelhos, pumas, ursos, lobos, castores, texugos, porcos-espinhos,

doninhas fedorentas, e outras criaturas selvagens que, dados os meus limitados conhecimentos, não conseguia identificar. Era uma visão assustadora, acentuada pelo sussurrar, semelhante ao som de um enxame, que continuava a ouvir no meu cérebro.

À minha frente, bem no meio de todos os animais, estava um urso pardo de aspecto feroz. A sua cabeça parecia uma grande pedra arredondada assentada nos ombros maciços, e balançava de um lado para o outro enquanto a criatura caminhava na minha direção. Os sussurros cessaram. Eu estava prestes a me virar e desatar a correr para salvar a vida, quando vi Yipes sentado numa rocha do meu lado direito. Fiquei tão contente por vê-lo outra vez que não consegui apagar o enorme sorriso que se formou no meu rosto esgotado. Li seus lábios quando ele disse, silenciosamente: — Não há problema. Fique calma.

O urso pardo parou na minha frente, tão próximo de mim que as suas narinas molhadas sopraram um leve vento nos meus cabelos. Olhei para baixo, para o lugar onde as suas enormes patas esmagavam a erva verde a meus pés. A criatura estava sobre as quatro patas e a sua cabeça ficava uns trinta centímetros acima da minha. Eu sabia, das coisas que tinha lido sobre ursos pardos, que uma patada rápida me partiria os ossos e me deixaria a pele em frangalhos. Permaneci completamente imóvel, inspirando e expirando em ondas espasmódicas.

— Há muito, muito tempo que te esperamos, minha querida — disse o urso. A sua voz soou profunda, triste e lenta na minha cabeça. Parecia ser velho, embora, não fizesse a mínima idéia de que idade teria. — Sou *Ander*, o Rei da Floresta, e tenho muita coisa para te contar.

«Tragam a comida! — ordenou, e uma fila de animais saiu de entre as árvores com ofertas de nozes, fruta e água fresca.

— Agora, vamos nos sentar e ter uma longa conversa, está bem, Alexa?

Caminhamos até o centro do bosque e nos sentamos. Bebi até sentir vontade de vomitar e depois tirei um resto de carne do meu saco para comer com as nozes e a fruta.

— Se não se importa Alexa, será que pode evitar comer carne agora? A companhia é mista, sabe? A carne lhes dá idéias. — *Ander* olhou em volta, para todos os animais, que me olhavam com olhos arregalados. Alguns dos animais maiores tinham a boca cheia de saliva e estavam se comportando de forma estranha.

Guardei a carne e comecei a comer uma pêra. *Ander* passou então a me apresentar a uma série de animais importantes que estavam presentes.

Apresentou-me *Murphy*, um esquilo vivaço que, depois de ouvir o próprio nome, não parava de correr para frente, para trás e em círculos. Foi preciso algum tempo para acalmá-lo, mas ele continuou a dar saltos mortais e a

fazer piruetas, cada vez que *Ander* apresentava outro animal. Havia *Beaker*, um guaxinim que *Ander* disse ter «mente científica e ser craque em resolver problemas», um texugo chamado *Henry* que foi elogiado pela sua feroz perícia em combate. *Picardy* era uma linda urso negra que não via o companheiro há muito tempo: ele andava pela montanha à procura de uma caverna quando a muralha foi erguida. Conheci *Boone*, um lince matreiro assaltado freqüentemente por idéias bizarras que, por algum motivo desconhecido, até funcionavam na maioria das vezes; *Raymond*, uma raposa veloz e manhosa; uma marmota nervosa chamada *Vésper*; e *Chopper* e *Whip*, um par de simpáticos castores de dentes salientes.

O Sol começava a se pôr e eu estava ficando com frio. Devia notar-se, pois *Ander* suspendeu as apresentações para chamar Yipes, que se aproximou e me estendeu um cobertor que tirara da sua mochila. Coloquei-o em volta dos ombros e encolhi as pernas até o peito, abraçando os joelhos com os braços. Não tardaria a anoitecer, mas por enquanto o crepúsculo cobria a floresta com uma mescla aveludada de dourado e verde. Era magnífico.

Ander terminou as apresentações com *Odessa* e *Sherwin*, a companheira e o filho de *Darius*. *Sherwin* se aproximou cautelosamente, balançando a cabeça de um lado para o outro. Era uma criatura tão poderosa quanto o pai, mas as suas feições eram jovens e o seu pêlo era de um cinzento mais claro.

— Conhece o meu pai? — perguntou-me.

— Sim, conheço *Darius*. É um lobo magnífico — respondi. Senti uma onda de compaixão por *Sherwin* e perguntei a mim mesma qual seria a sensação de se perder o pai de uma forma tão injusta. — Quando foi a última vez que o viu? — acrescentei.

— Não me lembro de já tê-lo visto alguma vez. Só tinha alguns meses de vida quando ele ficou retido do outro lado da muralha e, quando atingi a idade de viajar através do aqueduto, já estava muito grande para caber lá. Provavelmente teria conseguido atravessar o aqueduto quando criança, mas tinha muito medo. Quando era pequeno, pensava muitas vezes em atravessar o aqueduto sem que ninguém me visse, para ir procurá-lo, mas nunca o fiz. Agora estou tão grande que mal consigo enfiar a cabeça no túnel.

Fazendo uma pausa, *Sherwin* pôs-se a olhar para a muralha de Turlock, à distância.

— À noite, o meu pai uiva para mim e eu lhe respondo. Sonhamos poder caçar juntos e que ele e a minha mãe possam estar novamente lado a lado. A voz dele muitas vezes soa triste e, ultimamente, até um pouco velha e cansada, como se as longas e solitárias noites comessem a pesar-lhe. Às vezes ele uiva, para mim e para minha mãe, durante horas e horas, até ficar com a voz entrecortada e

rouca. Em noites como essas, vou muitas vezes até ao aqueduto e meto as minhas patas da frente nele, imaginando que voltei a ser pequeno. Depois olho para a muralha e bato com a cabeça nela, no mesmo lugar, até o sangue me saltar do pêlo e escorrer para os olhos.

«A minha história não é muito diferente da de muitos destes animais. A maioria dos animais grandes perderam um filho ou uma filha, um companheiro, um amigo chegado ou um progenitor. Outros sentem a terrível perda das montanhas, dos exuberantes ribeiros selvagens, ladeados de árvores de fruto e silvados de amoras pretas. Os animais menores, os que podem utilizar os túneis, mantiveram uma vida relativamente normal depois da construção das muralhas.

— O que é que os faz pensar que o fato de me terem trazido até aqui vai fazer alguma diferença? — perguntei. — Eu sou apenas uma criança e não tenho nenhuma importância especial em Bridewell. Faço lá mais mal do que bem. Pergunte a qualquer pessoa.

Sherwin baixou os olhos durante um longo momento e depois fitou-me diretamente, com uma expressão de partir o coração estampada no focinho.

— Então nos enganamos seriamente e devemos devolvê-la. É suficientemente pequena para utilizar os túneis e tem o caráter certo, isso é verdade. Mas falta-lhe fé. Se para derrubar a muralha, precisar voar, tem que acreditar que consegue voar. Caso contrário, quando chegar o momento decisivo, certamente descobrirá que não tem asas.

Dito isto, deu meia volta e caminhou de novo para junto da mãe. Tanto os sussurros como o Sol tinham desaparecido. Os ruídos das corujas, dos grilos e dos sapos misturavam-se para formarem uma sopa espessa de música noturna. A Lua cheia emergiu do meio das árvores ao Leste, derramando um balde de luz branca e suave sobre a floresta, e mais uma vez senti a incômoda solidão que tantas vezes me perseguia.

— Estou vendo que tem um grande arranhão aí no braço — comentou *Ander*, a sua voz profunda arrancando-me do momento de comisseração por mim mesma em que tinha mergulhado. — Peço desculpas. Os animais domesticados por vezes são bem desagradáveis. Isso não quer dizer que *Sam* e *Pepper* sejam gatos maus. Até nos ajudaram bastante nas nossas tentativas de te trazer até aqui fora. Mas, às vezes, são... digamos que... fogosos.

«Bem, e agora, tenho que pedir que me entregue a pedra que leva consigo. Se não se importar, é claro. Talvez não seja a pessoa certa para esta tarefa, apesar de eu estar convencido que é. De qualquer maneira, a pedra nos dirá muita coisa sobre o que o futuro te reserva.

Com tudo aquilo que estava acontecendo, tinha me esquecido completamente da pedra que trazia pendurada ao pescoço, dentro da bolsinha de

couro. Fechei a mão sobre ela, debaixo do cobertor, com receio de entregá-la. E se não me devolvessem?

Abri o cordão que fechava a bolsa e tirei de lá a pedra. Quando a estendi a *Ander*, o seu brilho verde iluminou o espaço entre nós, e a multidão de animais soltou um coro de *ohs* e *ahs*. Pousei a pedra numa rocha grande e plana que havia entre mim e *Ander*, e ela continuou a pulsar luz verde, líquida, a um ritmo semelhante ao bater de um tambor. *Pum, pum, pum*.

— É uma beleza, não é? — perguntou *Ander*, olhando para o brilho radioso e pulsante da pedra. *Pum, pum, pum*. — Esta área toda, incluindo a floresta, as montanhas e os montes esteve, em tempos, cheia do encanto de Elyon. Era um lugar maravilhoso. É a pedra que escolheu que te permite se comunicar conosco, tal como nós nos comunicamos uns com os outros.

«Em tempos, houve seis pedras como esta na lagoa. Yipes encontrou a primeira, depois levaram a segunda e a seguir vieram os condenados, que levaram todas as pedras, menos esta. — Fez um movimento de cabeça em direção ao volume verde e pulsante que estava entre nós. — Nestas pedras residem as respostas às perguntas: porque Elyon nos criou? Porque criou este lugar? Para onde ele foi?

Ander ficou sentado, em silêncio, durante muito tempo, a sua respiração pesada enchendo o ar. Parecia estar à procura de algo no silêncio, algo que ele não conseguia encontrar. Depois ganhou vida novamente.

— Infelizmente, não temos tempo para falar sobre tudo isso agora. Elyon entrou em ação, os seus planos estão se desenrolando nesta mesma era e todos nós vamos testemunhar o seu regresso triunfante nos próximos dias. O que posso te dizer, pois não temos tempo para mais, é que um conhecido seu foi o responsável por trazer as pedras para cá.

— Thomas Warvold — disse eu sem a menor hesitação.

— Excelente palpite. Ele é responsável por muitas coisas que, com a sua morte, temos de ponderar. Mas não foi ele que trouxe as pedras. Elas foram colocadas na lagoa pela sua mulher, Renny.

Ander olhou para o céu, farejou o ar e depois continuou.

— Quando as coisas acalmarem, pode vir me visitar outra vez e eu conto tudo sobre a misteriosa família Warvold. Mas agora temos mesmo de pôr mãos à obra.

Protestei, e fiz perguntas sobre Elyon, que eu sempre pensara ser uma mera lenda. Mas, sempre que perguntava alguma coisa, *Ander* insistia que nos limitássemos aos temas que ele tinha selecionado e que ainda não tinha chegado a hora de obter essas respostas. Não ia arriscar discutir com um urso pardo de mais de trezentos e setenta quilos, mas os seus comentários deixaram-me

terrivelmente curiosa por saber mais sobre Thomas, Renny e, principalmente, sobre Elyon.

— Toda a magia acaba se esgotando Alexa, e a deste lugar está se esvaindo a muito tempo. Costumávamos ser capazes de nos comunicar com os pássaros; agora eles nos entendem mas nós não conseguimos entendê-los. Podemos mandá-los fazer coisas, mas não podemos ter certeza de que fizeram o que lhes pedimos. Eles conseguem nos dizer qualquer coisa pela maneira como se movem e pelos sons que fazem. No entanto, é como se agora falássemos línguas completamente diferentes.

«Alguns animais começam a ter o mesmo problema — explicou *Ander*. — Conseguimos nos compreender a maior parte do tempo, mas por vezes, as nossas vozes ficam deturpadas durante uma manhã ou uma tarde, e só normalizam algumas horas mais tarde. Isto piorou depois da construção da muralha.

Ander tocou na pedra com a ponta da pata e empurrou-a suavemente alguns milímetros sobre a superfície da rocha espalmada. A luz verde e fluida continuou a pulsar entre nós dois.

— No caso dos humanos, a pedra tem dois efeitos importantes — continuou, voltando a pousar a pata no chão. — Lhes dá a capacidade de se comunicar com os animais e lhes permite vislumbrar o futuro. Por outras palavras, lhes permite uma nova visão do presente e do futuro. Tal como acontece com qualquer efeito mágico, este tem um conjunto de regras próprias. Por exemplo, a capacidade de falar com os animais só funciona se se mantiver em terreno selvagem. Mal o abandone, o poder começa a desaparecer. Uma vez iniciado este processo, não pode ser revertido e não há mais pedras que se possam adquirir. Mal saia do território selvagem, a pedra começará a se transformar numa pedra normal. Pulsará mais lentamente e com menos intensidade, durante um período indeterminado de tempo.

«Como pode calcular, Yipes nunca saiu do território selvagem que são as montanhas ou a floresta, portanto continua a usufruir dos benefícios questionáveis de falar com os animais. — *Ander* parou um pouco para olhar para Yipes, acenando-lhe com a cabeça e piscando-lhe o olho, e depois continuou.

— Disse anteriormente que outra pessoa, além de Yipes e dos condenados, tinha levado uma pedra da lagoa. Essa pessoa pousou a pedra no mesmo lugar onde você colocou a sua, e ela brilhou como um pequeno mas glorioso sol cor-de-laranja, no final de um dia quente. É capaz de adivinhar quem possa ter se sentado onde você está agora, Alexa?

Pensei durante um momento nas respostas possíveis para essa pergunta, mas tinha quase certeza de saber a quem *Ander* se referia.

— Warvold — respondi.

— Exatamente! Foi o Sr. Warvold, o grande aventureiro, em pessoa. Quer saber o que a pedra dele revelou sobre o seu futuro?

Disse que sim com a cabeça e ele se inclinou para frente, sobre a mesa, o brilho verde da minha pedra ondulando no seu pêlo espesso com um brilho aquoso.

— A pedra de Warvold revelou que, um dia, forças terríveis desta terra encantada se revoltariam e causariam a destruição de tudo o que ele havia criado — disse *Ander*. — A interpretação que ele fez foi que a zona era habitada por monstros do mal e que eles, um dia, invadiriam o seu reino e matariam todo mundo. Mas ele interpretou muito mal o significado do seu futuro.

— Ele estava enganado, tal como me disse — disse eu. — Quando se sentou comigo naquela última noite, encostados à muralha, ele me disse que tinha entendido tudo errado. — Tinha a cabeça num turbilhão, tentando juntar todas as peças da história. — O seu futuro não era constituído por monstros encantados. Ele criou os seus próprios monstros e os libertou nos Montes das Trevas para...

— Não se precipite, Alexa. Só tem metade da razão. Deixe-me contar-lhe a história toda — pediu *Ander*. — Quando Warvold foi informado sobre o seu futuro ficou aterrorizado, receando por Renny, sua mulher, e por todas as pessoas que afluíam a Lunenburg. Estava fora de si de tanta aflição. Tentamos explicar-lhe que a Jocasta podia ser mal interpretada, que se podia atribuir-lhe um significado que na realidade não tinha, e lhe asseguramos que não tínhamos conhecimento de que houvesse monstros escondidos nas redondezas.

— Disse «Jocasta»? — perguntei.

— Sim. É o nome que se dá às mensagens gravadas nas pedras — explicou *Ander*.

— E qual foi a participação de Renny Warvold nisto tudo?

— Foi enorme. E ela era mais inteligente do que possa imaginar. Ela trouxe as pedras encantadas até aqui. Ela deu início a tudo. — *Ander* endireitou as suas imensas costas e rugiu baixinho. — Não sou tão novo como antigamente e estamos nos aproximando da minha hora de deitar — disse, distraidamente. — Onde é que eu estava?... Ah, sim... Quando o Warvold regressou a Lunenburg, arquitetou um plano para se construir uma muralha antes que a cidade se expandisse mais. Aumentou o número de guardas e fez o acordo com os líderes de Ainsworth. Correu tudo conforme os planos e, durante os anos seguintes, Warvold completou, não uma, mas três estradas amuralhadas, assim como três novos principados amuralhados. Por esta altura ele já tinha descoberto como utilizar trezentos condenados e mais umas centenas dos seus próprios homens

para erigir mais rapidamente as construções. A muralha entre a floresta e as montanhas foi a última a ser construída. A princípio, a construiu com apenas dois metros e meio de altura, depois a sua própria gente o seguiu e acabou o resto. Era realmente fantástico. Havia dias em que mais de trezentos metros de território eram envoltos em muralha, pelo que a passagem entre a floresta e as montanhas foi rapidamente cortada. A operação foi um prodígio de rapidez e eficiência.

«Mas o Warvold cometeu um erro no seu plano: pensou, confiante, que os líderes de Ainsworth receberiam de novo os condenados. Mais, aceitou a sua palavra quando eles confirmaram tê-los recebido. Até àquela noite em que se sentou com ele junto à muralha, Warvold não sabia que os líderes de Ainsworth tinham libertado esses homens nos Montes das Trevas. Eles nunca pensaram que Warvold os devolveria realmente e não estavam preparados para o seu regresso. Os oficiais, em Ainsworth, não tinham onde enfiá-los, portanto os levaram para os Montes das Trevas e os exilaram nas cavernas. Os oficiais de Ainsworth pensaram que nunca ninguém saberia.

— De que cavernas está falando, *Ander*? Nunca ouvi falar de caverna nenhuma.

— As cavernas foram criadas quando se extraíram todos os materiais para a construção das muralhas. Minha querida, há quilômetros e quilômetros de túneis nos Montes das Trevas e outros tantos quilômetros à superfície, feitos de vegetação rasteira farfalhada e espinhosa. É assim que os condenados se deslocam de um lado para o outro, tanto debaixo da terra como na superfície, sem serem vistos. Onde pensa que se enfiariam quase trezentos homens?

«Aqueles muralhas, aqueles quilômetros e quilômetros de muralhas, são feitas de barro que só se encontra debaixo da terra. O barro é uma substância que abunda nos Montes das Trevas, fácil de recolher. A única coisa que tem de se fazer é cavar alguns metros abaixo da terra e depois começar a cavar túneis. Ao fazer esses túneis, praticamente só se encontra barro, e essa era a matéria-prima que Warvold queria para fazer os blocos que compõem as muralhas.

«Não é só por culpa de Warvold que as coisas evoluíram da forma como evoluíram. Contudo, foi o seu medo que o levou a criar um monstro. Esse monstro não é o bando de criminosos que vive nos Montes das Trevas, mas sim a muralha em si. No entanto, acho que isso é um assunto para se debater noutra altura.

Agora estava tudo ficando mais claro. Era como um *puzzle* gigante, com peças que se encaixavam umas nas outras e, em apenas uma noite iluminada pela lua, *Ander* tinha encaixado as peças que formavam a história. No entanto, parecia que faltava ainda uma peça no relato de *Ander*.

— *Ander*, o que é que eu estou fazendo aqui?

Os sussurros começaram e *Murphy* pôs-se novamente a dar saltos mortais e piruetas. Era estafante ver o pequeno esquilo gastando tanta energia. *Ander* levantou a cabeça e a floresta ficou novamente quieta e em silêncio.

— Acreditamos que a morte de Warvold pôs em movimento o princípio do fim desta era. Não fazemos idéia se este fim virá daqui a cinco dias ou cinco anos, mas sabemos que virá. Para o bem ou para o mal, você é a escolhida, não só por nós, mas pelo próprio Warvold. Só tenho que te contar mais umas coisas, depois temos que ler a sua pedra e colocá-la na cama. Está ficando tarde, muito tarde mesmo.

«Alexa, tudo o que estou contando tem que ser mantido em segredo até chegar a hora certa de revelar o que sabe. Há alguém em Bridewell que não é o que parece. Essa pessoa é aquela a quem os condenados chamam Sebastian. Ouvimos falar nele e nos seus planos. Ele vive em Bridewell, ocupando uma posição de comando e preparando tudo para a altura em que os condenados invadirão a cidade e realizarão o futuro profetizado por Warvold. Quem é Sebastian? Tenho a certeza de que os pássaros poderiam dizer, se conseguíssemos entendê-los, mas não fazemos idéia de quem seja. Não fazemos a mínima idéia. Só posso dizer uma coisa: os condenados deixaram a última pedra por um motivo. Estava destinada ao seu líder e quando descobrirem que alguém a levou ficarão ainda mais enfurecidos.

«É preciso descobrir quem é Sebastian, desmascará-lo como a serpente que é e impedir que os vis criminosos invadam Bridewell. Se cortarmos a cabeça da serpente, a serpente inteira morrerá. Os condenados não são muito inteligentes Alexa, mas são extremamente vingativos, e Sebastian é brilhante. Neste momento essa é uma combinação mortífera.

«Se o poder for transferido para os criminosos, entraremos em guerra, e a muralha se transformará numa fortaleza militar. Uma vez desencadeada, a violência cairá sobre Bridewell e a muralha se manterá de pé, possivelmente para sempre. Temos que desmascarar e eliminar o perigo e, ao fazê-lo, convencer as pessoas de que o perigo desapareceu. Essa é a única esperança que temos de derrubar a muralha. — *Ander* estava fazendo rodeios, não dizendo exatamente o que pretendia. Depois gaguejou e foi direito ao assunto.

— Não pode contar a ninguém o que aconteceu aqui hoje e *especialmente* sobre Sebastian — disse.

— Acha que Sebastian pode ser o meu próprio pai? — perguntei. A reação de *Ander* à minha pergunta foi um olhar frio e silencioso. — Mas o meu pai não tem um C marcado na testa! — gritei.

— Isso é verdade, mas não temos certeza de que Sebastian seja um

condenado — continuou *Ander*. — Pode ser alguém lá dentro que sabe mais do que revela, e que tem um motivo para se aliar a eles. Talvez seja alguém que procura mais poder, alguém como um filho descontente ou um guarda astuto, com ambições malévolas. Talvez seja um velhote que restaura livros ou um simples carteiro com acesso a pessoas importantes. Pode ser qualquer pessoa, por isso é que não pode revelar o que sabe.

«Alexa, você sabe trabalhar sozinha e manter segredo. É pequena e esconde-se facilmente. Relaciona-se com pessoas importantes, mas não é suficientemente importante para ser vigiada. Tem que reconhecer que é perfeita para desempenhar a tarefa.

Não tinha como refutar o raciocínio de *Ander*.

— Só falta fazer uma coisa: ler a sua *Jocasta* — disse *Ander*.

— E se não quiser que ela seja revelada? E se preferir não saber o meu futuro? — perguntei.

— A escolha é sua e respeitaremos o seu desejo. Mas, neste caso, acho que a sua *Jocasta* te dará uma clareza preciosa para lançar luz sobre os dias que se seguem.

Fiquei sentada em silêncio, durante um longo momento, e depois olhei diretamente para o poderoso focinho do urso.

— Leia — decidi.

Yipes saltou da sua pedra e caminhou até junto de nós. Trepou para cima da rocha grande e plana e tirou uma lupa do colete. Em seguida, segurou-a contra o olho e abaixou-se, ficando com o rosto a poucos milímetros da pedra, que pulsava ritmadamente. *Pum, pum, pum*. Um momento depois, sentou-se e olhou para *Ander*. O urso disse que sim com a cabeça e Yipes olhou para mim.

— É você quem vai encontrar a serpente — revelou.

PARTE II

CAPÍTULO 15

UM INIMIGO INESPERADO

O alçapão oscilava no ar, enquanto Yipes segurava nele o melhor que podia. Acho que ele estava fingindo que era mais difícil do que na realidade era, para evitar que os nossos olhares se cruzassem. Estávamos ambos tristes por eu ter que regressar a Bridewell nessa manhã.

— Tem uma visita, Alexa — disse Yipes. Olhei por cima do meu ombro, por entre a ondulação distorcida do calor matinal e vi à distância a silhueta imóvel de um grande lobo. Disse-lhe adeus com a mão e ele se virou para oeste, dirigindo-se para as montanhas.

— Tenho que ir — disse eu.

Comecei a descer a escada, para o túnel escuro.

— Espere! — berrou Yipes. — Quase me esqueci de te dar isto. — Metendo a mão no bolso do colete, tirou dele um pequeno tubo. — Não deve mostrá-lo a ninguém até *aquela pessoa que você sabe* ser descoberta. Ah, e mais uma coisa... — acrescentou, agitando o dedo indicador no ar enquanto tentava equilibrar a pesada porta com a outra mão. — Tenha cuidado com quem fala daqui para frente. Não confie em *ninguém*!

Enquanto proferia estas palavras tornou-se óbvio que estava perdendo o controle do alçapão, que oscilou perigosamente por cima da minha cabeça. Desci mais três degraus o mais rapidamente que fui capaz e a porta caiu pesada e ruidosamente, cobrindo-me com uma chuva de terra. As mãos escorregaram-me do degrau a que estava segura e fiquei pendurada na escada, apenas segura por três dedos. Mais uns milímetros e a porta teria me atingido como um martelo num prego, atirando-me para uma queda livre de nove metros e tal.

Recuperei o apoio dos pés e das mãos na escada, e sacudi a terra do cabelo e dos ombros.

Estava escuro como breu no túnel. Fartei-me de esperar que Yipes abrisse a porta, mas continuou tudo escuro e silencioso.

— Yipes! — gritei, mas não obtive resposta. Retirei um fósforo da minha bolsa e risquei-o contra a escada. A luz permitiu-me ver a candeia que tinha deixado pendurada no terceiro degrau a contar de cima. Graças a Deus não tinha caído, estilhaçando-se em pedacinhos inúteis.

Acendi a candeia e senti-me muito melhor por conseguir ver o que me rodeava. Segurei-a no ar mas não conseguia ver o chão, pois, uns três metros abaixo de mim, a escuridão engolia a luz. Esperei até sentir uma dor intensa nas mãos, que me fez recear não conseguir segurar-me mais ao degrau. Chamei novamente Yipes mas não obtive resposta, portanto comecei a descida lenta até o chão do túnel, descendo a candeia de três em três degraus.

Quando cheguei ao chão, encontrei o livro que tinha deixado para trás, coberto de terra.

— Aposto que não pensava me ver outra vez — disse a Cabeza de Vaca. — Está com bom aspecto. As tuas viagens têm corrido bem? — Um brilho vindo do canto do túnel chamou-me a atenção e segurei a candeia por cima do local. Ali, deitado na terra, estava o tubo que Yipes me havia dado. Tinha cerca de dez centímetros de comprimento e uns vinte e cinco milímetros de diâmetro, com jóias incrustadas na sua superfície de madeira. A ponta do tubo estava fechada com uma rolha de madeira.

Puxei a rolha com um *pop* e retirei do tubo um rolo de papel. Preso ao rolo estava um recado que dizia: *Certifique-se de não entregar isto à pessoa errada por engano*, e estava assinado por Yipes. Desenrolei o papel e encontrei o que parecia ser uma cópia exata do mapa que tinha visto pendurado na parede da sala subterrânea onde estavam os condenados. Devia ser nisto que Yipes estava trabalhando quando passou algum tempo no túnel secreto.

O mapa mostrava linhas pretas e castanhas, bem como umas notas sobre algumas delas. As linhas pretas representavam túneis subterrâneos, e as castanhas, passagens na superfície, criadas pelo espesso matagal. Teria de rever cuidadosamente o mapa assim que tivesse mais luz e pudesse me certificar de que não cairia nas mãos erradas.

Olhei mais uma vez para cima, com esperança de vislumbrar o alçapão entreaberto e o pequeno rosto de Yipes a espreitar para baixo. Ao ver apenas escuridão, virei-me e comecei a caminhar em direção a Bridewell. A idéia de ver o meu pai, Grayson, Ganesh, Nicholas e Silas me fez apressar o passo, mas abrandei quando pensei em Pervis. A idéia de dormir na minha cama, em falar com *Sam* e com *Pepper* pela primeira vez, ou em procurar um bom livro na biblioteca, me fez andar mais depressa outra vez. Sabia que, mal abrisse a porta

secreta e entrasse na biblioteca, a minha pedra começaria a perder poderes e a minha capacidade de falar com os animais desapareceria aos poucos. Isto me fez avançar mais lentamente, arrastando os pés, e olhando para trás, na direção de onde acabava de vir. Foi, no mínimo, uma caminhada agrídoce.

Finalmente, dei por mim na escada, no topo do túnel do poço das escadas, à escuta, tentando detectar algum movimento na biblioteca. Tinha a sensação de ter estado ausente uma vida inteira, de ter visto um mundo completamente novo e de ter regressado uma pessoa totalmente diferente.

— É você, Alexa? — perguntou uma voz felina, do outro lado. *Tenha cuidado com quem fala daqui para frente. Não confie em ninguém!* As palavras de Yipes tinham na minha cabeça como a sineta do jantar.

— Sou eu, *Sam* — soou novamente a voz do gato. Era estranho conseguir entender os *miaus*, mas o seu significado era claro como a água. — *Pepper* está vigiando Grayson. A costa está livre, pode sair.

Puxei o alçapão para mim, apaguei a candeia e pendurei-a num dos degraus e depois empurrei a cadeira para tirá-la do caminho. A princípio a luz era intensa e apenas consegui ver a silhueta de *Sam*, que me olhava do alto do seu poleiro, nas costas da cadeira. Sorri e disse:

— Olá, *Sam*! Como tem passado?

— Alexa, responda-me. Consegue entender o que estou dizendo? — perguntou *Sam* autoritariamente, o contorno do seu corpo imóvel contra a luz poeirenta que brilhava atrás dele.

Fingi que não o ouvia, o que o enfureceu ainda mais.

— Vamos lá, Alexa, confesse! Sei que me compreende. Quero saber as últimas novidades de *Ander*.

Sam saltou para o chão e encostou-se às minhas pernas, olhando para cima, na minha direção, com os seus olhos cinzentos e penetrantes. O tempo parecia ter parado, enquanto ele ronronava e caminhava para a frente e para trás. Lançando-me um último olhar, voltou a saltar para a cadeira.

— Menina estúpida! — exclamou. — Inútil como sempre. Passa o dia todo ouvindo ronronar e miar. Já devia calcular.

Virei a cara a *Sam*, olhando para a estante, e passei a mão pela fileira de livros, a fim de esconder a minha expressão chocada.

Enquanto estava ali, de pé, pensando nervosamente no que fazer a seguir, um lampejo de sombras moveu-se de um lado ao outro da divisão e o som do bater de asas encheu o pequeno espaço. Não tinha reparado no falcão, perfeitamente estático, que estava no parapeito da janela, à espera de informação. Quando me virei para olhar para ele, vi o pássaro levantar vôo e desaparecer em direção ao intenso sol da manhã.

— Sem dúvida, vai correndo contar a Sebastian do regresso de Alexa — comentou *Sam*.

Tentei desesperadamente lembrar-me de todas as coisas que *Sam* e *Pepper* me teriam visto a fazer ou a dizer. Quantas vezes tinha sido observada por falcões? Estariam me observando quando Warvold morreu e eu lhe tirei a chave? Passei distraidamente a mão pelo antebraço, sentindo o arranhão que *Pepper* me tinha feito quando tentara segurar no seu amuleto. *São traidores, os dois*. Mal conseguia acreditar. E o falcão... também era um traidor. Tinha que fazer chegar uma mensagem a *Ander*.

— Não tenho tempo para te fazer festas agora, *Sam*. Tenho muito que fazer — disse num tom falsamente alegre. Depois empurrei a cadeira para o seu devido lugar e me sacudi o melhor que pude. Estava suja, portanto era essencial dar uma escapada até o meu quarto para uma lavada rápida, antes que alguém me visse. Percorri silenciosamente os corredores sinuosos de livros, fazendo ranger o assoalho aqui e ali, à medida que continuava cautelosamente na direção do escritório de Grayson. Ao chegar à última esquina, espiei e vi a porta do escritório aberta e a longa cauda de *Pepper*, agitando-se de um lado para o outro no chão. Tive um momento de medo, quando *Sam* ronronou e se roçou inesperadamente na minha perna.

— *Pepper!* — chamou *Sam*. — Ela está muda! Ainda não disse uma palavra. — A cabeça de *Pepper* apareceu rapidamente na ombreira da porta.

— É você, *Sam*? — disse a voz de Grayson. As coisas estavam a se complicar rapidamente e ainda só tinha regressado a Bridewell há poucos minutos.

Caminhei sorrateiramente pelo corredor, o mais silenciosamente que consegui, enquanto *Sam* ficava para trás, na frente da porta de Grayson.

— Isso, esgueire-se para o seu quarto para tirar uma longa soneca — escarneceu *Sam*.

O assoalho rangeu a poucos passos da porta da biblioteca e, por momentos, fiquei petrificada.

— Quem está aí?... É você, Alexa? — Era Grayson, mas eu já estava em segurança, do outro lado da porta, desaparecendo de vista um segundo depois.

O meu quarto nunca tinha me parecido tão maravilhoso. Escondi a minha pedra, o tubo que Yipes me tinha dado e as outras bugigangas que transportava comigo, vesti roupa lavada, arranjei-me um pouco e atirei-me em cima da cama, sentindo-me capaz de dormir um mês inteiro. Pensei nos acontecimentos dos últimos três dias e me deixei levar por sonhos de animais falantes e homens com marcas de ferro em brasa nos rostos.

Acordei ao meio-dia, transpirando e com calor. Tinha sonhado com um

falcão na minha janela. A criatura arranhava o vidro, tentando entrar. No meu sonho, deixei o pássaro entrar e ele me perseguiu pelo quarto, pousou em cima da minha cabeça e me arrancou porções de cabelo com as suas monstruosas garras. Enquanto me sentava na cama, toda molhada e pegajosa do calor e do horrível sonho, ouvi o som de arranhões, vindo das da janela. Ainda estaria dormindo ou já estava acordada? Cautelosamente, saí da cama.

Doía-me tudo e os meus pés pareciam estar caminhando numa cama de pregos.

Enquanto coxeava até a janela, percebi que o que quer que estivesse batendo e a arranhando as janelas, tentando entrar, era muito menor que um falcão, e corria rapidamente de um lado para o outro, do lado de fora. Só podia ser um tipo de animal: *Murphy*, o esquilo hiperativo que conhecera na floresta. Abri repentinamente a janela e ele caiu para o interior do quarto, saltitando de um lugar para o outro, farejando tudo e agitando a cauda de um lado para o outro.

— Mas que surpresa inesperada — disse eu.

Ele estava atrás da minha cama, entre o banheiro e a mesa-de-cabeceira, e tive de caminhar pelo quarto para encontrá-lo.

— Acho que seria melhor se nos mantivéssemos afastados da janela — disse *Murphy*. — Nunca se sabe quem poderá estar nos vigiando.

Deitei-me de barriga para baixo e me apoiei nos cotovelos. Era bom poder tirar o peso de cima dos pés. *Murphy* continuou ativo, correndo para baixo da cama, saltando de lá como um raio, aterrando em cima das minhas costas e depois correndo pelas minhas pernas abaixo e voltando a subir para as costas.

— *Murphy*, se conseguir se acalmar um pouco, eu tenho novidades.

— Que gênero de novidades? São boas ou más?

— Bem, para ser franca, acho que são majoritariamente más — respondi.

Os pinotes de *Murphy* transformaram-se em estremecimentos e safanões rápidos de um lado para o outro. Dada a sua natureza, acho que era mais difícil ficar quieto do que correr como um louco pelo quarto.

— Desembucha, então... Não vale a pena adiar o inevitável — disse ele, fechando os olhos com força e virando a cabeça ligeiramente para a esquerda, como se isso, de alguma forma, suavizasse o impacto do que eu estava prestes a dizer.

Meus cotovelos começavam a doer, portanto, deitei-me com o queixo apoiado nas mãos. Estava cara a cara com o esquilo, com apenas alguns milímetros entre nós e, sem qualquer motivo aparente, sussurrei quando falei.

— *Sam* e *Pepper* são traidores. Além disso, acho que alguns dos pássaros podem estar contra nós. Sei de pelo menos um falcão que está trabalhando para

Sebastian. Ainda não tive tempo de descobrir mais nada. Chegar ao meu quarto já foi uma aventura e tanto, e estive dormindo a maior parte do dia.

Quando os seus olhos se abriram novamente, *Murphy* parecia estar atordoado, e ficou quieto pela primeira vez desde que o conheci.

— Isso são más notícias mesmo, não são? Já suspeitávamos dos pássaros, mas *Sam* e *Pepper*? Mal posso acreditar!

— Pode acreditar — assegurei-lhe.

— *Ander* vai querer saber disto imediatamente — disse *Murphy*. — Suponho que devo ir lhe contar.

Preparava-se para partir, mas depois parou.

— Ah, quase me esqueci. Foi Yipes que me enviou. Pede desculpas por ter deixado cair a porta na sua cabeça. Fez bastante barulho ao cair e ele correu para se esconder entre as árvores, com medo de que alguém ou alguma coisa pudesse ouvir. Quando regressou, você já tinha ido embora. Ele vai ficar contente por saber que não ficou ferida.

Murphy correu rapidamente para a janela. Quando consegui colocar o meu amassado e dolorido corpo de joelhos, encostando-me à cama, ele já estava sentado no parapeito.

— Com que aspecto está a pedra? — perguntou.

— Não tenho olhado para ela, mas estamos falando um com o outro, portanto, acho que ainda deve estar bem.

— Se puder, é melhor ir espreitando de tantas em tantas horas — aconselhou *Murphy*. Mexia-se de um lado para o outro, olhando pela janela e depois para mim. — Vai ser uma pena se te perdermos. Mas talvez tenhamos sorte e o efeito não desapareça. — Com estas palavras e uma sacudida final da sua cauda, desapareceu.

Não fazia mal: eu ia ter uma tarde muito atarefada.

CAPÍTULO 16

PERVIS REGRESSA DE FÉRIAS

O meu primeiro encontro com quase todo mundo aconteceu na sala de jantar principal. Cheguei pouco antes do jantar e, como de costume, a sala borbulhava de atividade. Os criados traziam comida para o *buffet*: carnes, queijos, frutas frescas e vegetais. Muitas destas iguarias eram importadas de Ainsworth e estavam dispostas em linda porcelana branca. O meu pai foi o primeiro a me cumprimentar quando entrei na sala saltitando.

— Alexa! Como está a minha menina? Chegamos a apenas alguns minutos. — Abraçou-me e ergueu-me no ar, sussurrando-me ao ouvido. — Depois do jantar vamos ter uma conversinha.

Fiz um movimento afirmativo com a cabeça e endireitei a blusa quando ele me pôs no chão.

— Tem que ir mais vezes a Turlock: desperta o seu lado sentimental.

Meu pai contra-atacou.

— Estou apenas feliz por estar de volta para poder te dar toda a minha roupa suja para lavar. Já estava sem camisas lavadas.

— Que conversa fiada! Senti tanto a falta da nossa menina como nós. — Era Ganesh, que me puxou, encostando-me a ele, e esfregando-me a cabeça com os nós dos dedos da outra mão. — Na próxima, a levaremos conosco. Aconteceu alguma coisa excitante na nossa ausência? — Ganesh soltou-me e abaixou-se, apoiando-se num joelho, para ficarmos cara a cara.

— Andei pela cidade em busca de confusão, mas não os encontrei, por isso li um livro sobre um homem que se perdeu no nevoeiro.

Ganesh riu e olhou para Grayson.

— Que gênero de livros está aceitando na nossa biblioteca, hoje em dia? — Grayson respondeu apenas com um ronco e um encolher de ombros.

Dirigi-me à mesa da comida, que estava com ótimo aspecto. Agarrei num prato e enchi-o de pão quente, amoras e fatias de maçã. Grayson estava parado junto dos morangos, espetando-os um a um com um garfo minúsculo e metendo-os na boca.

— Quase não te vi enquanto o seu pai esteve fora — disse-me ele. — Pensando bem, não pus os olhos em você. — Olhou em volta da sala e depois

sussurrou-me: — Vamos manter isso entre nós, está bem? — Meteu outro morango na boca e continuou a falar enquanto mastigava. — Escute, passou pela biblioteca esta manhã? Tive um encontro muito estranho com os gatos, e alguém andava por lá mas fugiu.

— Não fui eu. Deve ter sido um dos estudantes lá de baixo, a te pregar uma peça ou tentando roubar livros — respondi. Estava ficando muito confortável para mentir a todo mundo e isso me incomodava. Haveria alguma altura em que era bom mentir? Sem saber em quem podia confiar, não podia propriamente contar a minha aventura, esperando que Sebastian não estivesse na sala. O meu pai, Ganesh, Grayson, Nicholas e Silas — estavam todos ali e não conseguia acreditar que algum deles fosse Sebastian. Só faltava Pervis.

— Onde está o Sr. Kotcher, o meu homem fardado preferido? — perguntei.

— Ainda está de férias em Lunenburg, visitando uns amigos. Está previsto voltar hoje à noite, por isso não fique muito entusiasmada — respondeu Nicholas, que estava mais bonito do que nunca.

— Espere só um minuto. Quer dizer que Pervis tem amigos? — perguntei.

— Parece que sim — riu Nicholas. — Longe da vista, perto do coração... ou seja lá o que for. Mexa-se, Grayson... gostaria de encontrar aí pelo menos um morango para enfeitar o meu prato.

Grayson continuou a espetar morangos com o seu garfinho, ignorando Nicholas por completo.

Sentamo-nos à mesa e comemos um belo jantar. Eu comi até não poder mais, a minha fome satisfeita pela primeira vez em vários dias. Tinha o corpo muito menos dolorido e as minhas forças começavam a voltar a níveis que podiam ser considerados normais.

Estava sentada ao lado de Silas, que se inclinou para o lado e me sussurrou ao ouvido:

— Tenho que te falar em particular, depois do jantar.

Assenti com a cabeça mas acrescentei:

— Primeiro o meu pai, depois, sou toda sua.

— Que tal uma partida de xadrez, depois do jantar, Alexa? — sugeriu Silas uns minutos mais tarde.

— Lamento, Silas, mas ela já me prometeu um passeio por Bridewell. Talvez depois disso — disse meu pai.

— Sim, gostaria muito. Mas o aviso que jogo bem. Meu pai e eu começamos a jogar quando eu tinha apenas três anos de idade.

— Bem, então talvez não se importe de jogar uma partida comigo um dia

destes, agora que voltei da visita aos meus amigos. — Era a voz untuosa e familiar de Pervis Kotcher, vinda da entrada da sala, da qual ele tinha se aproximado sem que ninguém desse por isso. Trazia um sorriso horrendo estampado no rosto e avançava para o *buffet* com passinhos alegres e irritantes. Era óbvio que estava bêbado. — Isto é, se está disposta a jogar a dinheiro. Só jogo xadrez quando está em causa alguma coisa de valor. Acho que confere uma dimensão completamente diferente a um passatempo aborrecido. — Pervis ia empilhando no prato carne e batatas suficientes para alimentar uma família de quatro elementos.

— Mas chega de falar desse jogo estúpido — continuou. — Vamos a temas mais importante, está bem? Como, por exemplo, a atitude que impera, hoje em dia, em Ainsworth, em relação a Bridewell. Andam ficando um pouco irritados por lá, não andam? — Pervis sentou-se em frente a meu pai, ao fundo da mesa, balançando-se para frente e para trás e usando o garfo para cutucar e espetar a comida enquanto continuava o seu discurso.

Ganesh interpôs:

— Pervis, não estamos sozinhos. Estou avisando...

— Está me avisando de quê? De que tenho de manter a boca fechada em relação à discórdia que você e os restantes idiotas que governam esta cidade causaram em Ainsworth? Não se fala de outra coisa em Lunenburg! As pessoas em Ainsworth estão prontas a arrasar com isto aqui e têm mão-de-obra suficiente para fazê-lo.

— Pervis! — gritou o meu pai, mas Pervis não parou.

— Com as coisas que sei, posso dar a Ainsworth as chaves da nossa amada Bridewell, portanto, é melhor comecem a me tratar com um pouco mais de respeito.

Ganesh levantou-se, a sua estatura suplantando em muito a de Pervis.

— Basta, Pervis. Acaba de transpor a linha para um lugar de onde não poderá regressar. — Seis guardas apareceram de uma das esquinas e foram posicionar-se dentro da sala; dois deles colocaram-se, um de cada lado, junto de Pervis.

— Ei, calma aí. Estava só brincando. Isto é ridículo! Eu posso ajudá-los a defender a cidade... posso mesmo... eu... — Dois dos guardas arrancaram Pervis da cadeira, contra sua vontade. Ele desatou aos pontapés, gritando obscenidades e atirando o prato ao ar. O prato deu voltas e voltas, atirando comida em todas as direções e depois estilhaçando-se contra o jarro, que estava em cima da mesa e continha água.

— Levem-no para uma cela de detenção e revistem seu quarto — ordenou meu pai. Dava a impressão que Pervis tinha ido longe demais mas, por

algum motivo, aquela cena parecia estar errada. É certo que Pervis tinha exagerado, mas não passava de um bobo embriagado que regressava de férias. Embora o seu comportamento tivesse sido baixo, até para ele, não se podia dizer que constituísse qualquer ameaça no seu estado atual. Talvez Ganesh e o meu pai estivessem de tal maneira fartos das suas provocações, que não suportaram outra explosão. Uma coisa estava certa: os animais tinham razão. A morte de Warvold tinha feito com que as coisas ficassem rapidamente fora de controle. Estava se formando um ciclone e Bridewell encontrava-se no seu centro.

Depois do ataque de loucura de Pervis durante o jantar, estava pronta para passear com o meu pai pela cidade e respirar um pouco de ar fresco, embora me sentisse estranhamente descontente pelo chefe dos nossos guardas estar bêbado e detido, enquanto o perigo rondava Bridewell. Se os condenados atacassem hoje, queria Pervis sóbrio e no alto da torre a berrar ordens aos seus homens. A não ser, é claro, que ele fosse Sebastian e, nesse caso, as coisas até estavam a correr bastante bem.

— O que foi aquilo? — iniciei a conversa, enquanto caminhávamos pelo calçamento de pedras, ao longo de uma das serpenteantes ruas secundárias de Bridewell.

— Já a algum tempo que falávamos em prendê-lo, Alexa. Tem andado verdadeiramente impossível, desde a morte de Warvold. Todos pensamos, quero dizer, Ganesh, Nicholas e eu, pensamos que uns dias longe daqui o acalmariam. Mas ter aparecido bêbado e enchido a sala com todos aqueles disparates foi a última gota. Vamos ter de arranjar uma maneira de passarmos sem ele.

— Não tenho pena nenhuma de Pervis, embora, com o chefe dos nossos guardas atrás das grades, fique um pouco preocupada com a nossa segurança. Especialmente se for verdade o que ele disse. — Odiava este homem mais do que qualquer outro e aqui estava eu, quase a defender a sua libertação! Era estranho como as circunstâncias começavam a alterar o que sentia em relação às pessoas.

— Ele está apenas tentando arranjar problemas. Não posso te contar muita coisa sobre as nossas negociações com Ainsworth. É verdade que as coisas têm andado um pouco tensas com eles. Após a morte de Warvold, têm tentado reivindicar mais controle, mas não é nada que não consigamos resolver. — Meu pai parecia confiante que tudo estava bem, contudo, dado aquilo que eu sabia, não me sentia nada confortável. Eu sabia que vinham problemas por aí, e problemas maiores do que ele poderia prever.

— Então, não se meteu em confusão durante a minha ausência? Não tentou pular a muralha?

Não confies em ninguém! Mas tratava-se do meu pai, como eu poderia

não confiar nele?

— Não arranji confusão, tal como me pediu — respondi. — Porém, agora que está de volta, preciso voltar a quebrar coisas. Tenho uma reputação a defender.

Meu pai parou e sorriu, enquanto esfregava o queixo. Parecia exausto devido às preocupações e a poucas horas de sono. Senti pena dele, algo que nunca tinha acontecido.

— Tenha cuidado, está bem? E não ande metendo o nariz onde sabe que não é chamada. Estamos de acordo?

— Vou fazer o possível. — Não era a resposta que ele queria, mas aceitou-a.

Ficamos de mãos dadas mais algum tempo e depois ele se dirigiu novamente para a Casa Renny.

Caminhei até o centro da cidade, onde ficava a praça principal. Pelo caminho, passei por três falcões que voavam em círculos, mais baixo do que de costume. Será que *Ander* os tinha enviado ou estariam em patrulha a mando de Sebastian? Fosse qual fosse o caso, era improvável que os pássaros conseguissem se comunicar com qualquer dos dois, portanto não me alarmaram muito. Conforme prometido, Silas estava à minha espera e não perdeu tempo, indo direto ao assunto.

— Alexa, obrigado por ter vindo — disse. Estava nervoso, irrequieto e sem saber como abordar o assunto que queria falar. — É o seguinte, Alexa... Já trabalho para o seu pai a algum tempo e admiro-o... a Ganesh e a Nicholas também. Acho que farão grandes coisas por todos nós. O que se passa é que não quero arranjar problemas com o seu pai, mas sinto que tenho uma obrigação para com ele. — Estava mesmo nervoso, olhando para baixo e em volta, em círculos, mal me olhando nos olhos.

— O que se passa, Silas? — perguntei.

Ele olhou para mim com os seus olhos castanhos e profundos, com as sobrancelhas franzidas e, saltava aos olhos, uma grande dificuldade em formular as palavras que precisava proferir.

— Estive com a sua mãe ontem, de manhã, quando estava entregando correio em Lathbury, e trouxe-lhe uma carta. Sabia que estava ansiosa por ter notícias dela, por isso queria encontrá-la o mais depressa possível. Procurei por toda a parte e até perguntei por você a Grayson, mas ele apenas encolheu os ombros e disse que devia andar bisbilhotando em algum lugar na Casa. Chamei o seu nome por toda a Casa e percorri quase todas as ruas da cidade, nas não consegui encontrá-la. Estava pensando em dizer ao seu pai, quando ele regressasse, que achava que você tinha desaparecido, mas espiei no seu quarto

esta manhã e lá estava você, dormindo profundamente. — Silas fez uma pausa, avançou para um banco e sentou-se. — Naturalmente, interrogo-me por onde andou.

Silas era uma pessoa bondosa e eu gostava muito dele. Era o que se podia considerar uma pessoa simples, mas não estúpida. Gostava de respostas simples para as complicações da vida e não estava habituado a qualquer tipo de confronto. Tinha percebido estas coisas nos breves encontros que tivera com ele e achei que o melhor seria usar o humor para lhe dar uma resposta que ele conseguisse suportar.

— Viajo sozinha e em segredo pois sou Alexa, a espiã de Bridewell — declamei na minha melhor voz cômica, mas ele não riu. Em vez disso, olhou-me furiosamente, o que me fez ficar inquieta quanto aos seus motivos. Tentei a tática seguinte.

— Pode ser difícil de compreender, mas Grayson e eu temos uma regra não escrita, que aplicamos quando meu pai viaja e eu fico em Bridewell. Ele finge que toma conta de mim e eu brinco à vontade de espiões. É um jogo, sabe? Pensei que Grayson o tinha enviado para me fazer sair do meu esconderijo. Ele já usou esse truque antes, mas parece que desta vez não o fez. Desculpe se o preocupei.

Silas pareceu ficar aliviado.

— Da próxima vez que eu te chamar e você me ouvir, faça-me o favor de não partir do princípio de que estou brincando.

— Combinado! E desculpe, mais uma vez — disse eu. Detestava ter que mentir para todo mundo, e acho que o novo pedido de desculpas foi mais para mim do que para Silas. Sabia que viria o dia em que todas as minhas mentiras seriam descobertas e, cada vez que mentia, sentia-me pior.

Conversamos durante mais algum tempo e depois Silas levantou-se e fez menção de ir embora.

— Ah, quase me esqueci — disse, metendo a mão no bolso do peito. — Aqui está a tal carta da sua mãe. — Entregou-me a carta e afastou-se, a leveza dos seus passos demonstrando claramente que tinha sido retirado um peso dos seus ombros.

Fiquei ali sentada mais um pouco, pensando, e revirando nos dedos a carta ainda fechada. Refleti em tudo o que tinha acabado de acontecer e não pude evitar pensar que a prisão de Pervis tinha sido muito repentina e talvez até errada. Fiquei surpreendida com este pensamento e com o seguinte também.

Tinha que ir visitá-lo.

CAPÍTULO 17

A PARTIDA DE XADREZ

A distração emocional que esperava de antemão que a carta da minha mãe criasse obrigou-me a metê-la no meu bolso traseiro sem abri-la. Comecei a caminhar em direção à Casa Renny, decidida a visitar Pervis, mas sem saber como esse encontro iria correr. Parei numa das salas de aula e peguei num tabuleiro de xadrez, de madeira, e num saco de couro que continha as peças.

As celas de detenção ficavam numa zona da Casa Renny que era escura e pouco convidativa. Contudo, isso tinha uma vantagem, que eu, naquele momento, achei refrescante: ficava debaixo do solo, no porão, e, como tal, era fresca. Mesmo agora, que começava a anoitecer em Bridewell, o ar úmido, debaixo da terra, era uma mudança bem-vinda em relação ao ar seco e poeirento da superfície. Fazia-me lembrar a sensação que tivera ao andar pelos túneis, o que, por sua vez, me recordou Yipes, *Darius*, e os outros. Dei por mim a sentir saudades.

Contornando a esquina que havia ao fundo do último degrau, detive-me um pouco e observei o que tinha à minha frente. Havia dois guardas: um junto da porta que conduzia às celas, e outro sentado a uma escrivaninha, ocupado com uns relatórios. Reconheci o homem que estava à escrivaninha, mas não o outro.

— Olá, Sr. Martin. A bastante tempo que não tinha serviço aqui embaixo. Como está o seu hóspede? — perguntei eu.

— O que faz aqui, Alexa? Isto não é um lugar próprio para ficar perambulando. Devia fazer as tuas explorações noutro lugar, principalmente devido à carga que aqui temos armazenada — disse o Sr. Martin. O homem que estava junto à porta permaneceu imóvel e em silêncio.

— Já passou a bebedeira? — perguntei. O homem que guardava a porta sorriu e depois deu uma risadinha.

— Digamos que tem passado muito tempo com a cabeça enfiada num balde — respondeu o guarda.

— Posso vê-lo? Ele gosta de jogar xadrez e achei que um joguinho o faria esquecer os seus problemas.

— Porque quer fazer com que o Sr. Kotcher se sinta melhor? Todo mundo sabe que se odeiam um ao outro — disse o Sr. Martin.

— Eu sei que ele é um bruto, só queria...

— Um momento! — interrompeu o Sr. Martin. Estava ofendido, tinha-se levantado da cadeira e estava apoiado na mesa com as duas mãos à sua frente. — Nós trabalhamos para ele portanto, como deve calcular, temos sentimentos contraditórios em relação ao que está acontecendo. Muita gente acha difícil lidar com ele e, às vezes, é bem verdade. Mas ele também tem as suas coisas boas, uma das quais é o amor inabalável que tem por Bridewell e tudo o que ela representa. Se ficarmos sem ele, perdemos um pouco da nossa segurança, especialmente se ele for embora e provocar confusão em Ainsworth. Lembre-se disso quando o seu pai correr com ele da cidade.

— Desculpe, Sr. Martin. No futuro, tentarei escolher melhor as palavras.

— A cada dia que passa, parece mais com um político falando — retorquiu o Sr. Martin.

— Então, posso vê-lo? Prometo não fazer nenhuma asneira — disse eu.

O Sr. Martin revirou os olhos.

— Está bem, vai lá... Mas comporte-se como deve ser. Se o que você quer é atormentá-lo ainda mais, não hesitarei em dar queixa ao seu pai.

— Sim, senhor.

— Deixe-a entrar, Raymond.

O guarda abriu a porta e o ar fresco escapou para o corredor, trazendo o odor sutil e adocicado de vômito, o suficiente para me causar náuseas. Mal entrei na zona das celas, o guarda bateu ruidosamente a porta atrás de mim.

A zona das celas era composta por quatro divisões com grades, duas de cada lado. O chão era duro, as celas continham catres, e as paredes frias, de pedra, estavam completamente despidas. As duas celas da parte de trás tinham pequenas janelas, no alto da parede mais afastada, que deixavam entrar uma luz fraca. As janelas mediam apenas uns trinta centímetros de diâmetro e tinham grades.

Ouvi um leve gemido vindo de uma das celas traseiras. Ao lado da porta estava um banco de três pernas e eu agarrei nele. Com um pouco de dificuldade, equilibrei o banco, o tabuleiro de xadrez e o saco das peças e me dirigi lentamente para o fundo da zona das celas. Três das celas estavam vazias e a quarta, do meu lado direito, na parte de trás, continha Pervis Kotcher, que estava com um aspecto medonho.

A princípio não me viu. Estava sentado à beirinha de um catre, virado para a parede da parte de trás da cela, balançando o corpo para trás e para frente e olhando fixamente para dentro de um balde que estava, certamente, cheio de algo terrivelmente nojento. Pousei o banco de três pernas ruidosamente e comecei a montar o tabuleiro a uns milímetros das grades da cela.

O som do banco batendo no chão teve um efeito interessante. Ao tentar virar-se rapidamente, Pervis torceu dolorosamente o pescoço. Era visível a dor excruciante que o movimento repentino da cabeça fizera disparar no seu crânio. No segundo seguinte, estava no chão, agarrado à cabeça, contorcendo-se de dor e resmungando algo sobre «aquela menina imbecil». Depois, rápido como um coelho, pôs-se novamente de joelhos agarrado ao balde, a fazer um barulho repugnante, que ecoava. A subida rápida do chão para a posição ajoelhada tinha-lhe, obviamente, causado nova dor lancinante na cabeça, pois, mal terminou de usar o balde, atirou-se de costas para o chão, gemendo baixinho.

— Olá, Pervis. Como tem passado? — perguntei, sem intenção de ser sarcástica mas percebendo, mal terminei de dizê-lo, que era assim que tinha soado.

Ele continuou a gemer durante mais alguns segundos; depois, voltou-se para mim e abriu os olhos com muito esforço.

— Seja o que for que queira, por favor volte mais tarde. Hoje não tenho paciência para te aturar.

— Na realidade, pensei que talvez gostasse de um pouco de companhia. Trouxe um tabuleiro de xadrez. Quer jogar? — Disse aquilo na minha voz mais exuberante o que, sem dúvida, deve tê-lo irritado ainda mais.

Pervis abriu a boca e começou a praguejar, mas depois pareceu pensar duas vezes.

Fechou os olhos, apoiou-se lentamente num cotovelo e encolheu-se de dor. Com a mão direita, agarrou no balde e empurrou-o pelo chão, fazendo uma chiadeira aguda e sacolejando o seu conteúdo. Cuspiu para dentro do balde, após o que iniciou a penosa tarefa de arrastar o corpo para fora da cama e pelo chão. Primeiro movia o braço que empurrava o balde para frente e depois puxava o resto do corpo atrás de si. Milímetro a milímetro, Pervis aproximou-se das grades enquanto eu preparava o tabuleiro. Quando finalmente chegou junto das grades, sentou-se lentamente, lançou uma enorme descarga para dentro do balde e perguntou calmamente:

— O que é que apostamos?

Sentada no banco, tinha uma visão perfeita do conteúdo do balde, portanto, optei por me sentar de pernas cruzadas, no chão úmido de terra. Para uma menina de doze anos, eu jogava xadrez maravilhosamente bem. Era um jogo que me assentava que nem uma luva. Pervis não seria o primeiro adulto que eu derrotava sem grande, ou mesmo nenhum, esforço.

— Engraçado, estava exatamente pensando nisso — respondi. — Se eu vencer, posso fazer-lhe cinco perguntas às quais terá que responder com honestidade, por sua honra. Se você vencer, eu farei o mesmo.

Com bastante esforço, ele respondeu:

— Que você pode saber que me possa interessar?

Lancei-lhe um olhar demorado e duro.

— Sei muita coisa — respondi.

Até certo ponto, deve ter acreditado em mim, e um sorriso pretensioso, típico de Pervis Kotcher, estampou-se no rosto. Estava com um aspecto um pouco melhor, embora possa ter sido apenas uma encenação para me enervar.

— Está bem. Vamos jogar. Por sua honra, resposta honesta a cinco perguntas — disse ele.

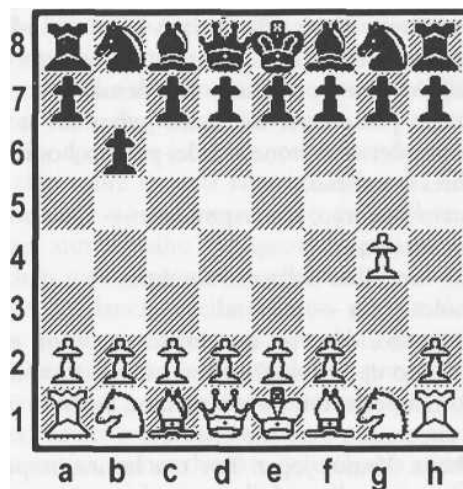
— Combinado.

Não havia muita coisa em Pervis Kotcher que me despertasse confiança. Na realidade, eu não confiava em quase nada. Era um oportunista desavergonhado, um líder fugidio para os seus homens e, provavelmente, a pessoa que pior agüentava a bebida que eu conhecia. Mas era sabido na povoação de Bridewell que as pessoas, mesmo as más, nunca hesitavam em dizer a verdade depois de terem dado a sua palavra. Sabendo disto, custava-me ainda mais mentir, mesmo que as minhas mentiras fossem por uma boa causa. Acreditava que Pervis me contaria a verdade, se eu tivesse a oportunidade de lhe fazer as cinco perguntas, pois era assim que as coisas funcionavam por aqui. De qualquer forma, era um risco que estava disposta a correr.

— Primeiro as brancas, que é o Pervis.

Pervis moveu o seu peão para a posição g4, uma jogada inicial insignificante, típica de um amador. Isto ia ser mais fácil do que eu pensara.

Movi o meu peão para b6, uma jogada de calma para tentar adivinhar a sua próxima jogada. O tabuleiro tinha agora o seguinte aspecto, jogando eu com as peças pretas e Pervis com as brancas.

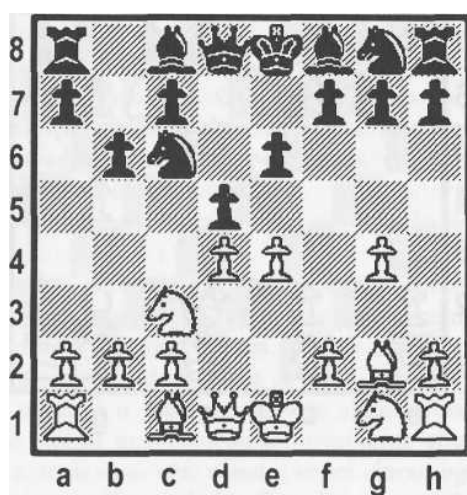


Uma das táticas que eu costumava usar era distrair os meus adversários com perguntas ou comentários inesperados.

— Nunca o tinha visto bêbado. Porquê esse desânimo todo?

— Lamento, nada de respostas honestas — nem de conversa — até me derrotar — disse Pervis. Pronto, ele estava concentrado, recusando-se a tomar parte nas minhas distraçõezinhas. Ótimo, assim acabaria mais rapidamente com ele.

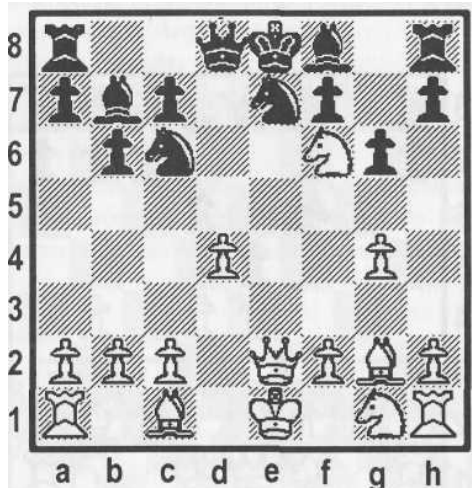
As três jogadas seguintes colocaram-me numa posição boa para começar a comer peças com o meu bispo e o cavalo do rei, e começava a perceber as táticas dele, por mais infantis que elas fossem. O tabuleiro estava agora assim:



Pelo visto, Pervis não tinha nenhum plano de ataque. Apenas defendia as minhas jogadas, enquanto esperava que eu mexesse uma peça importante (algo que eu nunca fazia logo de início). Infelizmente para Pervis, a estratégia de jogo dele estava deixando o seu rei desprotegido, no centro, e vulnerável ao ataque. Sim, isto estava indo bem. Nesta altura do jogo, tínhamos ambos jogado cinco vezes. Desafiei a mim mesma a acabar com ele em menos de vinte jogadas.

Pervis comeu-me o peão que tinha na casa d5 e eu contra-ataquei, usando outro peão para comer o dele em d5, ao que ele respondeu, comendo-me esse peão em d5 com um cavalo vindo da casa c3. Duas jogadas depois, Pervis moveu a rainha para e2, colocando-a diretamente em frente do seu rei. Que estranho. Ele estava tentando criar uma situação em que o meu rei ficaria imobilizado pelas minhas próprias peças. Ligeiramente perturbada, movi o meu cavalo para a casa g7.

Pervis moveu o seu cavalo para f6, deixando o tabuleiro assim:



— Xeque-mate — disse Pervis, atirando uma grande cuspidinha de expectoração para dentro do balde.

— Você me enganou! Se fez de idiota e eu fui na conversa! — Estava completamente incrédula e zangada. Ele me derrotara em apenas nove jogadas! Isso não acontecia desde os meus sete anos de idade.

— Aposto o dobro ou nada. Dez perguntas! — exclamei.

— Não, obrigado. Prefiro reclamar o que ganhei e ficar por aqui, se não me importa.

Dirigiu-se novamente para o catre, arrastando os pés e aquele balde nojento também. Após um esforço monumental, estava deitado de comprimento, com a cabeça em cima da almofada velha e suja que já devia estar ali a tanto tempo quanto a Casa Renny.

— O velho Grob, funciona sempre contra jogadores com excesso de confiança — disse o Pervis, com novo ar de satisfação na voz.

— O que é um Grob? Está me dizendo que trapaceou? — perguntei.

— Não. Teria sido muito mais difícil trapacear do que utilizar o Grob — disse Pervis. Estava novamente apoiado sobre um cotovelo e parecia se sentir melhor. — A abertura do jogo com um Grob começa com a jogada de um peão para a casa g4 — continuou ele. — Muitos jogadores não sonhariam em fazer uma primeira jogada tão chocante, num jogo sério de xadrez. Destrói a estrutura dos peões do rei com um flanco avançado desprotegido. Mas, como viu, oferece muitas hipóteses táticas por caminhos pouco usuais. Comecei a utilizar o Grob como meio de aperfeiçoar a minha destreza tática, mas depois descobri que os meus adversários mais poderosos, em Lunenburg, se deixavam levar repetidamente por ele.

Tinha me enganado totalmente em relação à sua perícia para jogar xadrez.

— O Grob — continuou ele — é uma excelente arma-surpresa contra bons jogadores que conhecem e esperam todas as aberturas de jogo usuais. Joguei um campeonato de Grob contra um jogador classe A no Clube de Xadrez de Lunenburg e venci o jogo em apenas algumas jogadas. Horrorizado, ele exigiu que eu jogasse novamente aquela abertura feia. Joguei e, mais uma vez, venci... venci cinco jogos seguidos. O Grob venceu cada um dos jogos, para horror do meu estupefato adversário.

Pervis sentou-se com dificuldade, visivelmente encorajado pela pura satisfação de ter me infligido uma derrota tão pesada. Estranhamente, sentia um novo respeito por ele. Era, tornara-se óbvio agora, inteligente e muito bom num jogo no qual, para se ser bom jogador, uma pessoa necessita de astúcia e perícia.

— Vejamos, a primeira pergunta tem que ser bem esclarecedora... algo que estabeleça o padrão das restantes... O que acha? — perguntou ele. Esfregou os poucos pêlos que tinha no queixo praticamente inexistente, cuspiu dentro do balde, que estava agora no chão, entre as suas pernas, e olhou para mim com um grande sorriso sarcástico estampado no rosto.

— Já beijou um rapaz alguma vez?

Olhei para ele com total falta de respeito.

— Tenho doze anos, Pervis. É *claro* que já beijei um rapaz — disse-o com um ar indignado, apesar de não ser verdade.

— Tal como disse anteriormente — disse Pervis um pouco corado. — Não consigo imaginar que saiba alguma coisa que eu já não saiba já que queira saber.

Ele passou as mãos pelo cabelo sujo, esfregou a parte de trás do pescoço e depois olhou para mim.

— Está bem, já tenho uma pergunta — disse. Preparei-me para qualquer idéia nojenta que ele pudesse ter. Imaginei que pudesse me perguntar se já tinha comido as cacas do nariz, chupado o dedão do pé ou cheirado os sovacos... A resposta a essas perguntas todas seria «sim».

— Naquela noite, quando Warvold morreu, estive lá fora muito tempo. Agora diga-me, por sua honra, o que aconteceu de fato?

Pensei seriamente em mentir, mas algo me impediu de fazê-lo e não acho que tivesse sido a minha honestidade inquebrantável. Houve outra coisa completamente diferente que me levou a contar a verdade. Talvez fossem os primeiros sinais de desespero por estar tudo ficando fora de controle à minha volta.

— Ele morreu — comecei. — Quando dei por isso, ele já estava morto há um tempo. Fiquei perturbada por ter estado sentada no escuro com o seu corpo sem vida, mas consegui me controlar. Pouco tempo depois de ter

descoberto que ele estava morto, corri para a Casa Renny, mas não sem antes abrir o seu medalhão e tirar a chave prateada que estava lá dentro.

— Eu sabia! Eu sabia que estava mentindo sobre essa noite!

— Eu não menti... Apenas omiti certos fatos. Só estou lhe contando isto porque preciso da sua ajuda, e porque, por algum motivo, ou confio em você ou acho que é muito obtuso para ser a pessoa que procuro — contra-ataquei.

— Que quer dizer com «pessoa que procuro»? Que significa isso?

— Essa é uma das suas perguntas? — indaguei.

Pervis mordeu o lábio e levou um pouco a responder.

— É, é uma das minhas perguntas — respondeu finalmente.

— Nesse caso, ando à procura de um homem chamado Sebastian.

— Quem é Sebastian? — Pervis estava obviamente confuso. Das duas uma, ou era um ator muito talentoso, mesmo após uma noite de bebedeira ou, dada a sua aparente ignorância, estava se transformando rapidamente em alguém em quem eu podia confiar.

— E essa? Essa é uma das suas perguntas?

— Não, não... Espere, não é essa a minha pergunta.

Após um momento de hesitação incômoda, ele disse timidamente:

— Pronto, está bem. É a minha pergunta.

— Sebastian é, tanto quanto sei, um condenado evadido, que está se fazendo passar por cidadão de Bridewell — disse, como se não fosse nada.

Depois de um momento de reflexão sobre o que eu tinha dito, Pervis perguntou:

— Com que então acha que isto é uma brincadeira, vir aqui embaixo e inventar histórias para me atormentar. É isso?

— Essa é a sua última pergunta? — perguntei.

— Não! E pare de fazer isso! — Agora estava aos berros, com bastante dificuldade em controlar-se. Fiquei satisfeita pela cela ter grades, visto que não sabia o que Pervis seria capaz de fazer se pudesse me colocar as mãos.

— Está tudo bem aí dentro? — Era o guarda que estava lá fora, que tinha aberto a porta uns centímetros e espreitava para dentro da divisão.

— Está tudo bem. O Pervis está só nervoso por eu o ter derrotado no jogo de xadrez. Dê-me mais uns minutos, por favor?

— Só mais um pouco. Temos de mudá-lo para outro lugar para limparmos essa cela — disse o guarda, fechando a porta com uma expressão contrafeita no rosto.

Pervis estava pensando a todo o vapor, tentando registrar as perguntas que poderia fazer-me e tentando decidir se eu estava contando a verdade ou simplesmente tentando pô-lo maluco. Acho que a bebida tinha lhe afetado

bastante a capacidade de processamento mental, pois ficou ali sentado falando baixinho, sozinho, durante muito tempo.

Passado algum tempo, empurrou o balde com o pé, para desviá-lo do caminho, e olhou para mim.

— Se o que está dizendo é verdade, quero que escute com atenção. Pode não gostar muito de mim e, para dizer a verdade, eu nunca tive muito boa opinião acerca de ti. És pequena, esperta e fogosa, e é exatamente isso que eu era quando tinha a sua idade. — Com uma expressão irritada a transparecer-lhe no rosto, fez uma pausa, segurou o estômago com as mãos e deu um monumental arroto gorgolejante.

— Sabe o que acontece a uma criança pequena, cheia de energia que não tem dinheiro, esperança no futuro nem conhecimentos importantes? — continuou, limpando a boca com um antebraço.

— És espancada. Primeiro por um pai alcoólatra, e depois, vivendo na rua, por crianças mais velhas. E, a certa altura, é a própria vida que começa a maltratar essa criança, que não tarda a ficar amarga, enfurecida, disposta a fazer qualquer coisa para ganhar o respeito dos outros. E quem acha que essa criança, quando cresce, odeia mais do que a qualquer outra pessoa? É claro que é a jovem que se parece com ele, mas que tem dinheiro, pais poderosos e todas as oportunidades do mundo. A essa jovem tudo é entregue de bandeja e isso é demais para um homem conseguir ultrapassar.

Pervis levantou-se e dirigiu-se para junto das grades, segurando-se a elas com as duas mãos para conseguir se manter de pé.

— Isto é tão sossegado quando você não está aqui, Alexa. A cada Verão que passa, torna-se mais difícil disfarçar os meus sentimentos e aumenta a minha fúria. Talvez eu não queira mesmo ver algo de bom em você. A verdade é que já não tinha férias há vinte anos e há mais tempo ainda que não me embebedava. A idéia de voltar para Bridewell e ter que enfrentar mais três semanas contigo e com os outros, foi muito para mim. — Pervis escorregou e, por um terrível momento, pensei que ia cair no chão sem sentidos, mas consegui segurar-se a tempo e puxou-se a muito custo para cima, apoiando-se pesadamente nas grades para se sustentar.

Continuou falando, apesar de estar prestes a perder os sentidos.

— Se o que diz é verdade, então veja se compreende isto, Alexa: eu posso proteger a cidade melhor do que qualquer outra pessoa. Dediquei a minha vida toda a isso e, acredite, sou a pessoa certa para fazê-lo. Portanto, se está interessada na minha ajuda e está dizendo a verdade, aqui vai a minha última pergunta... — Consegue me tirar daqui?

— Não sei — respondi, e foi então que contei tudo a Pervis Kotcher.

CAPÍTULO 18

UMA MISSÃO NOTURNA NA BIBLIOTECA

Depois de deixar a zona das celas, fui para o meu quarto. A noite tinha caído sobre Bridewell enquanto eu falava com Pervis, e uma lua cheia subia no céu. Tirei a minha Jocasta da sua bolsa de couro. Pulsava como um pequeno coração cor de esmeralda... com a mesma intensidade que tinha da última vez que olhara para ela. Estava ansiosa para falar com os animais e perguntei a mim mesma se a pedra perderia mais rapidamente o seu efeito se eu não falasse com eles durante algum tempo. Haveria mais animais por ali, sem ser aqueles gatos traidores?

— Acho que fez bem ter confiado em Pervis. — A voz vinha da janela.

— *Murphy!* — gritei.

— Sim, minha senhora, sou eu, de volta com notícias da floresta — disse, saltando do parapeito da janela, atravessando o chão a correr e pulando para o meu colo, como uma bola de pêlo apanhada numa ventania.

— Como é que sabe sobre Pervis? — perguntei.

— Estive lá o tempo todo, observando tudo pela janelinha. Merece um prêmio por ter agüentado ficar ali embaixo durante tanto tempo. O fedor que vinha daquele lugar me obrigou a fugir várias vezes em busca de ar fresco.

— É um autêntico anjo-da-guarda, não é *Murphy*?

— Na verdade, o anjo-da-guarda é o Yipes. Ele é que está sempre me mandando velar por você. Continua preocupado com a sua segurança.

— Como ele está?

— Está ótimo, e está mais perto do que possa imaginar, pois encontra-se escondido nas sombras, junto à muralha. Montamos uma cadeia de comunicação que começa comigo, passa por Yipes, depois por *Darius*, por *Malcolm* e alguns dos outros da floresta, que você conheceu, e finalmente chega a *Ander* e ao Conselho. Depois as mensagens voltam pela linha acima, até Yipes, a mim e agora a você. — A cauda de *Murphy* agitava-se para frente e para trás. Correu rapidamente até a porta, onde se pôs à escuta, depois de volta para o parapeito da janela e, finalmente, até o banheiro que separava o quarto do meu pai do meu. Poucos segundos depois, estava novamente no meu colo.

— Tenho uma mensagem de *Ander* — disse ele. — Ficou surpreso por saber sobre *Sam* e *Pepper*, mas como estão domesticados, ele compreende

que possa ter acontecido. Afinal, dependem dos humanos para comer e beber. Quanto aos falcões, *Ander* acha que aquele que você viu pode ser um caso isolado e que os outros ainda podem estar do nosso lado. Ele pergunta se sabe de alguém em Bridewell que possa ter um falcão como animal de estimação.

Pensei em todo mundo que eu conhecia e que poderia ter um falcão em Bridewell, mas não descobri ninguém. Além de Yipes, nunca tinha tido conhecimento de que alguém tivesse um falcão como animal de estimação, muito menos alguém por aquelas bandas.

— Lamento *Murphy*, não sei de ninguém que tenha um bicho de estimação desses. *Ander* disse mais alguma coisa?

— Só uma: «Estamos ficando sem tempo, portanto, apresse-se.» São palavras dele, não minhas. Eu acho que está fazendo um trabalho esplêndido, embora tenha que admitir que as coisas parecem estar indo muito devagar, não acha?

— Tenho uma idéia que talvez ajude a acelerar as coisas, mas vou precisar da sua ajuda — disse eu.

— Mas é claro! Tenho todo o prazer em ajudar no que for preciso.

Passei alguns minutos a contar-lhe os detalhes do meu plano e depois partimos em direção à biblioteca. O primeiro ponto na ordem de trabalhos seria entrarmos na biblioteca que estava trancada. Há uns anos tinham acrescentado uma portinhola para gatos na parede, do lado esquerdo das portas duplas que davam acesso à biblioteca. Nenhum humano conseguia passar pela abertura, com a sua aba de madeira articulada, mas *Murphy* não teria qualquer dificuldade em passar por um lugar que para ele seria largo.

Eram apenas dez horas da noite, por isso ainda havia gente por todos os cantos da Casa Renny. A sala de fumo estava cheia dos seus usuais freqüentadores tardios e conseguia ouvir os cozinheiros a limparem a cozinha e a prepararem as coisas para a manhã seguinte. *Murphy* desceu furtivamente as escadas a meu lado, olhando para todos os lados, as suas patinhas leves fazendo um ruído muito suave, como pequenas pedrinhas caindo na areia. O único ruído audível que fizemos até chegar às portas duplas foi o ocasional ranger de um ou outro degrau, causado pelo meu grande peso, comparativamente com o de *Murphy*.

— Ali está o postigo — sussurrei. — Lembre-se: não faça barulho. Rode o trinco da porta devagarinho, caso contrário, ele dará um estalido alto quando abrir.

Murphy não disse nada, enquanto examinava a portinhola. Com a sua minúscula pata dianteira, empurrou levemente a aba de madeira e depois deixou-a balançar de volta ao lugar. Não se ouviu o som de roçar nos cantos, nem se

ouviram as dobradiças chiando. A aba balançou livre e silenciosamente. Empurrando a aba com a cabeça, *Murphy* entrou pela abertura, baixando-a lentamente do outro lado com a sua longa cauda. Mal ouvi ruído quando ele saltou para a maçaneta da porta, equilibrando-se nas patas traseiras, e rodou o trinco lentamente. Este fez um *clique* quando abriu, como o som de uma casca de amendoim a ser esmagada entre um polegar e um nó de dedo.

Tinha dito a *Murphy* que não saltasse da maçaneta porque achei que o barulho que faria ao pousar no chão poderia acordar os gatos. Ele estaria pacientemente à espera, equilibrando-se na maçaneta, do outro lado da porta. Rodei a maçaneta devagar, ouvindo os minúsculos mecanismos no seu interior se mexerem. Não conseguia ver *Murphy*, mas imaginei que parecesse um palhaço de circo caminhando em cima de uma grande bola, as suas patinhas rápidas dando pequenos pulos, enquanto a maçaneta girava e tornava a girar debaixo dele.

Finalmente, a porta se abriu e eu meti a mão do outro lado para agarrar *Murphy* pelo tronco surpreendentemente ossudo. Debaixo daquele pêlo todo, era mais magro do que eu pensava, e não era, certamente, adversário para *Sam* nem para *Pepper*, quanto mais para os dois juntos. Pousei-o no chão e fechei a porta atrás de mim.

A biblioteca ficava no terceiro piso e tinha chão de madeira. Era inevitável fazer ranger o chão ao andar, portanto, *Murphy* teria que tratar da caçada. Era suficientemente leve para não fazer barulho ao caminhar pelos corredores para encontrar o que nós pretendíamos. Eu teria que ficar ali pacientemente à espera, enquanto *Murphy* encontrava *Pepper*, de preferência dormindo, e lhe cortava a medalha do pescoço. Isto não seria tarefa fácil. A medalha estava pendurada numa coleira grossa de couro, com uma argola sólida de ouro. A sua única hipótese seria cortar a coleira de couro e fazer deslizar a argola, correndo depois para a portinhola dos gatos com ela e a medalha entre os dentes, sendo perseguido por dois felinos assanhados e de garras de fora. Teria de ser uma operação rápida: *cortar, agarrar e correr*. Era a única maneira.

Fiz um sinal a *Murphy* e ele se afastou em direção ao escritório de Grayson. Estava mais escuro na biblioteca do que eu esperava e perdi *Murphy* nas sombras, quase imediatamente. Os segundos transformaram-se em minutos enquanto esperava. Finalmente, *Murphy* regressou com notícias.

Peguei nele e aproximei-o do ouvido.

— Encontrei os dois enrolados um no outro numa cadeira — sussurrou ele. — Não há sinal de qualquer falcão do lado de fora da janela. Com esta luz, é difícil dizer qual dos gatos é o *Sam* e qual é o *Pepper*. Sei que o *Pepper* é mais escuro mas, fora isso, são quase iguais.

— Não conheço mais nenhuma marca — respondi num murmúrio. — Se não tiver certeza, corte a medalha que for mais fácil pôr a mão e fuja.

Coloquei *Murphy* no chão e meti a mão no bolso à procura do utensílio que tinha fabricado para ele. Era um pequeno cubo de madeira. Com bastante esforço — partira a lâmina menor do meu canivete — tinha feito uma pequena ranhura no cubo e encaixado a extremidade mais grossa da lâmina na madeira. Peguei no cortador de couro improvisado e coloquei o cubo de madeira na boca de *Murphy*. Ele fincou-lhe os dentes com força e eu rocei a manga da minha camisa no gume afiado da lâmina, no momento em que ele levantava a cabeça. A lâmina rasgou a camisa de um lado ao outro.

— Se não conseguir chegar à medalha, mantenha a lâmina na boca. É a única proteção que tem contra os gatos — disse baixinho. *Murphy* se virou e desapareceu, engolido pela escuridão. Fiquei imediatamente arrependida de tê-lo enviado naquela missão.

Os minutos passaram e eu ouvi vozes à distância, eco de risos, o ruído feito por uma caçarola ou panela a ser colocada dentro de uma pia. Água a correr. Nisto, ouvi um guincho sobrenatural de um dos gatos, som este que não consegui traduzir em palavras. Receava por *Murphy* e temi que a minha capacidade de entender os animais já tivesse começado a desaparecer. Sem pensar no que fazia, levei a mão à bolsa de couro que trazia em volta do pescoço com a pedra, e apertei-a com força.

As vozes regressaram.

— Agarre-o! Ele tem a medalha! Mate-o!

Estava na hora de eu me mexer. Abri a porta e regressei ao corredor, fechei-a firmemente atrás de mim e puxei a aba da portinhola dos gatos na minha direção. Durante esse tempo todo, ouvia uma mistura de guinchos e palavras e garras batendo no chão de madeira. Pus-me de gatinhas e encostei a cabeça ao chão para poder espreitar pela pequena abertura. Continuava sem ter sinal de *Murphy* na escuridão.

Os ruídos estavam agora muito mais próximos.

— *Miiiiiaaauu!* Não o deixe escapar!

Um minuto depois, tive que me desviar do caminho pois uma bola deslizante de pêlo disparou pela portinhola. Era *Murphy*, com a argola entre os dentes e a medalha balançando nela. Mal ele tinha passado, deixei cair a porta de vaivém e sentei-me bem na frente. *Murphy* tentou brear, mas continuou deslizando pelo chão encerado. Chocou-se com a parede em frente da biblioteca, fazendo um ruído seco; a argola de ouro soltou-se dos seus dentes e voou pelo ar, caindo com um tinido agudo entre nós dois. O gato que encabeçava a perseguição chocou-se na porta, atrás de mim. O segundo caiu por cima dele e

gritou do interior da biblioteca. Era *Sam*, e gritava:

— Afaste-se da porta! Quem é você? Devolva a medalha! — Fez também outros comentários desagradáveis que ecoaram no ar.

Murphy recuperou os sentidos no exato momento em que se ouviram passos que começavam a subir a escada, vindos do andar de baixo.

— Oh, não! — sussurrei. — *Murphy!* Levante-se, *Murphy!*

Mantendo a aba fechada com uma mão, tirei o canivete do bolso com a outra e abri a lâmina maior com os dentes. Os gatos arranhavam e empurravam a aba, guinchando o tempo todo.

Empurrei a aba com toda a força que tinha, lançando-os para trás pelo ar. Com um golpe forte cravei o canivete no batente da pequena portinhola. A aba desceu e embateu na lâmina, deixando os gatos presos na biblioteca.

Os passos que se aproximavam já estavam quase em cima de nós. Corri até *Murphy*, agarrei na medalha, peguei o esquilo no colo e atirei-o pelo corredor que conduzia ao meu quarto, onde bateu com uma pancada seca. Depois virei-me para enfrentar os passos que dobravam a esquina.

Era Althia, uma das cozinheiras, segurando uma frigideira numa das mãos e com ar de quem ia me dar com ela na cabeça.

— Alexa! — gritou ela. — O que anda fazendo aqui a esta hora da noite, no meio desta algazarra toda? Quase me matou de susto!

— Desculpe, Althia, desculpe. — Precisava fazê-la voltar para a cozinha para poder ir ver como *Murphy* estava, mas os gatos continuavam a guinchar e a arranhar a porta, tentando sair.

— Os gatos estavam fazendo um barulho terrível, por isso vim aqui ver o que se passava — expliquei. — Parece que Grayson os deixou fechados e eles querem sair. Amanhã digo-lhe para verificar a portinhola deles. Parece estar bloqueada, provavelmente por uma pilha de livros velhos ou coisa parecida. — Na luz fraca que iluminava o corredor, coloquei-me entre Althia e a portinhola dos gatos e ela pareceu acreditar em mim.

— Ainda bem que era apenas você — disse com algum alívio. — Vou voltar para o meu *soufflé* antes que ele baixe. É melhor voltar para o seu quarto.

Dito isto, desceu as escadas resmungando algo sobre os gatos e agitando a frigideira no ar.

Fiquei ali no corredor durante um momento, atordoada, abanando a cabeça e revivendo a cena, rezando para que Althia não voltasse atrás para fazer mais perguntas. Depois avancei rapidamente pelo corredor, cujo assoalho rangia, para encontrar *Murphy* e voltar para meu quarto. Fiquei horrorizada ao ver que ele continuava sem sentidos, tinha a respiração entrecortada e sangrava de um golpe feio, na parte da frente da cabeça. Peguei nele com cuidado e fui para o

meu quarto, praguejando comigo mesma por tê-lo feito entrar na biblioteca com aqueles terríveis gatos.

CAPÍTULO 19

A CARTA DA MINHA MÃE

Fui ao banheiro buscar uma toalhinha molhada. *Murphy* estava deitado na minha cama, tremendo e com espasmos, como se tivesse a cabeça cheia de sonhos em que tentava se defender de gatos enfurecidos. Limpei-lhe o ferimento e o pêlo em volta dos olhos e nariz, que estava sujo de sangue. O que mais me preocupava era o enorme galo que encontrei na testa. Ou era resultado do choque contra a parede depois da perseguição, ou, Deus quisesse que não, da queda quando o atirei para o patamar.

Enquanto *Murphy* jazia imóvel, meti a mão no bolso e tirei de lá a medalha e a argola de ouro. Tal como a medalha que *Sam* trazia ao pescoço, esta tinha um desenho lindo gravado na superfície. Esperava que a Jocasta escondida sob o desenho me desse a ajuda de que eu precisava desesperadamente. Levantei o tapete que tinha debaixo da minha cama. Debaixo dele havia uma tábua de assoalho solta, que eu fiz saltar. Era nesse pequeno espaço debaixo da tábua que eu guardava as minhas ferramentas, a chave prateada de Warvold, o seu livro preferido, o telescópio quebrado da minha mãe, e a lupa de tipógrafo com a lente danificada.

Retirei a lupa de tipógrafo e tapei novamente o buraco com a tábua e o tapete. Quando me levantei, *Murphy* estava sentado, muito ereto, lambendo uma das patas.

— Ainda bem que está melhor! — Coloquei-lhe a mão na cabeça e, suavemente, fiz-lhe uma festa.

— Não podia estar melhor! Já não vivia uma aventura assim desde que um coio me perseguiu até eu me refugiar numa árvore, um mês atrás. Tenho uma dor de cabeça, mas estou inteiro — respondeu ele.

Estava contentíssima por vê-lo de pé.

— O que aconteceu? Conte-me tudo — pedi.

— Bem, deixe-me pensar... Estava escuro e, a princípio, não sabia bem o que fazer. Depois decidi que o melhor era enrolar as minhas patas de trás em volta do pescoço de *Pepper* e sentar-me em cima da sua cabeça, tudo num movimento rápido, e depois cortar a coleira, agarrar na argola de ouro e voar para a porta. — Enquanto falava, comportava-se de forma dramática, apoiado

nas patas de trás. — Mal lhe pulei em cima da cabeça, ele começou a gritar e a espernear por tudo quanto era lugar. Eu voava pela divisão a uma velocidade tal que só por sorte consegui me agarrar. Cortei a coleira, o que fez com que a argola e a medalha fossem atiradas pelo chão, até o corredor. Infelizmente, também piquei o pescoço do gato e ele dobrou a cabeça para trás com tanta força que eu fui projetado pelo ar como uma boneca de trapos. Houve uma enorme confusão quando aterrei, mas era eu que estava mais perto da medalha. Corri até ela, agarrei na argola de ouro com os dentes e larguei a correr até à porta, com os dois gatos atrás de mim.

— Espantoso! — exclamei. *Murphy* estava radiante, o orgulho de uma batalha mítica rodeava-o como uma auréola. A história não precisava ser acrescentada: era, só por si, uma lenda de primeira categoria e tive a sensação de que *Murphy* a iria contar aos filhos e netos durante os anos vindouros.

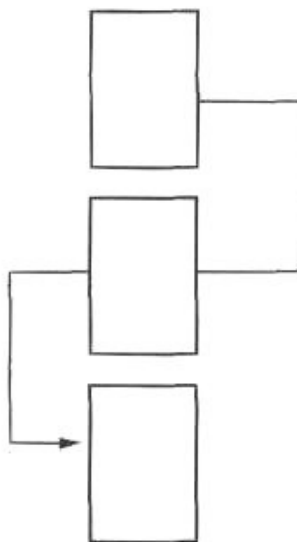
— E conseguiu trazer a medalha certa, a do *Pepper*. Lutava como um louco, quando o fechei na biblioteca — disse eu.

Peguei na lupa de tipógrafo e encostei-a na medalha. O que eu vi ondulava como um caleidoscópio em todas as direções. A lente partida faria com que fosse mais difícil ler a *Jocasta*. Endireitei a cabeça, inspecionei a lente e identifiquei o pedaço maior, que não estava perdido. Depois ajoelhei-me no chão e tirei a lente partida do seu aro de metal, espalhando os pedacinhos de vidro no chão. Peguei no pedaço maior do que restava da lente, mais ou menos um quarto da lente completa, e voltei a sentar-me na cama.

— Acha que vai funcionar? — perguntou *Murphy*.

— Acho que sim, mas pode demorar algum tempo até conseguirmos ver tudo — respondi.

No final das contas, tratava-se de uma *Jocasta* muito simples, constituída por um diagrama de três caixas. Duas das caixas tinham uma linha a uni-las; a terceira não estava ligada às restantes. A ponta da linha terminava numa seta, que apontava para a terceira caixa. O desenho era o seguinte:



Copiei o diagrama para um pedaço de papel e apanhei os vidros do chão. *Murphy* e eu estudamos o diagrama durante uns minutos, mas sem qualquer idéia do que poderia significar.

Finalmente, *Murphy* disse:

— Desculpe *Alexa*, mas tenho que ir informar *Yipes* do que se passou. Deve estar preocupado por eu ainda não ter regressado e *Ander* deve estar à espera para saber em que pé estão as coisas. — Com isto, saltou da cama, atravessou o chão a correr e pulou para o parapeito da janela. — Que tal se eu exagerar um pouco os nossos progressos?

— Por mim, tudo bem — respondi. — Embora, tanto quanto saiba, tenha chegado a um beco sem saída, e não faça idéia do que deva tentar a seguir. Esta *Jocasta* era a minha grande esperança, e foi uma desilusão. Desculpe tê-lo feito enfrentar todo aquele perigo por nada.

— Não se preocupe. Diverti-me muito. Sou um herói de guerra; quando isto terminar, provavelmente vão condecorar-me e oferecer-me um desfile. Que mais um esquilo poderia desejar?

Murphy saiu correndo pela janela e eu fiquei sozinha com os meus pensamentos na parte mais profunda da noite. Já passava da uma hora da manhã e estava completamente exausta. Reclinei-me na cama e senti um chumaço no meu bolso de trás. Era a carta da minha mãe, e aquela era uma hora tão boa como qualquer outra para lê-la. Com um pouco de sorte, talvez me ajudasse a adormecer.

Alexa,

Obrigada pela carta. Tenho muitas saudades de você e do seu pai e umas

linhas, por poucas que sejam, fazem-me sentir mais próxima de vocês. As margaridas estão abrindo por toda a cidade e o quintal está cheio de tomates. Eu disse ao seu pai para não plantar tantos, mas ele não me deu ouvidos. Agora eu ando, de três em três dias, indo na casa dos vizinhos oferecendo tomates, e comendo-os ao café-da-manhã, almoço e jantar. Não interessa quantos eu coma ou ofereça, no dia seguinte há mais por lá. Dê um recado meu ao seu pai: eu te avisei!

Fiquei com pena que tenha levado o meu telescópio para Bridewell. É difícil discipliná-la à distância, mas pode estar certa de que vou te pôr para arrancar os tomateiros do quintal quando chegar em casa. Entendo que a tentação tenha sido grande, mas tem que aprender a fazer escolhas melhores. O telescópio foi uma prenda de Renny Warvold. É a única recordação que guardo dela, portanto tenho um afeto especial por ele. Tenha cuidado com ele e traga-o de volta. Depois mando consertar a lente e pode pagá-lo fazendo uns trabalhos aqui em casa.

Como tem estado o tempo em Bridewell? Tenho certeza que está quente, como sempre. O Rio Roland está ainda mais cheio este ano e refresca Lathbury ao fim da tarde.

Escreva mais vezes! Espero ver-te e a seu pai em breve.

*Beijinhos,
Mãe*

O lindo e ornamentado telescópio. Mal soube que tinha sido uma prenda de Renny, comecei a ver as coisas por outra luz. Talvez as três caixas da medalha de *Pepper* fossem as três partes do telescópio. As imagens gravadas nas primeiras duas talvez fossem iguais ao que quer que fosse que estivesse gravado na terceira. Saltei da cama e corri para a janela, onde olhei para todos os lados à procura de *Murphy*, rezando para que ainda conseguisse apanhá-lo. Mas ele já tinha desaparecido há muito.

Regressei ao meu esconderijo, afastei o tapete e a tábua do assoalho e, com as mãos a tremer, peguei no telescópio quebrado e voltei para a cama. Desdobrei as partes do telescópio, expondo todos os maravilhosos padrões de cornucópias que decoravam os tubos. Cada parte do telescópio parecia uma vibrante floresta de cor, e a tarefa de encontrar as jocastas escondidas parecia impossível, principalmente porque eu só tinha um pedaço de lente de aumento com que trabalhar. Comecei a observar o grande tubo exterior através do estilhaço de lente e depressa me apercebi de que levaria horas a inspecionar só essa parte. Já estava tão cansada que mal conseguia manter os olhos abertos.

Dirigi-me ao banheiro e escutei o ressonar regular do meu pai, que

enchia a noite, um ressonar gracioso, não muito alto e quase relaxante. Molhei o rosto e o pescoço com água da bacia, na esperança de que a água fria me despertasse. Depois voltei para a cama e comecei novamente a estudar o telescópio.

Era inútil. A velocidade com que eu avançava, levaria vários dias a encontrar as jocastas escondidas e já estava a cabecear, apesar do esforço que fazia para me manter acordada; em breve desfaleceria de exaustão e acordaria com *Sam* em cima do meu rosto e Sebastian de pé, junto à minha cama, empunhando uma marreta. Levantei a cabeça e esfreguei os olhos. Tinha de haver outra maneira. Já eram duas horas da manhã e eu não conseguiria ficar acordada muito mais tempo.

Segurei o telescópio à distância de um braço esticado e rodei-o lentamente na mão, procurando um padrão que unisse os três tubos. Coloquei uma mão sob o tubo maior e a outra por cima do menor e continuei a rodar o objeto todo. Na realidade, parecia haver um ponto em que os três desenhos coincidiam, mas não estavam alinhados. Segurei no tubo de cima e no de baixo e, para minha surpresa, com algum esforço, consegui rodá-los em direções opostas. Quando os desenhos ficaram alinhados, os tubos encaixaram-se com um estalido, parando de rodar. Nunca me tinha ocorrido rodá-los desta forma.

Agora conseguia ver uma fila de espirais de cores vivas, umas em cima das outras e cada uma ligeiramente maior do que a anterior, alinhadas na extensão dos três tubos. A cor também ia escurecendo desde o primeiro desenho ao último. No centro de cada padrão de cornucópias havia um símbolo, que parecia um lampejo de luz amarela. Peguei no meu estilhaço de vidro e aproximei-me o mais que pude para observar o centro do padrão do primeiro tubo. Tinha encontrado a primeira de três jocastas.

Era a imagem de um homem sem olhos, que tateava o ar, erguendo e esticando o braço para o lado, à procura de um objeto invisível. Lembrei-me imediatamente da fábula que Warvold me contara, na noite da sua morte, sobre os cegos e o elefante, e interpretei o objeto invisível como sendo o elefante da história de Warvold.

Tinha o coração a bater aceleradamente e, de repente, o sono abandonou-me por completo e passei para o tubo seguinte. A Jocasta deste tubo representava um homem ajoelhado com os braços erguidos em adoração a um Deus invisível.

Passei para o último tubo e encontrei uma Jocasta ainda mais simples do que a da medalha de *Pepper*. Não era mais do que um S maiúsculo.

Elefante + Adoração = Sebastian.

Estava mais confusa que nunca.

CAPÍTULO 20

A SALA DE REUNIÕES

A fadiga extrema é uma força avassaladora. Em circunstâncias favoráveis, cobre o seu prisioneiro com pesadas camadas de sono profundo, que têm de ser retiradas uma a uma para se chegar ao que está sob elas. Quando as vozes e a luz do mundo insone tentam entrar, debatem-se com uma grossa membrana, para conseguirem arrancar os exaustos, trazendo-os de novo à vida.

— Acorda, Alexa! Acorda! — Há quanto tempo estava dormindo? Há quanto tempo um esquilo me gritava na sua vozinha fina? Era tudo um sonho, tudo... os animais falantes, a muralha e o roedor que dava cambalhotas sobre o meu peito... era tudo um delicioso sonho.

O esquilo tinha agora o focinho encostado no meu rosto, a sua boca estava escancarada, revelando uma dentadura surpreendentemente robusta. A criatura mordeu, primeiro suavemente e depois com força, a ponta do meu nariz... e acordei.

— *Murphy!* — gritei enquanto me sentava de um pulo, atirando-o às cambalhotas para os pés da cama e fazendo-o cair no chão com uma pancada seca. A primeira luz suave da manhã esgueirava-se por cima da muralha, entrando no quarto. Tinha dormido quase quatro horas.

Murphy subiu para a cama com um ar atordoado.

— Está ganhando o mau hábito de me atirar pelo ar.

— Faz parte do dia-a-dia de um herói — respondi, acrescentando depois um sentido pedido de desculpas.

— Temos problemas, Alexa. Os condenados entraram em ação.

— Então temos de nos apressar. — Passei os minutos seguintes contando a *Murphy* o que tinha descoberto na sua ausência. Uma vez excitado, é preciso um grande esforço para acalmá-lo novamente, e a notícia dos meus progressos lançou-o num ataque de entusiasmo frenético. Por fim, tive que agarrá-lo pelo tronco e segurá-lo no ar, para acalmá-lo. Passados alguns segundos, ficou pendurado nas minhas mãos, com as patas pendentes e a arfar.

— Não nos excitemos demasiadamente — disse eu. — Ainda não conhecemos a verdadeira identidade de Sebastian e receio que estejamos ficando sem tempo. Acho que o que descobrimos ainda pode fazer algum bem, mas

precisarei da sua ajuda para me certificar disso.

Eu sabia que ele estaria disposto a desempenhar outra missão, por isso expliquei-lhe rapidamente o que precisava que fizesse e ele partiu. Estaria ausente durante mais de uma hora. Quanto a mim, o Sol estava a nascer e tinha chegado a hora de falar com o meu pai.

Entrei sorrateiramente no banheiro, abri silenciosamente a porta do quarto dele e espiei lá para dentro. O quarto estava escuro, com exceção do raio de luz que vinha do lugar onde eu estava e que dava a tudo um tom brilhante de cor-de-laranja suave. A sua respiração profunda e familiar enchia a divisão. Na ponta dos pés, dirigi-me ao outro lado da cama e deitei-me em cima dos cobertores. A cama estava quentinha e tive de resistir à tentação de adormecer outra vez.

— Pai? — chamei baixinho. E depois outra vez, mas mais alto: — *Pai?*

Ele se mexeu e voltou-se de lado, virado para mim, estalando os lábios e esfregando os olhos. Tinha o cabelo espetado, formando um grande arco dourado, o que me fez rir alto. O pai abriu os olhos.

— Alexa. Que bom te ver — disse ele numa voz sonolenta e depois os seus olhos se fecharam novamente. Chamei-o outra vez e desta vez ele se sentou, completamente acordado. — Você está bem? — perguntou.

— Estou cansada, mas sim, estou bem.

Olhamos um para o outro durante um longo momento.

— Tenho muita coisa para te contar — continuei.

— Que quer dizer?

Sentei-me e coloquei o cobertor grosso, que estava na cama, em volta dos ombros e contei ao meu pai todos os acontecimentos dos últimos dias. Bem, quase todos os acontecimentos. A meio do relato, decidi que a noção de animais falantes era algo que eu iria manter em segredo. Não servia de nada contar-lhe e tinha grande preocupação acerca do uso que seria dado a esse fato quando se tornasse conhecido dentro e fora de Bridewell.

Quando terminei, fiz-lhe a pergunta que tinha andado a fazer a mim mesma toda a manhã:

— Quem você acha que é Sebastian?

O meu pai esfregou a barba, que crescera durante a noite e cobria as suas faces ruborizadas, e olhou pensativamente para o outro lado do quarto.

— Não sei, mas temos que contar aos outros o que descobriu — decidi eu. — Vista-se e vá até sala de reuniões dentro de meia hora. — Saiu da cama e dirigiu-se ao banheiro, esticando os braços por cima da cabeça e baixando-os novamente, enquanto caminhava. Fiquei parada, com medo de me mexer, ainda com o cobertor a envolver-me os ombros. O meu pai jogou água no rosto e

depois virou-se para mim, a água escorrendo-lhe pela barba grossa. — Levante-se, Alexa. Não há tempo a perder. — Era uma ordem, não um pedido.

Engatinhei para fora da grande cama e pus os pés no chão frio, de madeira. Enquanto passava por ele, dirigindo-me para o meu quarto, rocei-lhe nas pernas e ele se ajoelhou a meu lado, colocando-me as suas gigantescas mãos nos ombros. Nesse momento apercebi-me de uma coisa nova em relação ao meu pai, uma coisa na qual eu nunca tinha pensado. Se quisesse, poderia esmagar-me com aquelas mãos monstruosas; não precisaria fazer muito esforço. Em vez disso, e como se tivesse noção desta minha nova consciência, puxou-me para ele e abraçou-me durante muito tempo, segurando a minha pequena cabeça na sua mão e sussurrando-me ao ouvido.

— Que hei de fazer contigo, minha menina manhosa? — Depois soltou-me e voltou para o que estava fazendo no lavatório, passando as duas mãos pela sua crista dourada de cabelo.

Com a minha porta do banheiro fechada, vesti-me e preparei-me para a reunião.

Vesti a minha camisa verde, de mangas compridas, um colete vermelho com botões e uma túnica castanha, sem mangas e com um debrum de cor viva, de cima a baixo, na parte da frente. Terminei a *toilette* com o meu gorro quentinho, de couro, e puxei o cabelo para trás das orelhas. Pouco tempo depois, ouvi a porta do quarto do meu pai abrir e fechar, os seus passos no corredor e enquanto descia as escadas, até deixar de distinguir os seus movimentos. Então abri a minha janela e olhei em volta à procura de *Murphy*, mas só tinha passado uma hora desde que iniciara a sua missão, portanto não havia sinal dele ainda. Peguei na minha mochila e desci o corredor, na direção da misteriosa sala na qual nunca tinha entrado.

Um dia, no Verão anterior, estava tão aborrecida que comecei a percorrer furtivamente a Casa Renny, escondendo-me debaixo de mesas e atrás de sofás que estivessem junto a paredes. Era um intervalo divertido numa tarde aborrecida, e dei por mim a gostar da excitação de fingir que era uma espiã. Tinha transformado todas as pessoas da casa em personagens maléficas no meu plano secreto de encontrar um tesouro fictício escondido. Perdida num mundo só meu, dei por mim escondida atrás de uma cortina grossa e roxa, perto da sala de reuniões. Para minha surpresa, a porta desta mística sala abriu-se e Ganesh apareceu, seguido de Warvold e depois do meu pai. Puxei um pouco mais a cortina e espiei lá para dentro, à medida que a porta se fechava. Apenas vi um raio de luz que entrava por uma janela enorme e brilhava contra as silhuetas dos objetos que estavam dentro da sala. Quando a porta fechou, com um rangido, uma mão grande tocou-me no ombro, fechou-se sobre ele e puxou-me de trás da

cortina.

— Já te disse para não andar bisbilhotando por tudo quanto é lugar. É para seu próprio bem, portanto faça o favor de obedecer. — Era meu pai e não tinha falado em tom zangado mas enérgico e severo. Depois, tinha se afastado em direção à cozinha, deixando-me ali com o coração a cavalgar no peito. Desde esse dia, nunca mais tinha me aproximado da sala.

E agora, apenas um ano mais tarde, ali estava eu, a ser convidada a entrar naquela mesma divisão. Um arrepio percorreu-me o corpo quando me aproximei da porta fechada. Olhei para o meu lado esquerdo e vi a pesada cortina de veludo formando um cacho junto à parede. Em seguida, agarrei a maçaneta da porta, abri-a e entrei.

A sala de reuniões era profissional e sem graça, com chão de mosaicos escuros e paredes sombrias, onde não havia nada pendurado. Tinteiros e canetas gastas de tanto uso enfeitavam duas mesas compridas, viradas uma para a outra, que ocupavam o centro da sala. Em cima das mesas havia ainda sólidos jarros de água e copos de terracota. Era uma sala sem enfeites, uma sala de trabalho, uma sala sem caráter nem charme. Fechei a porta atrás de mim, fazendo com que a única luz que entrava na divisão fosse a luz natural que se filtrava pela imponente janela de um dos lados. Havia poeira matinal no ar, dourada e a rodopiar na luz do Sol, dançando no ar, enquanto as pessoas se calavam e ocupavam os seus lugares em volta das mesas.

Estavam todos presentes: Silas, Ganesh, Nicholas, o Pai, Grayson, e até Pervis, acorrentado a uma cadeira, de mãos agrilhoadas e zelosamente vigiado por um guarda que estava atrás dele de bastão em punho.

Tomamos os nossos lugares, o meu pai com Ganesh do seu lado esquerdo e eu do seu lado direito. Nicholas estava sentado a meu lado e, à nossa frente, na mesa do lado oposto, estavam Silas, Grayson e o agrilhoadado Pervis.

A última coisa que me recorde de ouvir antes do pai começar a falar foi o lamentável som de Pervis a mudar de posição na cadeira e a mover os grilhões que lhe envolviam os tornozelos. Isto produziu um tilintar arrepiante que fez eco no teto alto, fazendo-nos lembrar a sua triste situação.

— Obrigado por terem comparecido a tão matutina reunião — começou o pai. — Significa muito para mim o fato de terem podido satisfazer o meu desejo de lhes falar. Partindo do princípio de que Pervis está bem seguro, tenho que pedir ao guarda que nos conceda a nossa privacidade. — O guarda inspecionou as amarras de Pervis para se certificar de que tinha feito um bom trabalho e depois dirigiu-se para a porta.

— Guarda — chamou o meu pai —, deixe as chaves. — O guarda voltou e, de pé diante do meu pai, desprendeu as chaves do cinto e pousou-as em cima

da mesa. Depois, virou-se e abandonou a sala.

Com a divisão devidamente selada, o pai continuou.

— Como todos vocês sabem, a perda de Warvold tem sido uma dura prova para Bridewell. Ainsworth pressente a nossa nova fraqueza, e os seus habitantes podem tirar vantagem da situação. Cada vez mais pessoas tentam instalar-se aqui e não temos onde metê-las. O chefe dos nossos guardas está preso, deixando-nos vulneráveis a qualquer ataque, e aos seus homens, sem um líder. Além disso, há outras conspirações mais sinistras, das quais, possivelmente, nem temos notado.

«Grayson está aqui há mais tempo que ninguém; é um bom e velho amigo. Silas, é uma nova aquisição deste grupo, mas alguém em quem, sinto, podemos confiar. Nicholas também é novo no grupo, mas é claramente um líder dotado e alguém que será, sem dúvida, uma importante parte do nosso futuro. O meu querido amigo, Ganesh... não há palavras para exprimir a importância que representa para Bridewell e para o que ela será no futuro. Também convidei Alexa para se juntar a nós esta manhã. A necessidade da sua presença aqui se tornará clara dentro de momentos.

Fez um pausa e olhou para o nosso companheiro agrilhado.

— E, Pervis, o que será de você? Receio que tenhamos cometido um erro ao prendê-lo, mas não consigo convencer a mim mesmo a soltá-lo.

Enquanto o pai se servia da água de um dos jarros que estavam em cima da mesa, percebi um movimento estranho, na borda do parapeito da grande janela que estava de frente para mim. Foi um movimento pequeno, quase imperceptível, como um pequeno galho preso numa teia de aranha, pendurado numa lufada de ar. *Murphy* estava de volta.

Murphy tinha o corpo pendurado por uma pata no parapeito da janela e agitava a outra pata no ar, tentando chamar a minha atenção. Não parava de agitar a pata no ar. Depois a patinha desapareceu de vista quando ele escorregou e ouvi um leve ruído, feito pelas suas unhas, enquanto deslizava pelo lado de fora da parede.

— Pai, posso ir para junto da janela por causa do ar fresco? Há muito pó aqui. — Ele disse que sim com a cabeça e continuou a falar.

— Há uma semana, Alexa descobriu uma saída para o lado de lá da muralha e passou dois dias inteiros nas montanhas e na floresta, tendo regressado ontem.

Ouviu-se um grito sufocado, coletivo.

— Perdeu a cabeça? Ela podia ter morrido lá fora! — gritou Ganesh. Grayson estava com ar de quem preferia estar debaixo da mesa, onde ninguém conseguisse vê-lo, e o pobre Silas olhou-me como se as minhas mentiras lhe

tivessem partido o coração.

Enquanto o grupo fazia perguntas ao meu pai, aproximei-me da janela, encostei as costas à parede, e tateei a borda do parapeito à procura de uma bola de pêlo. *Murphy* tinha desaparecido, mas deixara-me um presente em cima do parapeito da janela. Peguei-o.

— Escutem-me — disse o pai erguendo a voz, e a sala ficou novamente em silêncio. — Alexa fez tudo isto por si mesma, sem o meu conhecimento ou autorização. Mas acho que, antes mesmo desta reunião ter terminado, vamos lhe agradecer.

Lançou um olhar acusador a Grayson, que estava de boca aberta e olhava fixamente para o outro lado da sala.

— Enquanto estava do lado de fora da muralha, Alexa descobriu um túnel que conduzia a um lugar a partir do qual se via uma câmara subterrânea — continuou o pai. — A câmara faz parte de um labirinto de túneis subterrâneos resultantes das escavações mineiras realizadas para construir as nossas muralhas. Os túneis e as cavernas estendem-se em volta dos Montes das Trevas e também debaixo da própria Bridewell. Um grupo de pessoas, pessoas com C marcado com ferro em brasa no rosto, vive dentro destes túneis.

— Isso é um verdadeiro absurdo! — berrou Nicholas. — Tem consciência do que isso significaria?

Todos os outros ficaram imóveis, alguns de boca aberta, calculando as implicações de tal fato.

Eu já tinha regressado ao meu lugar e o meu pai acenou-me com a cabeça. Tirei um tubo de madeira da minha mochila e entreguei-lhe.

— Receio que seja verdade — afirmou ele. — Tenho aqui um mapa que mostra o traçado de todos os túneis e cavernas. Há um outro conjunto de túneis na superfície, cobertos por espesso matagal, e é através deles que estes criminosos se deslocam, sem serem detectados, à procura de comida e água.

«Estes homens estão zangados e há muitos anos que conspiram para invadir Bridewell e tomar o comando da cidade. Podem atacar a cidade tão cedo como amanhã à noite e nós não estamos adequadamente preparados para semelhante ataque.

— Isso não pode ser verdade — protestou Ganesh. — Nós devolvemos esses prisioneiros. Warvold escoltou-os até Ainsworth. Digo-lhes que isso *não* é possível!

— Lamento, Ganesh, mas, por mais que deseje que nada disso seja verdade, não acho que Alexa esteja inventando estas coisas. Por favor, deixem-me acabar. Tenho mais coisas para contar e depois podem fazer as perguntas que quiserem.

Todos ficaram momentaneamente quietos e calados. Os rostos que estavam à minha frente deixavam transparecer choque e confusão.

— Warvold era um homem misterioso, e a sua mulher, Renny, era talvez ainda mais desconcertante que ele. Como sabem das nossas conversas com Nicholas, ela gostava de um tipo de arte chamada Jocasta. Ela teve a gentileza de deixar estes tesouros velados, escondidos em vários lugares à nossa volta, e Alexa os tem utilizado para ajudar a resolver um *puzzle* que, creio, tanto Renny como Warvold queriam que resolvêssemos depois da sua morte. Temos que encarar o fato de que a morte de Warvold pôs em ação o fim de Bridewell como nós a conhecemos. O significado disso permanece um mistério, mas uma coisa é certa: não estaremos todos do mesmo lado nas batalhas que em breve serão travadas.

Puxei um pedaço de papel da minha mochila e entreguei-o ao pai.

— Isto é um desenho de uma Jocasta que Alexa encontrou escondida na medalha da coleira de um dos gatos da biblioteca. Para quem não saiba, aqueles gatos pertenciam a Renny Warvold. Como podem ver do desenho de Alexa, a imagem mostra três caixas, duas das quais ligadas uma à outra que, quando unidas, igualam claramente a terceira. — Tirei o telescópio da mochila, estendi as três partes, e dei-o ao meu pai.

— As três caixas desenhadas na Jocasta representam as três partes deste telescópio, que foi oferecido por Renny Warvold à minha mulher. Cada uma das três partes deste telescópio contém outra Jocasta, e são estas que revelam uma mensagem importante.

O meu pai apontou o dedo para o primeiro tubo do telescópio.

— A Jocasta da primeira parte representa um homem que procura um objeto, às apalpadelas, esticando o braço para cima da sua cabeça e para o lado. — Apontando para o segundo tubo, continuou. — A Jocasta existente na segunda parte revela uma figura humana ajoelhada, com os braços estendidos para cima, rezando a um Deus invisível. E aqui, na terceira parte, a Jocasta não é mais do que um simples S.

O meu pai fez uma pausa e olhou em volta, para os rostos confusos que olhavam fixamente para ele.

— Fascinante! — disse Nicholas. — Os condenados, o labirinto de túneis assustadores, as mensagens todas interligadas pelos projetos artísticos da minha mãe. É, no mínimo, um pouco exagerado. No entanto, a sua filha conta uma bela história e não resisto a saber o final.

Sem mais comentários e, com o aceno de cabeça tranquilizador de Grayson e Silas, o pai continuou a relatar o que eu lhe tinha contado no início dessa manhã.

— Na noite em que morreu, Warvold contou a Alexa uma história sobre seis homens cegos que apalpam um elefante e cada um pensou tratar-se de um objeto diferente, devido à parte do elefante em que tinham tocado. Um deles tocou na cauda, outro no flanco, um outro na cabeça, e assim por diante. De fato, o desenho da primeira Jocasta representa um elefante. O símbolo existente na segunda Jocasta dispensa explicação... representa a adoração de um Deus desconhecido. A letra S gravada na parte final podia não ter tido nenhum significado para Alexa, se ela não tivesse tido o encontro com os condenados.

Foi nesta altura que o meu pai me fez sinal para que me levantasse e falasse, e eu menti para proteger os animais.

— Segundo dois condenados que eu observei e escutei na câmara subterrânea, há um traidor vivendo entre nós. Este homem é o seu líder e responde pelo nome secreto de Sebastian, daí a letra S.

Uma explosão de gritos abafados encheu novamente a sala, o mais significativo dos quais partindo de Ganesh, que me olhava com uma expressão de horror estampada no rosto.

— Agora foi longe demais, Daley. Pare com este disparate! — gritou ele.

— Realmente, vocês dois, isto passa dos limites — acrescentou Grayson.

Uma mistura de resmungos percorreu a sala e depois ouviu-se uma voz que ninguém esperava ouvir.

— Eu ajudei pessoalmente a escoltar os condenados até Ainsworth. — Era Pervis, de cabeça baixa, olhando para o chão.

Em seguida, ergueu a cabeça e inspecionou a sala de um lado para o outro.

— O que se passou foi que Warvold ficou em Ainsworth durante vários dias após eu e os meus guardas termos regressado a Bridewell. Pode ter comprado a sua liberdade ou, de alguma forma, ter convencido Ainsworth a libertá-los. Ele era um homem peculiar e, por vezes, tomava decisões secretas e pouco usuais, com implicações que só ele entendia. Não pensem que ele já não esperava que as coisas se desenrolassem como se têm desenrolado. É bem provável que vejamos a sua sabedoria nisto tudo, antes de chegarmos ao fim. — Rasgando as correntes no tampo da mesa, virou-se e indicou a janela com um gesto. — De qualquer forma, há muito tempo que sabemos que existem criaturas a se movimentarem nos Montes das Trevas. Os meus guardas e eu as vemos a toda hora. Talvez agora ficamos sabendo o que são.

— Vamos lá, Pervis, isto é simplesmente ridículo! — explodiu Nicholas. — Está me dizendo que acredita nas fantasias de uma criança?

Pela primeira vez desde que entrei na sala de reuniões, senti convicção, coragem e até alguma fúria. Tanta coisa estava em jogo e eles tinham umas

mentes tão fechadas! Seria preciso algo mais concreto para fazer com que este grupo acreditasse. Empurrei a minha cadeira e caminhei até à janela. Fiquei durante um momento de costas para o grupo e observei a repugnante muralha de pedra. Quase parecia estar viva, com as suas veias de hera verde dispersando-se em todas as direções. Quando me virei para me dirigir aos homens, brilhava uma nova paixão nos meus olhos.

— Tenho mais para contar.

CAPÍTULO 21

OS MONTES DAS TREVAS

A minha hesitação tinha desaparecido. As pessoas que estavam sentadas às mesas, as coisas sobre os condenados, que eu sabia serem verdade, a própria sala de reuniões... nada mais daquilo me assustava. Os anos passados dentro daquela muralha tinham cegado aqueles homens para o mundo exterior. Mas a muralha tinha-lhes tirado mais que a liberdade de experimentar o mundo lá fora. Eu via que ela lhes tinha roubado a capacidade de descobrir a verdade.

Desdobrei o papel que *Murphy* tinha me deixado no parapeito da janela.

— Quando me aventurei no exterior da muralha, conheci um homem notável. Este homem vive nas montanhas há muitos anos e tem uma capacidade extraordinária para lidar com animais. Ele tem vigiado os condenados e deu-me esta mensagem.

— Esse homem disse como se chama? — perguntou Grayson. Assenti com a cabeça e disse-lhe que o homem se chama Yipes. Ele interrogou-me novamente, desta vez sobre a altura do homem, e eu respondi que era o menor homem que já vira. Grayson ficou branco como um fantasma e fitou-me com um olhar vago. Depois apoiou os cotovelos na mesa e deixou cair a cabeça nas mãos.

— O que é, Grayson? — perguntou Ganesh. Grayson ergueu a cabeça, olhou para os rostos que estavam na sala e respondeu.

— Acho que ela está dizendo a verdade.

Todos o fitavam agora, tentando descortinar o que ele estava dizendo.

— Yipes não é nenhuma lenda — continuou ele. — Ele existe mesmo. É um homem muito pequeno e o mais provável é ser *capaz* de falar com os animais e vive em território selvagem — disse a gaguejar e começando a abanar a cabeça. Pondo-se de pé, olhou em volta como se estivesse tentando se recordar de uma memória antiga e a se lembrar dela corretamente antes de falar.

— Quando era rapaz, viveu uns tempos em Bridewell. Chegou aqui, vindo de Ainsworth, e vagueou pelas ruas até ficar suficientemente faminto para roubar pão. — Grayson parou, olhou diretamente para mim e depois continuou. — Roubou aquele pão de mim e eu o apanhei. Depois disso, deixei-o ficar na biblioteca e dormir na cadeira que está no canto. Era tão pequeno que nunca

ninguém reparava nele. Quando alguém entrava, ele se escondia nas sombras. Eu lhe trazia restos da cozinha e lia para ele.

Grayson caminhou até à janela, avivando a recordação, e olhando para a onipresente pedra e trepadeira da muralha.

— Um dia dobrei a esquina, dirigindo-me à cadeira, e encontrei-o sentado no colo de Warvold. Fiquei chocado, com medo de que o velho Warvold mandasse os dois embora, a mim e ao rapaz. Mas não podia estar mais enganado. Warvold adorava o rapaz. Sentava-se junto dele, liam e conversavam sobre coisas que eu apenas ouvia sussurradas, sobre animais falantes, sobre coisas existentes nas terras selvagens para lá da muralha, sobre passagens secretas e mistérios do passado distante que só Warvold entendia. Eu achava aquilo tudo uma tolice.

Voltando-se, encarou os ocupantes da sala, encostando-se ao parapeito da janela, o seu corpo recortado pela luz matinal.

— Continuei com os meus afazeres, tomei conta do rapaz e ensinei-lhe o que sabia. Naquele tempo, Warvold era um homem extremamente ocupado e, muitas vezes, ausentava-se durante semanas seguidas. Yipes era incrivelmente forte e ágil para o seu tamanho e arrumava livros nas prateleiras superiores, quando não havia ninguém na biblioteca. Escalava uma estante alta num instante, pendurando-se numa mão, e arrumava volume após volume com perfeição.

«Não sei que idade tinha quando chegou aqui, nem a que tinha quando desapareceu, um ano mais tarde. Só sei que ele me disse que iria encontrar uma forma de transpor a muralha e que, quando o conseguisse, viveria em território selvagem com os animais e aprenderia a se comunicar com eles. Warvold tinha lhe dito que era possível e ele acreditou. Tinha sido maltratado pelos humanos, esquecido e rejeitado. Acreditava que em território selvagem as coisas seriam diferentes.

Grayson estava visivelmente comovido com as suas recordações. Parecia não acreditar que o rapaz de quem ele um dia cuidara estava vivo e vivendo nas montanhas e na floresta.

— Um dia, entrei na biblioteca e dei com Warvold sentado na cadeira chorando copiosamente, segurando uma estranha chave prateada entre os dedos. «Ele foi embora e não voltará mais», disse. Pelo visto, Warvold tinha razão, porque nunca mais voltei a ver Yipes.

A sala estava em silêncio. Senti que aquela era a melhor oportunidade que tinha para revelar o resto que sabia, por pouco que fosse, e para convencê-los de que o perigo estava realmente iminente, por isso li a mensagem de Yipes que *Murphy* tinha ido buscar. E, enquanto lia, senti um frio nos ossos.

— «Os Montes das Trevas não podem protegê-los do mal que se esconde no seu interior. Às doze badaladas desta mesma noite, ele dará o sinal e eles irão à sua procura. A sua única esperança é derrubar aquilo que construíram.» Está assinado por Yipes — terminei eu. Depois disto, todos os rostos refletiram uma expressão que eu, em todas as minhas idas a Bridewell, nunca tinha visto:

Desconfiança.

CAPÍTULO 22

UM PLANO SECRETO

Depois de eu ter lido a mensagem de Yipes, a sala ficou em silêncio durante muito tempo. Era como se ninguém soubesse o que dizer ou fazer a seguir, ou mesmo como agir. Foi o meu pai que finalmente quebrou o silêncio.

— Parece que estamos todos com dificuldade em compreender a presente situação. A menos que haja objeções, sugiro que deixemos que Alexa nos conte tudo o que sabe. Se o que ela já nos explicou for verdade, e tudo indica que sim, então quase não temos tempo de nos preparar para uma possível invasão. — Pervis mexeu-se na cadeira e fez tilintar as correntes entre as pernas. Eu estava contente por tê-lo entre nós.

Levantei-me e avancei para o fundo da sala onde havia uma grande mesa de madeira rodeada de cadeiras. O meu pai soltou Pervis e escoltou-o até uma cadeira na nova mesa, prendendo-o a uma das pernas. Convidei todos a se juntarem a nós e a se sentarem e desenrolei o mapa no centro da mesa, usando uns pesados candelabros de bronze para mantê-lo aberto.

— Não temos muito tempo e nos faltam defesas adequadas — disse o pai. — A maioria dos que normalmente residem em Bridewell está tratando de negócios noutras partes do reino, o que é simultaneamente bom e mau. Assim há menos pessoas em risco, mas faz com que tenhamos falta de homens. Essa é, sem dúvida, a razão pela qual os condenados escolheram atacar agora.

O pai olhou para outro lado da mesa, para Pervis e disse:

— Nós somos seis. Quantos guardas temos?

— Catorze, quinze se me tirarem estes grilhões, mais uns sessenta e tantos homens, mulheres e crianças espalhados pela cidade — respondeu o Pervis.

— Catorze guardas? — perguntou Silas, partindo do princípio que não iríamos libertar Pervis. — Pode haver centenas de condenados naqueles montes. Não conseguiremos enfrentar todos, principalmente porque não sabemos exatamente como e quando atacarão. E, pior que isso, um deles está dentro da muralha. Pode ser qualquer pessoa... até um de nós.

Silas tinha dado voz ao que todos pensávamos mas receávamos dizer: e se Sebastian fosse alguém que estivesse dentro daquela sala?

— Recuso-me a pensar nisso — disse o pai. — O único de nós que não está neste grupo a anos e anos é Silas, e não me parece ser um cabeça maléfico. Além disso, quem quer que seja este Sebastian, se é que existe mesmo, deve ser muito discreto para conseguir passar despercebido tanto tempo em Bridewell. Sugiro que não nos preocupemos tanto com o espião e nos mantenhamos concentrados na invasão que vem aí, quer exista espião ou não.

O que o pai estava dizendo fez eco no grupo.

— O meu palpite é que já prendemos Sebastian — acrescentou Nicholas, lançando um olhar desconfiado na direção de Pervis. A indireta incomodou-me e Nicholas apanhou-me numa altura em que eu estava pronta a defender Pervis, quando mais ninguém parecia disposto a fazê-lo. Esta era a oportunidade de que eu estava à espera para tentar tirá-lo dos seus grilhões.

— Não acho que apontar o dedo a Pervis resolva alguma coisa — protestei. — Não temos nenhuma prova que indique ser ele o tal Sebastian. Na realidade, ele é, provavelmente, a última pessoa entre nós de quem deveríamos suspeitar. Ele é a única pessoa que trabalhava diretamente com Warvold antes dos condenados chegarem sequer a Bridewell. Além disso, temos maiores possibilidades de sucesso se ele estiver livre para liderar os nossos poucos guardas treinados num plano de batalha.

— Ela tem razão — concordou Grayson. — Já estou em Bridewell a mais tempo do que ele mas, quando comecei a trabalhar na biblioteca, Pervis já fazia parte do círculo íntimo de Warvold.

Em poucos minutos, o grupo concordou que era excessivamente irrealista pensar que Pervis pudesse ser Sebastian. Foi também decidido que ele era realmente mais útil à causa como homem livre do que como prisioneiro. O grupo concordou que lhe seria feita uma acusação simples: conduta alcoolizada e desordeira, após o que foi libertado com um aviso firme de que devia comportar-se corretamente.

— É bom tê-lo de volta — disse eu enquanto Pervis esfregava os pulsos onde o metal áspero lhe ferira a pele.

— É bom estar de volta ao trabalho. Odeio férias! — respondeu.

Estávamos prontos para analisar o mapa e começar a elaborar um plano, e me debrucei sobre a mesa para conseguir ver melhor os pormenores, à luz natural que jorrava do exterior.

— Se olharem para o mapa, verão que as linhas castanhas representam as passagens à superfície — expliquei eu. — As linhas pretas representam os túneis subterrâneos. Há uma série de linhas pretas que passam por baixo de Bridewell, mas apenas uma delas parece ter alguma importância estratégica... Esta aqui. — Coloquei o dedo em cima da linha preta localizada nos Montes das Trevas, e

percorri o mapa com o dedo, serpenteando até o centro, onde a linha terminava. — Creio que este ponto representa a praça que fica no centro da cidade e que os condenados continuaram a escavar até este túnel terminar, uns metros abaixo da calçada. Quando chegar a hora de atacarem, acho que irromperão através desta calçada e invadirão Bridewell como ratos saindo de um esgoto.

Nicholas inclinou-se por sua vez sobre o mapa e tentou calcular a distância e sentido da linha para a qual eu estava apontando.

— Receio que ela tenha razão — disse. — Aquilo parece ser o centro da cidade. A Casa fica aqui, com a muralha adjacente aqui de lado. Ou Alexa tem razão, ou vão entrar em algum lugar perto da praça. — Olhando para cima, para mim, sorriu-me e a minha fúria, pela sua acusação a Pervis, diminuiu consideravelmente.

— Há mais — continuei. — Desde que ajamos depressa e encerremos a cidade de modo a que não seja permitida a saída de nenhum espião em potencial, os condenados não têm como saber que descobrimos o seu plano. Creio que Sebastian e os condenados se comunicam através de um falcão que transporta mensagens de uns para os outros. Com os animais, as coisas se complicam, mas Yipes também tem um falcão.

Expliquei também que o falcão de Yipes tinha passado as últimas horas sobrevoando os Montes das Trevas, procurando sinais de um local onde os condenados pudessem se encontrar com o seu falcão para enviar e receber mensagens.

— A minha esperança é que, por esta altura, o falcão que os criminosos e Sebastian estavam utilizando para se comunicarem tenha sido apanhado. Se Sebastian tentar enviar mais mensagens, será difícil de encontrar o seu falcão, pois Yipes deve tê-lo preso numa gaiola, nas montanhas.

Um olhar pela sala revelou olhos arregalados e bocas abertas. Por enquanto era bom que não soubessem do exército de animais que era responsável pela maior parte dos progressos que eu tinha feito.

— A melhor solução é deixarmos os condenados seguirem em frente com o seu plano de atacar a cidade e deixar que esse ataque aconteça à noite. Se Yipes tiver razão e tivermos adivinhado bem o local da invasão, os condenados atacam no centro da cidade, à meia-noite de hoje.

— Mas isso não é tempo suficiente para elaborarmos um plano contra eles, Alexa — disse o meu pai. — Devíamos contatar Yipes para sabermos se o ataque pode ser impedido do lado de fora.

— Não, eu discordo — argumentou Pervis. — Neste momento temos o fator surpresa funcionando contra eles. Pode ser a nossa única oportunidade de apanhá-los desprevenidos. Nós precisamos é de um plano, e acho que consegui

descobrir algo que funcionará. — Pervis olhou pensativamente para o mapa e depois pediu a nota escrita por Yipes, lendo novamente parte da mensagem em voz alta. — «A vossa única esperança é derrubarem aquilo que construíram.» Não consigo tirar isso da cabeça e acho que sei o que ele quer que façamos.

A hora que se seguiu foi passada a planejar a nossa estratégia e a prever tudo o que podia correr mal. Todos concordaram que era um plano brilhante, mas havia muita ansiedade uma vez que não se sabia se era possível pô-lo em prática a tempo. Quando terminamos os nossos planos, já era meio-dia, pelo que tínhamos cerca de doze horas até a esperada invasão começar.

Efetuoou-se uma reunião da cidade no salão principal da Casa Renny, e todos foram postos a trabalhar em projetos relacionados ao ataque. Tínhamos oitenta pessoas, incluindo os guardas. Os quatro portões de Bridewell foram fechados e mantidos debaixo de forte vigilância, e a porta da biblioteca ficaria trancada para impedir que o túnel fosse utilizado. Se realmente havia um espião vivendo entre nós, era essencial para o nosso plano que fossem eliminadas as possibilidades de se comunicar com os condenados e de se movimentar livremente.

Quando a noite caiu, a cidade estava num frenesi de atividade. Todos se encontravam embrenhados no trabalho. Eu me senti tão cansada depois da noite ter envolvido a cidade, que adormeci sentada, encostada a uma parede. O pai queria levar-me ao colo para o meu quarto e meter-me na cama, mas recusei.

— Como está? — perguntei numa voz sonolenta.

— Nada mal, apesar de tudo. É muita informação para se processar tão depressa.

— Sei o que quer dizer. Como vão os preparativos? — perguntei.

— Muito bem. Vai ser na conta, mas acho que vamos conseguir.

Ele virou para se afastar, depois voltou para trás como se fosse dizer mais alguma coisa. Em vez disso, limitou-se a olhar para mim e eu vi que o seu cabelo espesso se tinha encaracolado, formando um C na sua testa. O pai desmanchou-o com a sua vigorosa mão esquerda e afastou-se, enquanto eu adormecia novamente, encostada à parede.

CAPÍTULO 23

UMA CRIATURA MÍTICA

Maldito Pervis! Acabou-se a compota de morango. Ele deve ter vindo aqui escondido ontem à noite, e acabado com ela.

Só faltavam alguma horas para a meia-noite e eu estava na cozinha, excitada com a invasão que se aproximava. Grayson estava de mau humor e eu fazia o possível para animá-lo.

— Vamos fazer o seguinte, Grayson. Se tudo correr bem esta noite, peço ao Silas que traga uma carroça cheia de morangos e poderá comer compota o dia inteiro, se quiser.

O cheiro de pães acabados de sair do forno e de fatias suculentas de maçãs vermelhas e verdes enchia a cozinha. Enquanto eu enchia o prato com as duas coisas, Grayson pegou numa bolacha e contemplou o seu tamanho e forma.

— A minha irritação fica completa com a perfeição de bolachas acabadas de sair do forno — disse. — É um pecado comê-las simples. — Desgostoso, atirou a bolacha para cima da mesa, lançando uma chuva de migalhas em todas as direções.

Comi vorazmente e bebi grandes goles de leite, o meu corpo ainda procurando combustível para preencher alguma reserva desconhecida. Quando levantei novamente os olhos do prato, Grayson estava inspecionando algo de novo que tinha tirado do bolso.

— Creio que isto te pertence, não é? — perguntou, erguendo o meu canivete no ar. — Calculo que tenha tido um motivo para deixá-lo onde ele estava, por isso, empurrei uma estante para frente da portinhola dos gatos, antes de tirá-lo do lugar. Os gatos parecem agitados: miam e arranham muito a porta. Faz alguma idéia do por quê?

Eu tinha me esquecido completamente de *Sam* e *Pepper*. Dei um gole do meu copo para ganhar algum tempo e pensar numa boa resposta.

— Seria boa idéia mantê-los fechados por enquanto — respondi, limpando um bigode de leite com as costas da mão. — É difícil de explicar, mas eles podem nos causar problemas, se os libertarmos. Talvez lhe conte mais coisas quando tudo acalmar mas, por enquanto, não posso.

Grayson fez um movimento de cabeça, indicando a sua concordância, e

enfiou na boca uma enorme colherada de papa de aveia, de aspecto viscoso, e depois estendeu-me o canivete e olhou para a tigela, brincando com o seu conteúdo semelhante a sopa, com a colher.

— Sabe, ele não tinha nome — disse Grayson.

— Quem?

— Yipes. Não tinha nome quando o conheci. Os pais dele, quem quer que sejam, o abandonaram na rua. Ele me contou que viveu no Orfanato de Ainsworth durante uns tempos, mas eles nunca se deram ao trabalho de lhe dar um nome. Não era mais do que um número naquele lugar hediondo, e um número muito pequeno.

— Escolheu um nome muito estranho — comentei.

— Lá isso é verdade — disse Grayson, com a boca cheia de comida. — Mas eu gosto dele, visto que fui eu que o ajudei a escolhê-lo.

Segundo Grayson se lembrava, estavam na biblioteca arrumando livros numa estante, num dia frio de Inverno, quando Grayson encontrou um volume muito antigo que estava partido e rachado nas costuras. Levou-o para o seu escritório e começou a restaurá-lo, enquanto Yipes o observava do seu lugar em cima da mesa. Terminado o arranjo, Grayson abriu o livro e começou a virar as folhas para inspecionar a junção reparada. Quando chegaram a uma determinada página, Yipes exclamara: «Leia-me essa», pois, embora tivesse jeito para arrumar livros, não sabia ler quando chegou a Bridewell.

O livro propriamente dito estava cheio de criaturas míticas e monstros, pura fantasia do princípio ao fim. Algumas das páginas incluíam desenhos, a caneta, de monstros e estranhos seres de lugares ainda mais estranhos. A página em que Grayson tinha parado incluía um desenho de uma criatura bizarra: pequena e, aparentemente, metade macaco, metade homem. À medida que Grayson lia, tornou-se claro que aquela coisa que haviam encontrado tinha, por mais estranho que parecesse, muitas qualidades em comum com o nosso amiguinho. A criatura era menor do que o normal e conseguia trepar e saltar com uma incrível agilidade. Não confiava em humanos e permanecia escondida quando havia homens por perto.

— Aquelas estranhas criaturas míticas do livro chamavam-se *Yipes*. Mal acabei de ler essa parte, ambos concordamos que esse era o nome ideal para ele.

Grayson observou a tigela com olhar inexpressivo. A história tinha lhe trazido uma torrente de recordações.

— Ele está bem, Grayson — afirmei. — A vida lá fora é como ele lhe disse que seria, e ainda melhor.

Grayson ergueu a cabeça e fitou-me com uma profunda gratidão. A nossa conversa tinha-lhe renovado as forças de uma forma que a comida não era capaz,

e estávamos ambos prontos a voltar ao trabalho.

Deixamos a cozinha juntos e caminhamos pelo centro da cidade que fervilhava de atividade em todas as direções. Os homens e as mulheres tinham um ar cansado e abatido. O trabalho era constante mas lento. Até Pervis parecia incapaz de se manter de pé, apoiando-se numa parede enquanto berrava ordens. Aproximei-me dele cautelosamente e perguntei-lhe como estavam as coisas.

— Não vão nada bem, Alexa — respondeu. — Subestimamos o trabalho que isto daria. Ao ritmo que avançamos, nunca estaremos prontos antes da meia-noite. Ganesh e o seu pai discutiram o assunto e deram-me ordens a uma hora. Mandeí Silas ir buscar, sem alarido, mais homens a Lathbury; Nicholas está fazendo o mesmo em Lunenburg e temos outro guarda tentando o mesmo em Turlock. Mesmo assim, duvido que eles regressem a tempo de trazer reforços. — Nenhum de nós deu voz à nossa preocupação relativamente ao risco de enviar os três homens sozinhos nesta missão; limitamo-nos a olhar um para o outro e a encolher os ombros, rezando para que tudo corresse bem.

Grayson agarrou em duas pás e entregou-me uma.

— Está na hora de fazer umas bolhas — disse, e o resto da noite perdeu-se num turbilhão de suor e poeira.

Horas mais tarde, com a meia-noite a se aproximar de Bridewell, um vento pesado varreu a praça, fazendo-nos arder os olhos cansados e enchendo-nos os pulmões arquejantes de espessa poeira. Apesar das condições e da fadiga, as pessoas, que estavam a trabalhar há horas, continuaram com uma energia sobre-humana.

— Vem aí uma tempestade — observei. Grayson levantou-se do seu trabalho e pôs-se a meu lado, encostando-se à parede, enquanto o vento separava os poucos cabelos que lhe restavam na cabeça. Vimos Pervis vir da direção da Casa Renny. Aproximou-se de nós devagar, com a camisa a esvoaçar descontroladamente contra as suas ancas e as fortes rajadas de vento a baterem-lhe em cheio na cara.

— Vamos conseguir até à meia-noite. Já estamos acabando — gritou através do vento. Parecia exausto, mas alerta, ora vigiando os guardas na torre próxima, ora inspecionando os trabalhos no solo.

Uma hora antes da meia-noite, terminamos o trabalho. Não havia candeeiros de rua acesos; apenas o brilho do suave luar permaneceu na praça da cidade. As famílias retiraram-se para as suas casas, enquanto os homens, cansados, se juntavam em torno do trabalho terminado, cheios de expectativa. O pessoal da cozinha preparou caldeirões de sopa e fez pães frescos, e as pessoas formaram uma fila à porta da Casa Renny. À porta pegavam numa tigela e numa colher e depois o meu pai servia-lhes a sopa e entregava a cada pessoa um pão.

Dentro da casa, tinham-se colocado mesas na sala de fumo e uma enorme fogueira ardia na lareira.

Uma estranha aura envolvia a sala, enquanto nos sentamos, cotovelo com cotovelo, a bebericar a nossa sopa, escutando o vento soprar contra as janelas que tinham sido fechadas. Era um som angustiante, como se os condenados estivessem batendo nelas para entrar e destruir o local. Após alguns goles do nosso jantar tardio, todos os habitantes da cidade voltaram para o exterior, segurando nas mãos pedaços de pão, muito agitados para permanecerem dentro de casa a tagarelar sobre tigelas de caldo.

Só eu e meu pai ficamos na sala.

— Tem trabalhado muito — disse o pai.

— Não me importo — respondi.

— Acho que está na hora de se recolher Alexa. Quero te ver fechada no seu quarto, de porta trancada, até isto terminar. Acabou-se a brincadeira — disse ele. A idéia do que estava para vir me assustava e obedeci de bom grado ao seu pedido. Abraçamo-nos e depois retirei-me para o meu quarto e tranquei a porta atrás de mim.

CAPÍTULO 24

A TEMPESTADE DE PAPEL

Faltavam dez minutos para a meia-noite quando cheguei junto à janela aberta do meu quarto, com a porta trancada e o vento a levantar-me o cabelo. Não tinha prestado atenção, mas o céu estava se enchendo de nuvens. Nuvens de tempestade. Em poucos minutos, a Lua desapareceu e a cidade de Bridewell, sem iluminação, ficou mais escura que os Montes das Trevas. Não conseguia distinguir o lado de dentro do lado de fora da muralha e, por um breve instante, pareceu-me que a própria muralha não passava de um mito e que Bridewell era uma cidade aberta, estendendo-se em direção às colinas, sem barreiras que a limitassem. Mas as nuvens continuavam a se deslocar e uma parte da Lua lançou a sua luz sobre a muralha coberta de hera. Tão depressa quanto tinha desaparecido, a muralha estava de volta, com toda a sua terrível glória. Eu segurava nas mãos o livro preferido de Warvold, *Mitos e Lendas da Terra de Elyon*, aquele que Grayson me tinha dado. Depois da minha visita ao mundo para lá da muralha, o seu título me intrigava. Nunca tinha pensado na nossa terra como sendo a Terra de Elyon. Apenas lhe chamávamos Elyon. De alguma forma, era reconfortante folhear as suas páginas esfarrapadas e comecei a pensar em pedir a Grayson que o restaurasse para que deixasse de cair aos pedaços cada vez que eu lhe pegava. Enquanto eu estava perdida nos meus pensamentos, as nuvens taparam mais uma vez a Lua e regressou a escuridão da noite sem luz. Continuavam a soprar rajadas de vento; as primeiras gotas de chuva caíram-me sobre as mãos, em cima do parapeito da janela, e fechei o livro para protegê-lo.

— Alexa!

Afastei-me da janela com um salto, perdi o equilíbrio e cai no chão, sempre agarrada ao velho e precioso livro.

— Bem, suponho que isso seja um ponto para mim. — Era *Murphy*, que saltava pela janela aberta. A sua presença ali era mau sinal.

— Porque está aqui, *Murphy*? Preciso que fique na vigia — disse, pondo-me de pé.

— O problema é exatamente esse Alexa. Há uma hora atrás deixei o meu posto para ir picar o ponto com o Yipes e, quando regresssei, ela tinha sido aberta.

— Tem certeza absoluta? — perguntei. Parecia que os meus receios se

tinham realizado.

— Absoluta. A cadeira tinha sido posta no lugar, mas não no mesmo lugar, pois verifiquei que as pernas não estão colocadas bem em cima das marcas existentes no chão. — *Murphy* olhava para mim de olhos arregalados. — Ou alguém entrou pela porta secreta, ou alguém saiu por ela. Não tenho certeza qual das duas.

Uma rajada de vento entrou pela janela e fez bater várias vezes as portadas contra a parede. O vento soprou para dentro do quarto, arrancando-me o livro de Warvold das mãos, soltando novamente a lombada e espalhando folhas por todo o aposento.

— Oh, não! — gritei. Algumas das folhas foram sugadas pela janela quando o vento mudou de direção. As restantes esvoaçavam pelo quarto numa tempestade de papel. Corri para a janela e agarrei nas portadas para fechá-las. A chuva caía agora com mais força e as alças das portadas estavam escorregadias. Vi algumas folhas do livro de Warvold a rodopiar ao vento, lá fora. Uma delas ficou presa nas garras de hera da muralha, uma outra estava colada ao parapeito molhado e outra ainda voou por cima da barreira e desapareceu na noite escura. Agarrei na folha que tinha ficado colada no parapeito, atirei-a para trás de mim, depois fechei as portadas e virei-me para olhar para o quarto.

Estava pior do que eu julgava ser possível. Havia folhas por todo o lado, e *Murphy* arrastava pelo chão a lombada vazia, segurando-a com os dentes, para eu inspecionar. O livro estava destruído para sempre.

— Isto é horrível, *Murphy*! Por mais que tentemos, não vamos conseguir compô-lo!

Ele deixou cair a lombada em cima dos meus pés e ergueu os olhos para mim.

— Lamento — disse.

Sentei-me, encostada à parede, e *Murphy* saltou para o meu colo. Peguei no que restava do livro e o abri. Não restava uma única página. A lombada estava, não só sem folhas, como também descosida, deixando ver o cartão interior, debaixo do tecido. O livro sempre estivera assim, pelo menos, desde que viera parar em minhas mãos. No entanto, sem as páginas, o defeito era mais visível e acessível. Passei distraidamente os dedos pelo rasgão e depois meti o dedo debaixo do tecido e apalpei ao longo do cartão. Foi um gesto impensado e, quando senti uma parte mais alta, ignorei-a. Depois percebi que essa parte se assemelhava mais a papel do que a cartão ou tecido e observei a capa com mais atenção. Havia alguma coisa lá dentro, algo secreto.

Espantada, olhei para *Murphy*, e depois rasguei o tecido da capa, descobrindo um pedaço de papel dobrado. Pousei o livro destroçado e desdobrei

o tesouro, as minhas mãos tremendo de expectativa. Era uma página do diário de Warvold. A data e hora do apontamento era a da sua chegada a Bridewell para as reuniões de Verão, provavelmente, entre o jantar e o passeio comigo, do qual não regressou.

Enquanto as portadas batiam para trás e para frente devido ao vento, li a nota a *Murphy* em voz alta.

Tenho perguntado a mim mesmo, desde que perdi Renny, se Sebastian existe. O meu regresso a Bridewell leva-me a fazer a pergunta mais que nunca. Teriam as suspeitas de Renny sido imaginadas? «Ele não está bom da cabeça» — dizia ela quando chegávamos. E quem é esse Sebastian, afinal? Será algo mais que uma mera lenda que se ouve em sussurros? Tenho que ter certeza absoluta antes de contar aos outros.

Grayson, estou ficando velho e a maldade segue-me para todo o lado. Se eu estiver morto quando for restaurar o meu livro preferido (sei que não vai resistir), certamente encontrará esta nota. Se os acontecimentos que rodearem a minha morte parecerem suspeitos, leia a página 194. Caso contrário, queima imediatamente o livro e siga em paz com a sua vida.

W.

— Porque é que Grayson tinha que me dar o livro? Tanto quanto sabemos, a página 194 pode estar esvoaçando em algum lugar lá fora! — gritei. *Murphy* saltou do meu colo e começou a examinar minuciosamente as folhas que estavam no chão, enquanto eu verificava as que tinham caído em cima da minha cama. Cinco minutos mais tarde, ainda procurávamos e todas as folhas à vista estavam empilhadas num monte, num canto do quarto. Parecia provável que uma das folhas que tinham voado para fora, talvez a que tinha desaparecido para lá da muralha, fosse a que procurávamos.

— Alexa! — ouviu-se um grito abafado, vindo de baixo da minha cama e, pouco depois, *Murphy* apareceu, empurrando a página 194 pelo chão, com o nariz. Abaixei-me e peguei-a.

Um minuto depois, com a água a se acumular no parapeito da minha janela e a pingar para o interior do quarto, encostamo-nos um ao outro, no canto onde tínhamos empilhado as folhas, e li a página 194 em voz alta.

Ficamos imediatamente sabendo quem era Sebastian, e *Murphy* disse aquilo que ambos estávamos pensando:

— Temos que apanhá-lo!

CAPÍTULO 25

UMA SITUAÇÃO DIFÍCIL

Abri a porta do quarto e corri pelo corredor, logo seguida de *Murphy*. Quando chegamos ao patamar, no primeiro andar, parei e olhei pela janela, em direção ao centro da cidade onde um raio de luar cortava a noite. A chuva começou a cair a cântaros e a Lua desapareceu novamente atrás das nuvens agourentas, desta vez até ao final da tempestade. Deixei de ver a praça.

Iria precisar de uma arma, por isso fui à sala de fumo e peguei o atizador de brasas de ferro do seu lugar ao lado da enorme lareira. Depois fiz um sinal a *Murphy*, apontando na direção da biblioteca. Antes de sair da sala de fumo, peguei uma candeia que estava em cima da mesa, acendi-a e baixei a chama.

Atravessamos a cozinha, subimos as escadas que rangiam, e chegamos ao patamar que ficava em frente às portas da biblioteca. Tal como já suspeitava, as portas tinham sido trancadas pelo lado de dentro, e a estante continuava firmemente encostada à parede, em frente da portinhola dos gatos.

— Será que *Sam* e *Pepper* ainda estão lá dentro, de vigia contra os intrusos? — perguntei.

— Se estiverem, estão escondidos — respondeu *Murphy*. Não os tinha visto enquanto vigiava a biblioteca. Começamos a pensar se não teriam pulado pela janela aberta junto à cadeira, mas era uma grande distância até o chão. *Murphy* podia segurar-se e descer pela parede de seis metros de altura, mas os gatos teriam de saltar em queda livre até o chão. Nenhum gato saltaria, de livre vontade, de uma janela tão alta.

O som de trovada e chuva torrencial aumentava a escuridão sinistra da Casa Renny. Agachei-me junto da portinhola dos gatos, abri-a na minha direção e inspecionei o peso e o tamanho da estante que estava impedindo a passagem. Mesmo com a estante no caminho, quase havia espaço suficiente para *Murphy* passar, portanto virei-me e meti o pé pela portinhola, encostando-o à estante. Empurrei, a princípio com pouca força e depois com toda força que tinha, mas ela não se moveu. Segurei a portinhola com a mão, retirei o pé e fiquei à espera do trovão seguinte. Quando ele veio, empurrei, com força, o calcanhar contra a estante. Isto me lançou uma dor lancinante pela perna acima, mas a estante permaneceu no mesmo lugar.

Ficamos ali sentados durante alguns instantes, muito quietos e depois, sem aviso, *Murphy* avançou velozmente, passando pelo meu pé e entrando, de lado, pela pequena porta. *Murphy* fez um tremendo esforço para passar pelo pequeno espaço e eu rodei o corpo para conseguir ver.

Nisto, ouvi-o falar num sussurro tão abafado que mal consegui entender.

— Isto aqui é muito apertado. Pode me empurrar?

Coloquei a mão no seu flanco peludo e comecei a empurrar.

A madeira da parte de trás da estante era lisa e escorregadia e o seu pêlo era macio, mas a parede de pedra era áspera. A rugosidade da parede em conjunto com o pêlo e a madeira escorregadios faziam o corpo de *Murphy* girar enquanto avançava. Eu empurrava, *Murphy* girava, ora ficando de frente para a parede de pedra, ora para a saída, ora para a estante e ora para mim. Era difícil conter o riso ao ver o seu pobre focinho esborrachado contra a parede, o nariz espalmado, e o olhar atordoado quando rodava na minha direção. Fui empurrando até onde podia, mas quando o meu cotovelo atingiu a quina da portinhola dos gatos, tornou-se impossível empurrar mais e *Murphy* ainda estava longe de atingir a borda da estante. Estava preso.

— Alexa? — sussurrou ele.

— Sim? — respondi, com um tênue sinal de histeria começando a se notar na minha voz.

— Gato — disse ele.

Nisto, ouvi o riso ameaçador de *Sam* encher a biblioteca.

— Que infelicidade a sua, *Murphy*... encalhado numa posição tão inflexível. E sem ninguém que te acuda — disse *Sam*.

Já não havia tempo de deliberar calmamente o modo de agir, portanto atirei-me repetidamente, e com toda a minha força, contra a porta da biblioteca, tentando entrar.

— Não vale a pena, Alexa. Ele está perdido, Bridewell está perdida e Sebastian escapou ileso e sem ser descoberto. Falhou redondamente. — Desta vez era *Pepper*, que estava atrás da porta a me provocar.

Rodei o atizador de brasas na mão, examinando-o, pensando em tudo o que tinha corrido mal, convencida, por momentos, de que tinha sido derrotada.

Os gatos inspecionavam a estante, gozando o seu momento de vitória, continuando a provocar e escarnecer, enquanto tentavam decidir qual dos dois iria rasgar a carne de *Murphy* com as garras e arrancá-lo do lugar onde estava.

— Acho que essa honra devia ser sua — brincou *Sam*.

Por nenhuma razão especial, encostei-me à porta da biblioteca e continuei a inspecionar o atizador de brasas. Era um instrumento sólido, de metal, com uma ponta afiada.

— Quase desejava poder abrir a porta, Alexa. Isto vai ser uma cena digna de se ver — disse o *Pepper*.

Sem fazer barulho, dirigi-me à portinhola dos gatos e a abri.

— Chega de brincadeira. Arranque-o daí! — disse *Sam*. Com toda força que tinha, enfiei o atizador de brasas debaixo da estante e levantei o cabo o mais que pude. A estante inclinou-se, lentamente a princípio, e depois mais depressa, até tombar para cima de outra estante à sua frente, fazendo voar livros em todas as direções. Consegua ouvir as estantes caírem como dominós pela biblioteca afora, lançando os livros ao chão.

Quando todas as estantes dessa fila tinham tombado, fiquei à escuta, esperando ouvir os gatos a perseguirem *Murphy*, mas apenas ouvia um ou outro livro caindo da sua prateleira inclinada e batendo ruidosamente no chão, como gotas de água gigantescas no final de uma tempestade.

Nisto ouvi um som mágico. A fechadura da porta da biblioteca rangeu e fiquei olhando enquanto ela rodava lentamente e se abria. Cuidadosamente, rodei a maçaneta e empurrei a porta, abrindo-a uns milímetros.

— Foi por pouco! — exclamou *Murphy*, que já tinha saltado da maçaneta para o chão, e estava junto dos meus pés.

— Onde estão eles? — perguntei.

Murphy fez-me sinal para entrar e eu o segui para o interior da biblioteca. Na luz tênue, parecia que tinham tombado nove ou dez estantes e, debaixo de uma delas, espreitavam duas caudas de gato inertes.

— Meu Deus! — exclamei. *Murphy* trepou por cima da estante e desatou a correr em direção da cadeira e do túnel secreto. Eu o segui em direção aos recantos escondidos e escuros da biblioteca.

CAPÍTULO 26

SEBASTIAN

As portadas da janela não tinham sido fechadas e havia água por todo lado. Os livros, as prateleiras e a velha cadeira estavam encharcados. A chuva continuava a entrar naquele pequeno espaço, enquanto eu puxava a cadeira, revelando a entrada secreta. Tirei a chave prateada do bolso e abri a pequena porta. Uma rajada de vento voltou a fechá-la ruidosamente e eu fiquei preocupada pois não sabia quem, lá embaixo na escuridão, teria ouvido o barulho.

Abri novamente a porta e, desta vez, segurei-a firmemente. A candeia que estava pendurada na escada tinha desaparecido e eu pendurei lá a minha.

— Está pronto? — perguntei a *Murphy*. Ele disse que sim com a cabeça e eu peguei nele e meti-o na mochila, juntamente com o atizador de brasas. Desci a escada como tinha feito da outra vez e, quando chegamos ao fundo, libertei *Murphy* e coloquei-o no chão de terra.

Para minha surpresa, cinco das tábuas que da outra vez forravam a parede por trás da escada estavam agora espalhadas no chão, a meus pés. No lugar onde anteriormente estavam as tábuas, havia agora um túnel escuro e ameaçador, fitando-nos como um gigantesco olho negro. Entrei pela abertura e *Murphy* seguiu-me.

As paredes castanhas refletiam a luz fraca da minha candeia e eu tive a sinistra sensação de que Sebastian iria saltar a qualquer momento de um esconderijo e atacar-me. Baixei a chama da candeia de modo a ter apenas luz suficiente para ver à minha frente e comecei a correr pelo túnel. Passado um pouco, este virava e alargava e vi uma luz a tremeluzir à distância. Parei e baixei a chama da minha candeia para o mínimo e coloquei-a no chão; depois mandei *Murphy* investigar a situação. Ele regressou ofegante e agitado.

— Chegamos ao túnel principal — disse. — Estende-se em duas direções: uma, de volta para Bridewell por outro caminho, e outra que segue em direção aos Montes das Trevas. Há um archote na esquina. Que quer fazer?

Sem responder, desatei a correr o mais depressa que era capaz, em direção à luz tremeluzente. Quando cheguei junto do archote, tirei-o do seu suporte e apaguei-o contra o chão.

— Alexa, que está fazendo? — gritou *Murphy*.

— Fique calado... Vai nos denunciar — sussurrei. Tirei um pedaço de papel da mochila e cheguei-o à luz. Era uma cópia tosca do mapa dos túneis, algo que eu achara que me poderia ser útil depois de ter entregado o original. — Ele iria querer encontrar os seus homens, o que significa que teria seguido este túnel aqui. — Indiquei, com o dedo, uma linha preta, comprida e sinuosa, que começava no ponto onde estávamos. Segui a linha com o dedo, ao longo do mapa, enquanto falava. — Depois disso, iria cruzar-se com este túnel e descer por baixo de Bridewell, aqui. Se o nosso plano funcionar, ele encontrará uma parede de terra perto do fim do túnel. A única maneira dele voltar a sair, é através deste cruzamento em que estamos. — Fiz uma pausa e olhei para o *Murphy*.

— Ele está separado dos seus homens e anda à procura de uma saída. Sabe que não vai conseguir sair antes da passagem ser bloqueada — concluiu ele.

Ficamos sentados, imóveis na escuridão, a luz fraca da minha candeia oculta entre as minhas costas e a parede da caverna. Esperamos em silêncio, o que era difícil para *Murphy*, que não parava de dar cambalhotas e fazer piruetas, enquanto sussurrava repetidamente:

— E se chegamos tarde demais?

Antes que eu tivesse tempo de responder, vimos um tremeluzir de luz vindo da escuridão, movendo-se rapidamente. Agachei-me à entrada do túnel contíguo e saquei o atizador de brasas da mochila. A luz ricocheteava, cada vez mais forte, das paredes e depois viu-se a silhueta de um homem. Ouvi a sua respiração ofegante e os seus passos à medida que ele avançava pelo chão de terra, bem como o som abafado dos trovões que ribombavam lá fora. Espiei pela esquina para ver a que distância ele vinha. A uns escassos nove metros de nós, Sebastian tinha abrandado para um passo rápido. Recuei novamente para a escuridão e, quando ele passou na minha frente, ataquei-o com o atizador de brasas, acertando-lhe em cheio no osso da perna. Ele gritou de dor e atirou a candeia ao chão, pulando num pé para o lado do túnel, de costas voltadas para mim, segurando-se à parede com uma mão. Tinha-lhe feito um golpe por cima do osso e o sangue começou a escorrer-lhe pela perna.

Peguei na minha candeia e aumentei a chama, segurando o atizador de brasas numa das mãos. Sebastian, ainda de costas para mim, encolheu-se de dor, com a mão em cima do ferimento, apalpando a perna em busca de ossos partidos.

— Menina tola! — gritou, atirando-me uma mão cheia de terra na cara. Fiquei cega mas não larguei a minha arma quando caí no chão, tentando esfregar a terra dos olhos. Nisto, senti uma pancada forte nas costelas e fiquei sem ar. Em

seguida, fui atirada de costas e o atizador de brasas me foi arrancado das mãos. Fiquei à espera que algo horrível, algo doloroso acontecesse, mas em vez disso, ouvi uma voz. — Se me seguir mais um passo que seja, trespasse-te o coração com este atizador — sussurrou ele, grotescamente perto do meu ouvido e pingando suor no meu cabelo. Depois afastou-se de mim e ouvi o som de vidro a partir, quando destruiu a minha candeia.

— Ele tem a candeia e a nossa arma e vai a caminho dos Montes das Trevas — berrou *Murphy*. Eu ouvia Sebastian arrastando a perna ferida enquanto avançava. Sentei-me e tentei desesperadamente limpar a terra dos olhos, que me ardiam terrivelmente, e apenas conseguia ver a luz, que se afastava à distância, como uma mancha desfocada.

— Não tenho qualquer proteção nem luz e mal consigo ver. Isto está indor bem, não acha?

— Se nos apressarmos, conseguiremos apanhá-lo — disse *Murphy*, começando a correr pelo túnel antes que eu pudesse detê-lo, por isso o segui o mais depressa que podia. Tinha as costelas em chamas no lugar onde Sebastian me chutara, e estava com dificuldade em recuperar o fôlego. Mais quarenta e cinco metros e eu estaria acabada. Quando cheguei na curva e abrandei, reparei que a luz estava outra vez mais próxima. Avancei mais um pouco e vi que Sebastian se encontrava numa divisão subterrânea familiar. O mapa dos túneis encontrava-se pendurado na parede e ele estava a estudá-lo, procurando a saída.

Eu conhecia esta divisão.

Entrei por trás dele, encostada à parede, e olhei em volta, em busca de uma arma que pudesse utilizar. A única coisa que encontrei foi um archote aceso e avancei silenciosamente para ele. *Murphy* escondeu-se na penumbra e esperou.

— Disse-lhe que não me seguir — vociferou Sebastian. A sua voz me chocou e tropecei nos meus próprios pés, caindo por baixo do archote. Ele permaneceu de costas voltadas para mim, sem se mexer.

— Não teria acreditado que era você, se não fossem as pistas que foram deixadas — disse eu, a minha voz tremendo de medo. — A Renny desmascarou o primeiro, mas foi preciso convencer Warvold. As pistas que ele me deixou conduziram-me a uma página do seu livro preferido, que descrevia um mítico deus-elefante, tirado de uma história fantástica passada no lado de lá da Montanha Laythen, à beira-mar. — Pus-me de pé e tateei ao longo da parede, procurando o archote. — Um deus imaginário chamado Ganesh.

Houve um longo momento de silêncio na divisão. Retirei a mão do archote e fiquei à espera, sem saber o que ele iria fazer. Ele continuou de costas e começou a falar numa voz cansada e velha.

— Eu era preguiçoso, estouvado e não queria trabalhar. Em Ainsworth,

um jovem com estas características ou ganha juízo ou tem que abandonar a cidade — contou ele. Foi então que se virou e me olhou pela primeira vez, com os seus olhos encovados, precocemente envelhecidos. — Eu não fiz nem uma coisa nem outra e, aos dezenove anos, já tinha isto. — Afastou a camisa revelando um V marcado a ferro em brasa no peito. Um V de vagabundo.

«Na prisão, brincávamos, dizendo que o V significava vitória, mas em Ainsworth, os guardas eram implacáveis. Alguns vagabundos foram mortos; muitos outros foram espancados quase até à morte. — Sebastian fez uma pausa e os seus olhos ficaram vítreos durante uns instantes, antes de continuar. — Não é que me importasse muito com isso... a maioria dos criminosos que conheci eram homens muito maus que tinham feito coisas horríveis. Mesmo assim, se Warvold não tivesse aparecido, tenho certeza de que estaríamos todos mortos há muito. — Ele se aproximou, arrastando a perna ferida, e pôs-se à minha frente.

— Mas ele apareceu e os oficiais de Ainsworth ficaram radiantes por se verem livres de nós. Warvold não era nada indulgente mas, se trabalhássemos bem e obedecêssemos, ele cuidava de nós. Comíamos bem, trabalhávamos duramente e tínhamos uma cama para dormir à noite. Para muitos de nós era uma vida melhor do que alguma vez tínhamos tido.

Ganesh rodou o meu atizador de brasas na mão e examinou-o distraidamente. Havia nele uma loucura estranha e calma.

— Quando acabamos de construir a muralha, Warvold e os seus guardas escoltaram-nos até Ainsworth, como tinham prometido. Nessa altura já tínhamos todos uns trinta ou trinta e cinco anos, desgastados por anos de trabalhos forçados. Já não éramos jovens voluntariosos e capazes e isso aterrorizava-nos.

«Ainsworth nunca esperou que Warvold nos devolvesse e obviamente não haviam feito planos para nos receber. Após uma semana de volta à prisão, achei que iria enlouquecer. A prisão já estava cheia quando chegamos e, da noite para o dia, duplicamos o número de reclusos.

«Falei com um dos guardas e disse-lhe que, se libertassem em território selvagem todos os condenados que tinham trabalhado em Bridewell, eu garantia que nunca mais nos veriam ou ouviriam falar de nós. Permaneceríamos na selva onde ninguém nos encontraria e, se algum de nós fosse encontrado, não esperaríamos menos que a morte. Vendo uma forma de se livrarem de nós de uma vez por todas, sem terem que nos matar, os oficiais concordaram com o plano e, pouco depois, pela calada da noite, libertaram-nos nos Montes das Trevas. — Sebastian estava ficando esgotado devido ao ferimento na perna, cujo osso parecia ter sido despedaçado pelo meu ataque. A dor devia ser insuportável. O seu corpo balançava para frente e para trás, como se estivesse bêbado, mas parecia determinado a terminar a história.

— Uma vez libertados, começamos a planejar tomar de assalto a cidade amuralhada. Bridewell é uma fortaleza fantástica e, com ela sob nosso controle, poderíamos negociar com Ainsworth como iguais e transformar Bridewell numa rota de comércio entre Ainsworth e as cidades costeiras de Turlock e Lathbury.

«Os que tinham nas faces marcas feitas com ferro em brasa tinham esperança de conseguir tapá-las com barba. O meu C tinha sido feito mais abaixo e, como tenho a barba muito cerrada, não se via, pelo que fui a escolha óbvia para ir para a cidade.

«Pouco depois de termos chegado aos Montes das Trevas, fui viver para Turlock. A cidade tinha acabado de ser fundada e tinha apenas umas poucas centenas de habitantes. Comecei imediatamente a construir casas e outros edifícios e me envolvi em toda espécie de planejamentos da cidade. Dentro de um ano os habitantes aumentaram para alguns milhares e eu fui eleito prefeito. Sem família, trabalhando por vezes vinte horas por dia para construir a comunidade, era natural que me tivessem escolhido.

«O resto é relativamente óbvio. Você já sabe tudo sobre o dom de falar com os animais, portanto não faz sentido escondê-lo agora. Alguns dos outros condenados descobriram a lagoa e os seus estranhos poderes. Fizeram amizade com o falcão e este tornou-se amigo dos gatos.

«Comecei a viajar até Bridewell e a planejar a invasão. Precisávamos de informação que levaria tempo a obter e foram necessários anos para aumentar a já extensa rede de túneis. Mas aqui estamos nós, muitos anos depois, com a invasão a decorrer.

— Que vai fazer agora? — perguntei, tentando mantê-lo a falar. — Está separado dos seus homens, ferido e desmascarado.

Ganesh lançou-me um olhar frio, o atizador de brasas reluzindo na sua mão e o sangue escorrendo-lhe pela perna ferida.

— É desanuviador purgar a minha alma, contando a minha história, mas a situação mantém-se óbvia: mais ninguém sabe que estou aqui embaixo e há muitas saídas. Terei que matá-la, tal como matei Warvold. Com ele usei veneno... é mais limpo. É engraçado como ele não fazia idéia... Talvez não fosse tão esperto como todos vocês achavam que era. — Por momentos, perdeu o equilíbrio, mas recuperou-o e falou novamente. — No seu caso, lamento, mas vou ter que derramar sangue.

Saltei em direção ao archote e agarrei nele com ambas as mãos, agitando-o no ar na minha frente.

— Acha realmente que esse pedaço de madeira seca vai te salvar? Acho que não. — A sua expressão tinha ficado sombria e ameaçadora. Este homem não era Ganesh: era Sebastian. Avançou para mim e eu comecei a me desviar

para o lado, movendo o archote de um lado para o outro, entre nós.

Ele já estava suficientemente próximo de mim para conseguir dar uma sapatada no archote, arrancando-me das mãos, e trespassar-me com o atizador de brasas, quando *Murphy* saiu correndo da penumbra, saltou para a perna de Sebastian, e a mordeu com toda a força, cravando-lhe os dentes profundamente na carne. Sebastian gritou ameaçadoramente, olhou para baixo e, com um movimento violento da mão, atirou *Murphy* para o outro lado da divisão. Eu estava encostada à parede oposta àquela onde se encontrava o mapa, sem lugar para me esconder, e Sebastian, espumando de raiva, concentrou toda a sua fúria em mim. Avançando rapidamente, arrancou-me o archote flamejante das mãos e prendeu-me contra a parede com o antebraço.

— Aaaaarrrrgggggh! — gritou e recuou um pouco o corpo para me trespassar com o atizador de brasas.

Fechei os olhos e fiquei à espera do impacto que, no entanto, não veio. Ouvi o som de madeira a ser estilhaçada e fui atirada ao chão. O caverna encheu-se de poeira e perdi Sebastian completamente de vista.

— *Murphy*, o que fez? — deixei-me escorregar pela parede e puxei os joelhos para o peito.

À medida que a poeira assentava, vi Sebastian deitado no chão. Debruçado sobre ele, coberto de poeira da cabeça aos pés, havia um homem pequenino. A seu lado estava *Darius*, com a bocarra pingando saliva, aberta sobre a garganta de Sebastian, pronto a cravar-lhe os dentes afiados como lâminas ao mínimo movimento. Mas a precaução era desnecessária, pois Sebastian estava morto, o pescoço torcido de uma forma horrível, fraturado durante a queda provocada pelo ataque do enorme lobo.

— Yipes! — guinchei. Levantei-me de um salto e agarrei-o pela cintura, abraçando-o impiedosamente. Depois virei-me para *Darius*, fiz-lhe uma festa na imponente cabeça e abracei-o.

— Está tudo bem, agora. Está tudo bem — disse Yipes. Olhei para trás e vi que Yipes e *Darius* tinham irrompido do esconderijo, deixando um enorme buraco onde antes havia uma parede de terra. Tábuas partidas pendiam desordenadamente para o interior da câmara.

— Como é que sabiam? — perguntei.

— Foi um palpite, um mero palpite — respondeu Yipes. — Mas *Darius* é o verdadeiro herói. Trabalhou incansavelmente durante horas e horas para poder descer o túnel e certificar-se de que estava bem. O grandalhão não cabia no túnel, portanto teve que ir cavando para alargá-lo à medida que ia avançando. Sem ele não teríamos conseguido arrebentar a parede. É forte como um touro.

Murphy coxeou até junto de nós. Parecia atordado mas ileso.

— É bom ver todos juntos novamente — disse. Depois, num sussurro cômico, dirigiu-se a Yipes: — Cuidado com ela, amigo!... Tem fama de atirar a nós, os baixinhos, por todo o lado.

Yipes meteu a mão no bolso do colete e tirou dele uma navalha pequena, de aspecto afiado. Depois aproximou-se cautelosamente de Sebastian, virou-lhe a cabeça sem vida para o lado e colocou a lâmina da navalha contra a sua face. Olhando para mim, fez sinal para que me aproximasse e deslizou a faca para baixo, revelando a ponta escura da letra C, marcada com ferro em brasa, por baixo da barba cerrada.

— Acho que o assunto está resolvido de vez.

Mal o ouvi pronunciar estas palavras, pois flutuava em algum lugar longe dali, onde ninguém me podia encontrar, penetrando cada vez mais nos túneis, lá longe nos Montes das Trevas e depois em túneis cada vez mais escuros até me encontrar tão longe e tão profundamente no interior da terra que nunca mais seria encontrada. E estava tudo muito escuro mesmo.

— Acorda, Alexa! Acorda!

Senti-me como se me tivessem puxado para a luz por uma corda e, quando acordei, vi o rosto familiar de meu pai, os seus olhos reconfortantes olhando para baixo, para mim. Estiquei os braços e abracei-me ao seu pescoço. Apesar da dor que tinha nas costelas, abracei-o mais fortemente e durante mais tempo do que alguma vez o tinha abraçado.

— Desmaiou — disse o meu pai. — Yipes tentou reanimá-la, mas não conseguiu. Foi a Bridewell buscar ajuda.

Olhei para o lugar onde Sebastian estava e vi Pervis inspecionando o corpo. Em seguida observou o monte de tábuas partidas e a entrada do túnel e, finalmente, com uma expressão de espanto, os seus olhos pousaram no homenzinho sorridente que se encontrava à sua frente.

No silêncio daquele momento, percebi, pela primeira vez, o que tinha acontecido. Yipes tinha estado em Bridewell, com pessoas — pessoas civilizadas —, o que significava que seria só uma questão de tempo até ele perder o dom de falar com os animais.

— Não pode ser — disse eu. — Por favor, diga-me que não o fez! — Estiquei o braço para segurar na mão dele e ele pegou na minha, mas não olhou para mim.

— Valeu a pena, Alexa. Acredite que valeu a pena — disse Yipes. — Além disso, sinto que as coisas vão mudar lá fora. Isto só acelera um pouco as coisas.

Segurei a sua minúscula mão durante muito tempo, os meus olhos enchendo-se de lágrimas, e sussurrei baixinho:

— Obrigada!

Murphy aproximou-se e saltou para a nova abertura que conduzia ao território selvagem e equilibrou-se numa das tábuas partidas. Não havia sinal de *Darius*. Devia ter partido pelo túnel quando Yipes fora em busca de auxílio, com receio de ser visto por seres humanos.

— Vamos, Yipes. Está na hora de irmos embora — disse *Murphy*.

Abanei a cabeça para indicar que concordava e larguei a mão de Yipes.

— Nos veremos outra vez — afirmou ele, saltando para o buraco. Fiquei a vê-lo desaparecer na escuridão. *Murphy* apareceu outra vez, pulou da entrada do túnel e aterrou confiantemente nos meus braços abertos.

— Você é uma heroína — disse. — Não tão grande como eu, mas não deixa de ser uma heroína.

Abracei-o, levantei-me e pousei-o dentro do buraco e, pouco depois, ele também tinha desaparecido.

— Temos que voltar à superfície, Alexa. Isto ainda não acabou — disse Pervis.

Abandonei a pequena e sombria caverna, com a sua ferida recém-rasgada, com o meu pai de um lado e Pervis do outro. Era reconfortante tê-los comigo.

— Quem é o roedor? — perguntou Pervis, colocando o braço em volta dos meus ombros.

— Na verdade, é um esquilo... um esquilo bom. Fala um pouco demais, mas é um bom rapaz.

Pervis riu e eu consegui esboçar um sorriso. Ele não fazia a mínima idéia de que eu estava dizendo a verdade.

CAPÍTULO 27

PARA LÁ DE BRIDEWELL

Quando saí da Casa Renny, a chuva caía em cântaros e o vento soprava furiosamente pela praça. No meio do ruído da tempestade, ouvi outro som, um som mais ameaçador. Era o som abafado de metal e homens. A invasão tinha começado.

Embora conseguisse ouvir o som ameaçador do inimigo a avançar, não conseguia vê-lo. Os homens estavam escondidos e parecia que o nosso plano iria funcionar. Nas últimas doze horas, todas as pessoas fisicamente capazes em Bridewell tinham trabalhado incansavelmente para construir uma muralha dentro de uma muralha. Sabíamos que o inimigo viria do lado dos Montes das Trevas e por isso, a metade de cima da muralha que separava Bridewell da floresta tinha sido desmontada pedra por pedra, e construída novamente com seis metros de altura em toda a volta da praça no centro da cidade. O inimigo estava encurralado numa prisão de pedra, semelhante àquela em que eu vivera presa a vida toda.

Assim que todos os prisioneiros tinham entrado, prontos a atirar-se sobre Bridewell, no meio da noite escura, as explosões foram detonadas nos locais coincidentes com o mapa. Senti as pedras da calçada ribombar debaixo dos meus pés. As explosões foram utilizadas para termos certeza de que o túnel desabaria, encurralando os condenados, uns debaixo da terra, mas a maioria já fora do túnel, ignorando completamente a partida que lhes tinha sido pregada.

— Vão tentar escalar as muralhas. Temos que nos apressar! — gritou Pervis. Com um olhar feroz, o meu pai fez-me sinal para que regressasse para casa e depois se virou e desapareceu na noite.

Fiquei ali de pé, imóvel, com a chuva a fustigar-me e o medo a gelar-me os ossos. Tinha um medo terrível de que o inimigo escapasse por cima da muralha e tomasse Bridewell e que eu fosse feita prisioneira, ou coisa pior. Uma enorme rajada de vento varreu a praça e eu tive que fazer força para não ser atirada para trás.

Tinham-se colocado escadas em volta da muralha e havia guardas de quando em quando, lá em cima. Estavam com dificuldade em manter as suas posições devido à chuva e ao vento, e eu temia que fossem atirados lá de cima,

para a morte. Sem pensar, comecei a caminhar e depois a correr na direção de uma das escadas. Escalei a muralha sob a forte chuva, a dor nas costelas recordando-me, a cada passo, o ataque de Ganesh. Depois, de pé no alto da muralha, espiei para baixo, para o outro lado da mesma.

Os condenados tinham subido para os ombros uns dos outros, segurando-se nos intervalos entre as pedras e escalando a muralha. Do meu lado esquerdo, havia uma pilha de pedras, todas do tamanho de uma maçã grande, ali colocadas para servirem de armas, precisamente numa situação destas.

— Você, aí! — berrou um guarda, à minha esquerda. — Que está fazendo? Desça da muralha! — Mas os condenados estavam subindo por baixo dele, tal como por baixo de mim. Não conseguia ver ao longo de toda a vedação, mas calculei que houvesse homens escalando a muralha por toda a volta.

Peguei numa pedra e atirei-a para baixo. Atingiu o ombro de um dos homens, uns metros abaixo. Ele gritou, mas não caiu, e depois olhou para cima, para mim, e rugiu por entre dentes cerrados. Peguei noutra pedra e atirei novamente, desta vez atingindo-o na cabeça, fazendo-o soltar-se e cair para o chão, vivo, mas ferido.

A chuva começou a abrandar e o ruído do inimigo recuou. Estavam se agrupando no centro do cerco, encostando-se uns aos outros como reluzentes pedregulhos arredondados e negros.

— Alexa! — Era Pervis, que corria pelo topo da muralha, na minha direção. Quando chegou junto de mim, fez-me sentar. Eu nem tinha reparado que estava bem na beirinha, a uma rajada de vento de uma queda para a morte.

— O que faz aqui em cima? — perguntou ele. — Podia ter morrido!

Olhei para o centro da prisão que tínhamos construído e percebi que algo não estava bem. Eles tinham desistido de escalar a muralha e corriam para se juntar no meio da praça. Onde estavam os outros?

— Que se passa, Pervis? Recuaram para o túnel?

Pervis fitou-me durante um longo e silencioso momento antes de responder.

— Já mandamos alguns homens verificar Alexa, e só há estes.

— Onde se meteram todos eles?

Pervis olhou para mim, protegendo os olhos da chuva, com uma mão.

— Morreram todos, Alexa. A maioria morreu há anos. Só restam os que estão na praça. Vamos descer daqui antes que a chuva e o vento piorem novamente. — Ele desceu alguns degraus da escada e eu o segui, feliz por tê-lo a vigiar-me enquanto descia os degraus escorregadios. Quando chegamos ao chão, reparei num fio de sangue que lhe escorria pela face.

— Onde arranjou esse golpe que tem na testa? Não me diga que um deles

conseguiu atingi-lo?! — provoquei. Pervis levou a mão à têmpora e limpou um pouco do sangue aguçado, fazendo uma careta de dor.

— Escorreguei enquanto subia a escada e bati com a cabeça na muralha — explicou, colocando uma mão em cima de uma das pedras maciças da estrutura que tínhamos passado dois dias a construir. — Parece que a única coisa que está causando dor por aqui são estas ridículas muralhas que continuamos a construir.

No final das contas, eram cinqüenta e sete os condenados que tentaram invadir Bridewell nessa noite. Todos os outros tinham morrido à espera que Sebastian ou Ganesh, ou quem quer que essa pessoa fosse, desse ordem para atacar. Ele tinha se aproveitado indecentemente da predisposição deles para seguir cegamente qualquer pessoa que os liderasse. Enquanto ele tinha vivido uma vida de rei durante muitos anos, eles tinham permanecido escondidos em túneis, tinham tido dificuldade em encontrar comida e assistido à morte, por doença, dos seus companheiros. A maioria deles ainda não atingira a idade adulta ao dar entrada na prisão em Ainsworth e, ao vê-los ali encolhidos na praça, naquela noite, fiquei com a impressão de que apenas ansiavam por um lugar que pudessem chamar lar. Estava com medo do que lhes iria acontecer, mas o meu receio era desnecessário.

Uns dias mais tarde, depois das coisas terem acalmado, o meu pai e Nicholas decidiram enviar vinte dos condenados sobreviventes para Lunenburg, vinte para Turlock e dezessete para Lathbury. Era mais fácil lidar com eles em grupos pequenos e cada cidade estava disposta a fazer a sua parte. A vontade de lutar tinha abandonado a maioria dos condenados, principalmente depois de terem compreendido o que Ganesh lhes tinha feito. Alguns deles, embora não todos, foram reabilitados e viveram vidas produtivas e havia outros que até pareciam deslocados como condenados. Um destes homens, chamado John Christopher, se tornaria meu amigo (mas essa é uma outra história).

Alguns dias depois dos condenados terem sido transferidos, o meu pai e eu levamos um grupo de homens até o ponto central da estrada que ia de Bridewell a Turlock, e fizemos buracos de cerca de dois metros de diâmetro nas muralhas, de ambos os lados da estrada. Antes de regressarmos, meu pai e eu olhamos para as montanhas e observamos enquanto *Darius* aparecia diante dos nossos olhos. Depois olhei para a Floresta Fenwick, do outro lado, e vi mais dois lobos aparecerem por entre as árvores. Eram *Odessa* e *Sherwin*. Se reuniriam, finalmente, nesse mesmo dia. Acenei em ambas as direções e os três lobos uivaram:

— Obrigado!

Foi a última vez que entendi a fala de um animal.

EPÍLOGO

Um mês após a invasão, o povo de Bridewell votou a favor da derrubada das muralhas. Seis meses depois disso, os gigantescos blocos de pedra que formavam as paredes maciças jaziam espalhados pelo chão do vale em milhares de pedaços, com ervas daninhas e flores a crescer entre pedras rachadas como uma interminável lápide partida. As únicas muralhas que permanecem de pé são as que envolvem Bridewell, por decisão do meu pai e de Nicholas, satisfazendo uma insistência de Pervis. A cidade ergue-se agora, solitária, como uma fortaleza amuralhada, no centro de tudo. Talvez essa muralha tenha a sua utilidade num futuro distante que eu não consigo vislumbrar, mas por agora, apenas me recorda um passado de cativo, que fico contente por deixar para trás.

Todos concordam que a vida é melhor sem as muralhas. No entanto, às vezes tenho medo do mundo exterior e, de quando em quando, nos meus pensamentos íntimos, desejo que as muralhas ainda estejam lá para me proteger. Sinto que estou crescendo, que a segurança da infância me foi arrancada e que acordei à beira de algo perigoso. As muralhas desapareceram e eu posso fazer o que me apetece. É uma liberdade para a qual não tenho certeza de estar preparada.

Hoje em dia, quando faço a viagem de Lathbury para Bridewell, vejo animais ao longo do caminho. Já não entendo o que dizem e isso me faz sentir velha, como se a criança que havia em mim tivesse desaparecido por completo. Mas, de vez em quando, ainda recebo um olhar estranho de um esquilo, de um lobo ou de uma raposa, e recordo a excitação daqueles dias e tudo o que estava em jogo. Jamais alguém saberá ou entenderá a intensidade destas minhas recordações. Durante um breve momento, sinto-me como se tivesse doze anos novamente, sinto a magia que enche a floresta e quase consigo ouvir os animais falando.

Da última vez que visitei Bridewell, passei horas e horas na biblioteca, percorrendo os corredores de livros, em busca de um livro que me fizesse companhia. Grayson e eu ficamos sentados lendo o dia inteiro, por vezes cochilando, outras partilhando um trecho preferido, como só velhos amigos são capazes de fazer.

Pervis ainda é o chefe dos guardas. Com tantas muralhas derrubadas, ele

parece mais Arisco, lançando constantemente um olhar receoso na direção de Ainsworth e dos Montes das Trevas.

Yipes mudou-se para Lathbury durante quase um mês, mas sentiu tanta falta das montanhas que regressou à sua casa junto ao rio. Parece satisfeito por viver os seus dias quase sempre sozinho, e regressa constantemente à lagoa à procura de mais pedras. Eu sei disto porque às vezes vou com ele e também procuro. Mas nunca encontramos nenhuma pedra. As que encontramos são tão deslavadas e sem vida como a que trago ao pescoço, numa bolsinha de couro.

Na realidade, tanto quanto sei, toda a magia de Elyon desapareceu do vale, deixando para trás um vazio seco e estéril, mesmo durante a época das chuvas. Suponho que a muralha tinha a sua maneira própria de manter a beleza encantadora do território selvagem afastada de nós por uns tempos, mas acabamos por descobrir uma forma de apagar a pouca magia que restava. Talvez seja isso que as pessoas fazem, ou talvez Elyon, se é que ele existe mesmo, esteja se afastando cada vez mais de nós, como sugeriu *Ander*, na floresta. Quem me dera ter pressionado *Ander* para obter mais respostas quando tive oportunidade de fazê-lo. Receio que o silêncio que existe entre nós faça com que Elyon seja sempre um mistério para mim.

Ultimamente tenho me interrogado se deveria ou não partir em busca de um lugar onde se possa entrar numa lagoa de água gelada e sair de lá conseguindo falar com os animais. Um lugar onde se podem encontrar mensagens secretas e onde os esquilos são cheios de bravura cômica. Às vezes penso que poderia convidar Yipes e que ele iria comigo. Viajaríamos pelo mundo, como Warvold, em busca de bolsas de magia em lugares onde a presença de Elyon ainda se fizesse sentir. Mas já não tenho doze anos e tenho quase certeza de que aventuras assim só acontecem quando se é criança.

Os meus pensamentos voltam-se constantemente para Elyon e para tudo o que *Ander* me contou sobre ele. O mistério deste «criador» mítico tomou conta da minha mente e não consigo tirá-lo de lá. O meu mundo foi sempre tão pequeno, escondido atrás de muralhas, mas começo a pensar que esta Terra de Elyon é maior e mais perigosa do que alguma vez pude imaginar. Quantos mistérios me aguardam para lá das muralhas?

O que será que aconteceria se conduzisse a minha carroça de uma ponta à outra de Bridewell e depois até Ainsworth e além dela? Sou uma menina de treze anos e não há uma única muralha à vista que me impeça de fazê-lo.

Foi um coelho que acabou de me piscar o olho? Acho que acabo de ver *Ander* no meio do nevoeiro, e estou ouvindo *Darius* uivar no meio das árvores fustigadas pelo vento. Será que Elyon se esconde nas sombras, esperando-nos, ansiando estar conosco uma vez mais? Talvez seja boa idéia fazer uma visita

surpresa a Yipes e levar-lhe um saco grande de tomates.

NOTAS DO AUTOR

Este livro foi inicialmente escrito como uma história semanal para as minhas duas filhas. Se se cruzarem com elas nas suas viagens, tapem os ouvidos e fujam na direção oposta. Elas são uns amores, mas falam demais e estamos sempre em algum lugar à frente do leitor, nas aventuras de Alexa.

Bridewell existiu mesmo: era uma prisão na Inglaterra, onde realmente punham a marca V, com ferro em brasa, nos vagabundos.

Casa Renny era o nome de um dos edifícios da histórica prisão de Bridewell.

Lunenburg (a primeira cidade fundada por Warvold) é o nome de uma cidade no poema de Robert Frost, «A Montanha».

O Grob é uma estratégia do xadrez usada exatamente com os objetivos descritos nesta história.

Cabeza de Vaca era o nome de uma pessoa que existiu mesmo, um explorador espanhol do século

XVI.

Para saber mais sobre Patrick Carman e *A Terra de Elyon*, visite o site:

www.scholastic.com/landofelvon



As Terras de Elyon é o título de uma série que te revela um mundo fantástico. Neste primeiro livro descobrirás um reino circundado por altas muralhas que protegem até mesmo as estradas que ligam as suas cidades. Alguém as mandara construir, a fim de proteger o território e os seus habitantes dos perigos ameaçadores que se acreditava existir para além das muralhas. Naquele Verão, Alexa Daley, de doze anos, acompanhou o pai, como todos os anos quando este se deslocava a Bridewell, a cidade principal. Ela antecipa o prazer de explorar o enorme e velho casarão onde vão permanecer, cheio de recantos secretos e com uma confortável biblioteca onde Alexa se costuma instalar a ler e dormir boas sonecas. Acontece que Alexa é muito curiosa e sempre ansiou por explorar o misterioso mundo no exterior das muralhas. Então, por um estranho acaso, a chave que abre uma porta secreta vem parar às suas mãos! Corajosamente Alexa empreende uma viagem de descoberta a um mundo mágico onde nada é o que parece.

Patrick Carman começou por criar esta série de histórias com o propósito de as contar às suas duas filhas para as entreter e inspirar. Depois outras crianças as foram lendo e gostando tanto delas que fizeram desta série um *bestseller* internacional com milhões de cópias impressas.

Um livro que permaneceu 10 semanas consecutivas na lista dos livros mais vendidos do *New York Times*!



UMA OBRA QUE VAI AGRADAR A TODOS OS LEITORES DE
HARRY POTTER E AS CRÓNICAS DE PÁRPIA.

 EDITORIAL PRESENÇA



Table of Contents

[Folha de Rosto](#)

[Dedicatória](#)

[Agradecimentos](#)

[PARTE I](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[PARTE II](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[EPÍLOGO](#)

[Notas do Autor](#)